



Universidade de Brasília (UnB)
Faculdade de Ciência da Informação (FCI)
Departamento de Museologia
Curso de Graduação em Museologia

ATENEA GARCIA GOMEZ

REMOVENDO PEDRAS E PLANTANDO FLORES: patrimônio afetivo, economia solidária e oficina do objeto na Associação Mulheres Coralinas, Cidade de Goiás-GO

**BRASÍLIA - DF
2023**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

GG633r Garcia Gómez, Atenea
REMOVENDO PEDRAS E PLANTANDO FLORES: Patrimônio Afetivo,
Economia Solidária e Oficina do Objeto na Associação
Mulheres Coralinas, Cidade de Goiás-GO / Atenea Garcia
Gómez; orientador Clovis Carvalho Britto. -- Brasília,
2023.
113 p.

Monografia (Graduação - Museologia) -- Universidade de
Brasília, 2023.

1. Museologia. 2. Patrimônio Afetivo. 3. Oficina do
Objeto. 4. Mulheres Coralinas;. 5. Economia Solidária. I.
Carvalho Britto, Clovis , orient. II. Título.

ATENEA GARCIA GOMEZ

**"REMOVENDO PEDRAS E PLANTANDO FLORES": PATRIMÔNIO
AFETIVO, ECONOMIA SOLIDÁRIA E OFICINA DO OBJETO NA
ASSOCIAÇÃO MULHERES CORALINAS, CIDADE DE GOIÁS-GO**

Monografia submetida ao corpo docente do Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília - UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Aprovado por:

Clovis Carvalho Britto	Ana Lúcia de Abreu Gomes	Girlene Chagas Bulhões
Professor de Magistério Superior na Universidade de Brasília	Professora de Magistério Superior na Universidade de Brasília	Museóloga do IBRAM
Doutor em Museologia pela Universidade Lusófona	Doutora em História pela Universidade de Brasília	Mestra em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás



Documento assinado eletronicamente por **Clovis Carvalho Britto, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 12/12/2023, às 19:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Lucia de Abreu Gomes, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 12/12/2023, às 20:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Girlene Chagas Bulhões, Usuário Externo**, em 12/12/2023, às 22:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **10687826** e o código CRC **767D4D57**.

Referência: Processo nº 23106.136566/2023-91

SEI nº 10687826

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Gleba A, , Brasília/DF, CEP 70910-900
Telefone: e Fax: @fax_unidade@ - <http://www.unb.br>

Para la Catherine de 1998 y la Atenea de
2013

AGRADECIMENTOS

Chegou o momento em que a academia permite que eu registre a minha gratidão às pessoas que fizeram parte não só do meu processo de pesquisa do TCC, mas da minha jornada na UnB. Vou começar agradecendo a Deus, a la virgencita e ao meu anjo da guarda que nunca me deixaram sozinha e me permitiram conhecer tantas pessoas incríveis.

Obrigada a todo mundo que comprou a rifa para ajudar nas despesas do meu tcc e as pessoas que rezaram pelo sucesso da minha graduação durante estes anos, são essas orações que me trouxeram até aqui.

Ao Professor Clóvis, que foi um orientador exemplar e me guiou em cada etapa do meu trabalho, fico muito feliz de ter tido seu incentivo.

Ao Doutor Mário Chagas, que atendeu a minha ligação e mergulhou comigo na poética da oficina do objeto. Obrigada demais!!

Trilhar doze semestres de graduação não seria possível sem o apoio dos meus colegas do Laboratório de Inteligência de Redes, em especial Lu e a Dani, meus colegas da Museotec, do Welcom, do Beijódromo, dos freelancers museológicos, do Senado, do CCBB, da Casa de Cultura da América Latina, da Sapoti, do Centro Acadêmico, da FCI, e eles, que me salvaram no último semestre: um salve especial pra galera do Forró.

Obrigada ao Professor Dalton, que lá em 2018 foi o primeiro a me chamar de pesquisadora e ao Mestre Vavá, que me mostrou os tantos caminhos que a Museologia pode percorrer.

Obrigada aos trabalhadores e trabalhadoras da UnB, em especial aos terceirizados que são o motor da universidade.

Agradeço a amizade da minha maior inimiga museológica, o que você me ensinou sobre arte-educação nenhuma universidade ensina, amo odiar você.

Obrigada ao trio ternura, as nossas marmitas na FT, aos dindins da tia pós-ru e os rolês aleatórios pela universidade. É uma honra dividir estes anos ao lado de vocês.

Obrigada ao croissant de chocolate do amarelinho.

Fora do contexto acadêmico mas tão importantes quanto, agradeço à:

À minha parceira de becos Coralineos com quem divido as experiências da minha viagem a Goiás. Obrigada por ser mais do que uma irmã.

Lulu, obrigada pela sua existência, pelo acolhimento da sua família e em especial pela sua amizade, não sei colocar em palavras o quanto sou grata então vou pegar emprestadas da bíblia, vai lá, eclesiastes 6,14.

Patricia, Thais e Thaynara, obrigada por cuidarem do meu processo terapêutico, gratidão pelo trabalho de vocês, foram fundamentais em cada etapa que participaram.

Lena e Lulu, vocês não sabem ler ainda mas já deixo em registro minha promessa, desejo honrá-las com meu trabalho para sempre, mostrando como a cultura, a política e a educação são a maior força que existirá dentro de vocês.

As marianas e não marianas do multiuniverso nada paralelo, em especial a de Curitiba, obrigada pela ajuda nas referências e por sempre ter os melhores conselhos.

Queridas Mulheres Coralinas, quem são vocês se não a representação do âmago do coletivo? Obrigada por existirem, resistirem e não desistirem. Um agradecimento especial a Ebe, que carrega um coração de sonhos e está a todo momento pensando no melhor para o projeto, obrigada por me mostrar que a gente consegue mudar o mundo quando se une em fraternidade.

Um obrigada extra a duas pessoas Coralinas honorárias: Adriana, que compartilhou comigo as lembranças do seu marido e que graças a elas, hoje finalizo o terceiro capítulo do meu trabalho e ao Vascaíno-Esmeraldino Alviverde que me trouxe de volta para as terras brasilienses.

Peço licença para escrever os agradecimentos das minhas matriarcas em espanhol.

Abuela, gracias por enseñarme los valores que conozco, gracias por mostrarme que el respeto, el trabajo y la solidaridad son la base para cualquier cosa. Gracias por enseñarme a ver el mundo a partir de la creatividad y el arte.

Nunca hubiera encontrado el refugio en las palabras si no fuera el ejemplo de mi tía que todos los días se levanta ligero a leer el periódico. Tía, usted me muestra que la alfabetización es lo más precioso que podemos adquirir y que nadie nos puede quitar el conocimiento que llevamos dentro.

Por último y haciendo referencia a la dedicatoria de este TCC, le agradezco a la Catherine de 1998: Mami, este trabajo es la concretización de nuestros anhelos, nuestro amor por el saber está plasmado en cada párrafo, esta es solo una de nuestras grandes conquistas. Aprovecho y le dejo un mensajito a la Atenea de 2013: miya usted ni se imagina las cosas grandiosas que Dios le ha reservado, no se rinda! Brasil tiene mucho pa' mostrarle.

E é lógico que eu tenho que agradecer o Harry Patas. Au au au, au au, au. E em espanhol porque ele é bilíngue, Guau Guau Guau.

RESUMO

Este trabalho explora a interseção entre Museologia, Economia Solidária e Patrimônio Afetivo focalizada na Associação "Mulheres Coralinas" da cidade de Goiás-GO. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e exploratória, incluindo análise documental e a realização da Oficina do Objeto. Os pilares da oficina destacam a ação e interação com objetos, cuidado e sensibilidade na abordagem, contágio narrativo dos objetos e considerações sobre a profundidade das afetações. Os capítulos do estudo abordam os conceitos de Patrimônio Afetivo e Economia Solidária, a vida de Cora Coralina e a trajetória das Mulheres Coralinas, enfatizando as influências da autora nos valores da Associação. O terceiro capítulo, escrito em primeira pessoa, relata reflexões da pesquisa de campo, respeitando a subjetividade da ação. Este trabalho contribui para a Museologia ao destacar a potencialidade da Oficina do Objeto como ferramenta de mobilização de afetos, promovendo diálogos íntimos e enriquecendo a compreensão do patrimônio imaterial.

Palavras-chave: Museologia; Patrimônio Afetivo; Economia Solidária; Mulheres Coralinas; Oficina do Objeto.

ABSTRACT

This study explores the intersection between Museology, Solidarity Economy, and Affective Heritage focused on the "Mulheres Coralinas" Association in the city of Goiás-GO. The research adopts a qualitative and exploratory approach, including documentary analysis and the realization of the "Oficina do Objeto" (Object Workshop). The pillars of the workshop emphasize action and interaction with objects, care and sensitivity in the approach, narrative contagion of objects, and considerations about the depth of affectations. The chapters of the study address the concepts of Affective Heritage and Solidarity Economy, the life of Cora Coralina, and the trajectory of the Mulheres Coralinas, emphasizing the author's influences on the Association's values. The third chapter, written in the first person, reports reflections from the field research, respecting the subjectivity of the action. This work contributes to Museology by highlighting the potential of the "Oficina do Objeto" as a tool for mobilizing affections, promoting intimate dialogues, and enriching the understanding of intangible heritage.

Keywords: Museology; Affective Heritage; Solidarity Economy; Mulheres Coralinas; Oficina do Objeto.

RESUMEN

Este estudio explora la intersección entre Museología, Economía Solidaria y Patrimonio Afectivo, centrándose en la Asociación "Mulheres Coralinas" de la ciudad de Goiás-GO. La investigación adopta un enfoque cualitativo y exploratorio, que incluye análisis documental y la realización de la "Oficina do Objeto" (Taller del Objeto). Los pilares del taller enfatizan la acción e interacción con objetos, el cuidado y la sensibilidad en el enfoque, el contagio narrativo de los objetos y consideraciones sobre la profundidad de las afectaciones. Los capítulos del estudio abordan los conceptos de Patrimonio Afectivo y Economía Solidaria, la vida de Cora Coralina y la trayectoria de las Mulheres Coralinas, destacando las influencias de la autora en los valores de la Asociación. El tercer capítulo, escrito en primera persona, relata reflexiones de la investigación de campo, respetando la subjetividad de la acción. Este trabajo contribuye a la Museología al destacar el potencial de la "Oficina do Objeto" como herramienta para movilizar afectos, promoviendo diálogos íntimos y enriqueciendo la comprensión del patrimonio inmaterial.

Palabras clave: Museología; Patrimonio Afectivo; Economía Solidaria; Mulheres Coralinas; Oficina do Objeto.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Fotografia de Cora Coralina.....	43
Figura 2 - Exposição do Museu das Bandeiras.....	56
Figura 3 - Fachada da casa.....	61
Figura 4 - Print do instagram das Mulheres Coralinas grafitando a parede da casa.....	64
Figura 5 - Placa da Rua Conceição Rodrigues Pereira.....	65
Figura 6 - Vista da lombada do bairro rio vermelho.....	71
Figura 7 - Placa do Muro da Amizade Sede das Coralinas.....	72
Figura 8 - Placa do Muro da Amizade Casa de Adriana.....	72
Figura 9 - Visita ao Auditório da Sede da Casa das Mulheres Coralinas.....	73
Figura 10 - Dia da Assembleia.....	75
Figura 11 - Plantio de Pequi I.....	76
Figura 12 - Plantio de Pequi II.....	77
Figura 13 - Maju Gontijo recitando seu cordel.....	78
Figura 14 - Almoço.....	78
Figura 15 - Auditório Organizado para a Recepção das Coralinas.....	81
Figura 16 - Eu e as Coralinas na oficina: Edina, Dinaira, Cecília, Beth, Josiane e Ebe.....	81
Figura 17 - Coralina Josiane Mostrando seu Vestido de Crochê.....	85
Figura 18 - Fotografia das Mãos Fazendo o Adobe.....	86
Figura 19 - Dona Cecília Mostrando seu Objeto.....	87
Figura 20 - Objeto de Ebe.....	88
Figura 21 - Possíveis Títulos para a Exposição.....	89
Figura 22 - Registro da Montagem da Exposição.....	90
Figura 23 - Objetos não expostos.....	91
Figura 24 - Exposição.....	92
Figura 25 - Boneca da Cora Coralina com Pulseira da Colômbia.....	92
Figura 26 - Resultado da Oficina do Objeto.....	93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. “UM MODO DIFERENTE DE CONTAR VELHAS ESTÓRIAS”: ESTRUTURANDO CONCEITOS.....	20
1.1 Patrimônio Afetivo em perspectiva	20
1.2. Conceitualizando “Economia Solidária”.....	29
1.3 O Papel das Mulheres na Economia Solidária.....	38
2. “TODAS AS VIDAS DENTRO DE MIM”: ITINERÁRIOS DA ASSOCIAÇÃO MULHERES CORALINAS.....	43
2.1 Cora Coralina: breves notas biográficas.....	43
2.2 Mulheres Coralinas: jornada do projeto até a associação.....	51
3. “A GLEBA ME TRANSFIGURA”: OFICINA DO OBJETO E VIVÊNCIAS DO PATRIMÔNIO AFETIVO EM GOIÁS.	69
3.1 Reencontrando-se em Goiás.....	69
3.2 Reflexões sobre a oficina do objeto.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS	96
APÊNDICES... ..	104

INTRODUÇÃO

A Museologia, ao ser abordada como um potencial a ser explorado fora das instituições museais, pode revelar ainda mais a sua transversalidade e interdisciplinaridade. Essa perspectiva destaca o diálogo direto com a sociedade, promovendo a transformação do cotidiano por meio de políticas públicas que enfatizam a valorização da cultura, memória e patrimônio.

Este é o caso do projeto “Mulheres Coralinas”, hoje, Associação Mulheres Coralinas, que teve origem mediante o aporte de recursos de políticas públicas da Secretaria Especial da Mulher, implementadas pela Prefeitura Municipal de Goiás, com a finalidade de abordar a problemática da violência, tanto física como psicológica, direcionada às mulheres. Sua implementação se deu a partir de julho de 2014, com conclusão em março de 2016. Esta iniciativa concentrou-se em capacitar um total de 150 mulheres nas artes dos saberes manuais, muitas das quais se encontravam em situações de vulnerabilidade social, sendo tais participantes então designadas de "Coralinas", em tributo a Cora Coralina.

Ana Lins dos Guimarães Peixoto, conhecida sob o pseudônimo de Cora Coralina foi uma autora da cidade de Goiás que deixou seu legado imortalizado nos seus fazeres e saberes, como doceira, como escritora e como mulher. Lançando seu primeiro livro aos 76 anos, Cora Coralina foi um exemplo inspirador para as mulheres que participaram do projeto "Mulheres Coralinas". Assim como ela, essas mulheres abraçam a vulnerabilidade e força da sua trajetória e compartilham suas experiências com o mundo. Como menciona Ebe Maria Siqueira, presidente da associação e uma das fundadoras do projeto, na entrevista para a rádio Olhos d'água em agosto de 2020,

E o mais importante (...) é dar um sentido ao nome da própria associação. (...) buscar na poesia e na vida de Cora o motivo inspiracional para esse coletivo de mulheres. (...) Formamos um grupo de vocalização de poesia junto com essas senhoras, com essas mulheres. Então digamos que a poesia de Cora, que é o nosso maior capital cultural, foi o motivo inspiracional para o bordado, para a argila, para a fibra. (LIMA, 2020)

Nesse contexto de conexões entre mulheres, percebe-se como a afetividade e valorização da subjetividade das expressões culturais tem o potencial de se tornar uma ferramenta poderosa para explorar a memória coletiva. Essa abordagem ressoa não apenas nas experiências das mulheres do projeto "Mulheres Coralinas", mas também encontra eco em iniciativas como o Workshop "Oficina do Objeto".

A proposta do Workshop “Oficina do Objeto” registrada como documento acadêmico pela primeira vez por Mário Chagas no Anais do II Seminário de Museus-Casa em 1998, apresenta uma estratégia de evocação do Patrimônio Afetivo. A concepção do autor, ao conectar a relação entre objetos e identidade, fundamenta uma experiência que busca desvendar e compartilhar fragmentos singulares de cada participante por meio da interação com seus objetos afetivos: “Nós usamos objetos e falamos de nós (...) Estes objetos, isoladamente, são muito pouco; mas quando atribuímos o nosso valor afetivo (...) eles nos revelam um pouco de nós mesmos” (CHAGAS, 1998, p.62).

O Workshop vinculado às memórias e objetos se torna uma estratégia para evocar o Patrimônio Afetivo (OLIVEIRA, 2019) a partir do entendimento de que este patrimônio propõe “narrar, em um jogo contínuo em que se fala, escuta, registra e transmite, unem-se os elementos nucleares que formatam (...) o potencial que têm de afetar e transformar esses sujeitos” (OLIVEIRA, RIBEIRO, 2019, p.246)

Além da evocação desse patrimônio, propõe-se que a Oficina do Objeto também ative a Museologia do Afeto (MINOM, 2016) já que, a partir da mediação dos objetos, a afetividade circula para a dinâmica do coletivo, potencializando a vocalização dos sentimentos evocados pela memória individual e suas afetações com o espaço atuando “a favor da realização de práticas culturais inclusivas, pautadas pela dimensão do afeto e da reciprocidade” (MINOM, 2016, p2)

Não seria possível falar sobre as Mulheres Coralinas e não se debruçar sobre o tema da economia solidária, um dos pilares da associação, mais ainda, quando o papel de gênero, territorialidade e identidade se mostra latente dentro deste sistema de produção de capital.

A Economia Solidária é um modelo econômico que busca a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, baseada na cooperação, na autogestão e na solidariedade. Segundo Paul Singer (2001), referência do tema no Brasil, os princípios básicos desta economia são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. A Economia Solidária não tem como objetivo principal a acumulação de capital, mas sim a satisfação das necessidades humanas e a promoção do bem-estar coletivo. Neste caso, à Associação Mulheres Coralinas ASCORALINAS é uma iniciativa de prática democrática que possibilita a socialização do capital cooperando com ações de justiça social já que a aplicação desses princípios engloba numa única classe, tanto as trabalhadoras como as possuidoras do capital, de forma equitativa.

Meu interesse pelos temas que envolvem a Associação Mulheres Coralinas, a economia solidária e o Patrimônio Afetivo nasceram da minha experiência durante a primeira visita à cidade de Goiás. Realizada em comemoração ao meu aniversário em 2022, essa viagem foi compartilhada com minha melhor amiga, Gabriela Valaitis. Durante essa estadia, tive a oportunidade de conhecer a loja das Mulheres Coralinas, o que me proporcionou uma compreensão mais profunda sobre a mobilização da cidade em torno do legado de Cora Coralina.

Na breve conversa que tive com uma das Coralinas naquela visita, pude enxergar na sua sensibilidade o orgulho que ela sentia ao mostrar seu trabalho, afetando-me com sua história. Eu, como filha de mulheres imigrantes, identifiquei na narrativa daquela Coralina, a autenticidade da minha tia-vo, Alba, a simplicidade da minha abuela, Luz, e a coragem da minha mãe, Catherine.

Embora naquele momento ainda não contasse com um projeto definido para meu trabalho de conclusão de curso, esse primeiro contato reacendeu em mim a proposta de explorar as diversas narrativas possíveis na Museologia. Essa perspectiva foi moldada ao longo dos meses de aulas de Introdução ao Trabalho de Conclusão de Curso ministradas pelo professor Doutor Clóvis Carvalho.

Para amparar as narrativas museológicas ao abordar a Oficina do Objeto e suas nuances na Associação Mulheres Coralinas, foi preciso olhar esta ação como parte de um processo museológico comunitário (SANTOS, 1996). O processo museológico comunitário é uma abordagem participativa na gestão e preservação do patrimônio cultural, que envolve ativamente a comunidade local. Diferentemente do modelo tradicional de museus centrados em especialistas, o processo museológico comunitário valoriza a colaboração, incentivando a comunidade a participar ativamente na definição, interpretação e apresentação de sua própria história e cultura. Essa abordagem promove a apropriação e reapropriação do patrimônio cultural, integrando a memória coletiva, práticas sociais e experiências cotidianas, buscando não apenas preservar, mas também fortalecer identidades locais e fomentar o desenvolvimento social sustentável.

Mobilizar o conceito de economia solidária foi fundamental para registrar a minha visão em relação ao que considero como alternativa para vencer as desigualdades provocadas pelo capitalismo. Instigar a evocação do Patrimônio Afetivo (OLIVEIRA, 2019) a partir da Oficina do objeto é trazer para o campo da Museologia, uma experiência que pode abranger

todos os espaços que ela compõe, apresentando novas movimentações para a afetividade e a visão sobre o patrimônio.

Sendo assim, o objetivo geral da pesquisa é refletir sobre as potencialidades da oficina do objeto, usando o conceito de Patrimônio Afetivo (OLIVEIRA, 2019) como base evocativa para a ação, relacionando-o à perspectiva da economia solidária no dia a dia da associação Mulheres Coralinas. Como objetivos específicos foram delimitados:

1. Contextualizar os conceitos de Economia Solidária e Patrimônio Afetivo.
2. Apresentar a vida de Cora Coralina e a trajetória da Associação ASCORALINAS
3. Realizar, registrar e refletir sobre as experiências geradas na visita de campo à Cidade de Goiás.

Com a finalidade de alcançar os objetivos propostos por este trabalho, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e exploratória, dividida em três momentos distintos. No primeiro estágio, foi realizado um levantamento do conhecimento acumulado por meio de pesquisas bibliográficas, realizando uma análise dos conceitos de Economia Solidária, Patrimônio Afetivo, e uma contextualização sobre a Associação Mulheres Coralinas e a vida de Cora Coralina. Este processo fundamentou a Oficina do Objeto que aconteceu em seguida, proporcionando uma base teórica contextualizada.

Durante a análise documental, foram exploradas diversas camadas que compõem o estudo de caso a ser pesquisado. Os materiais investigados abrangem tanto fontes primárias, coletadas diretamente das mulheres Coralinas, quanto fontes secundárias, como artigos, monografias e teses produzidas por indivíduos externos à comunidade. Esses documentos formarão uma base teórica consistente, estruturando conceitos relevantes para a pesquisa. O conceito de "documento", conforme proposto por Godoy (1995), incluirá materiais escritos, estatísticas e elementos iconográficos, sejam eles primários, produzidos por testemunhas diretas, ou secundários, coletados por observadores não presentes no momento do evento estudado.

Elaine Guerra, em seu Manual de Pesquisa Qualitativa (2014), destaca que a abordagem qualitativa é especialmente indicada para investigações científicas com caráter social subjetivo, permitindo compreender os sujeitos de pesquisa como atores sociais com opiniões, crenças e valores respeitáveis. Esse entendimento, alinhado à literatura de Mário Chagas (1998) sobre a Oficina do Objeto, serviu como alicerce para o desenvolvimento do roteiro da Oficina do Objeto "Mulheres Coralinas".

Essa abordagem metodológica integrada, desde a análise documental até a realização da Oficina do Objeto. O cuidado na organização dos documentos e a sensibilidade na codificação foram cruciais para extrair narrativas e fundamentar a experiência da oficina de maneira significativa entendendo a riqueza de histórias, memórias e significados associados aos objetos das mulheres Coralinas.

A metodologia da oficina do objeto proposta para a Associação Mulheres Coralinas, em Cidade de Goiás-GO, buscou explorar a potencialidade de mobilização de afetos, sentimentos, pensamentos e reflexões na relação entre as participantes e os objetos, evidenciando a interconexão entre Patrimônio Afetivo (OLIVEIRA, 2019) e Museologia do Afeto (MINOM, 2016).

O Workshop "Oficina do Objeto," foi pioneiramente documentada por Mário Chagas nos Anais do II Seminário de Museus-Casa em 1998, a proposta original visa três momentos: o primeiro de escolha dos objetos, o segundo de comunicação das narrativas e por último a construção de uma exposição. Para aprofundamentos sobre como usar a oficina do objeto neste contexto foi contatado o autor da proposta. Foram feitos dois encontros, um presencial na 1ª Jornada Ibero-americana Museus e Sustentabilidade, realizada no dia 5 de julho de 2023, e outro por meio de contato telefônico no dia 7 de novembro de 2023.

As trocas auxiliaram na construção de pilares para a execução da oficina, sendo eles:

1. Ação e Interação com os Objetos

- Reconhecer os objetos como elementos ativos na comunicação, capazes de funcionar como personas ou máscaras que acionam narrativas e memórias.
- Compreender que, ao falar do objeto, as participantes estão, na verdade, expressando aspectos de si mesmos, possibilitando uma abertura para diálogos mais íntimos.

2. Cuidado e Sensibilidade na Abordagem:

- Adotar uma abordagem cuidadosa ao explorar os objetos, considerando a impossibilidade de fixar uma única direção ou interpretação.
- Levar em conta tanto as histórias das pessoas envolvidas quanto as narrativas acionadas nos objetos, reconhecendo a complexidade das relações entre ambos.

3. Contágio Narrativo dos Objetos:

- Reconhecer a capacidade de um objeto de influenciar a narrativa geral, destacando a importância de escolher cuidadosamente os objetos a serem explorados na oficina.
- Entender que um único objeto pode evocar diferentes sentimentos e memórias dependendo de quem o mobiliza, medeia e direciona a experiência.

4. Profundidade das Afetações:

- Atentar para o risco de perder o controle em relação à profundidade das afetações, sendo necessário estabelecer limites claros para garantir um ambiente seguro e respeitoso.
- Proporcionar momentos de reflexão para as participantes, incentivando a consciência sobre as emoções evocadas e a importância de manter um equilíbrio emocional.

A Oficina do Objeto a ser realizada junto às Mulheres Coralinas levou em consideração essa base para a sistematização do momento, sendo então adaptada com as seguintes etapas:

1. Dinâmica de Vocalização e Ressonância de palavras: este momento consiste em ler um texto, neste caso um poema da Cora Coralina e apresentar as palavras que ressoam partilhando o porquê da escolha das mesmas, a partir delas, as participantes são convidadas a criar frases que serão no final o título da exposição.
2. Compartilhamento de narrativas a partir dos objetos: narrar as evocações surgidas pela interação entre as pessoas e os seus objetos.
3. Construção de exposição museológica: mediante o reconhecimento desses objetos como acervo evocativo, surge a elaboração da exposição, entendendo o espaço da oficina como possibilidade de comunicar os afetos para além das próprias participantes.

Sendo assim, o primeiro capítulo propõe refletir sobre os conceitos de Patrimônio Afetivo e Economia Solidária, abrangendo suas nuances históricas, etimológicas e sociais. No segundo capítulo, busca-se traçar o percurso da vida de Cora Coralina mediante uma breve retrospectiva. Posteriormente, será abordada a trajetória das Mulheres Coralinas, desde a concepção do projeto até a fundação da Associação. Durante esse processo, serão analisadas as influências da autora nos valores que permeiam a Associação. Guiada pelo artigo "O eu no trabalho acadêmico", de Samuel Oliveira Cersosimo (2021), a abordagem do terceiro capítulo será diferente. Opta-se por escrever em primeira pessoa, reconhecendo a necessidade de priorizar as experiências vivenciadas e respeitar a subjetividade envolvida neste estudo já que neste capítulo serão relatadas as reflexões que envolvem a pesquisa de campo feita na cidade de Goiás e o encontro com as Coralinas¹.

¹ O mais curioso é que, embora a negação do "eu" seja quase uníssona entre os autores de obras sobre metodologia de pesquisa em ciências humanas, não é regra prevista na norma técnica da ABNT referente aos trabalhos acadêmicos. Parece até um contrassenso observar que a tão famigerada e criticada reunião de normas técnicas, de caráter preponderantemente formal, tenha sido omissa quanto a este aspecto, enquanto a doutrina

que critica este excesso de regras tenha inventado para si uma “regra” a mais de formalidade. Apenas a NBR 6028:2003, que disciplina os requisitos para a elaboração e formatação dos resumos de trabalhos acadêmicos escritos é que, em seu item 3.3.2, traz a obrigatoriedade de “usar o verbo na voz ativa e na terceira pessoa do singular”. Como visto, trata-se de regra afeita apenas ao resumo, que inaugura as monografias, dissertações, teses e, também, os artigos científicos. Ao usar esta abordagem metodológica busca-se refletir criticamente sobre a ausência de uma diretriz clara sobre a presença do pronome pessoal nas normas da ABNT. Esta lacuna propicia uma análise mais consciente e flexível na produção científica, promovendo uma abordagem contextualmente sensível na escrita acadêmica.

1. “UM MODO DIFERENTE DE CONTAR VELHAS ESTÓRIAS”: ESTRUTURANDO CONCEITOS

1.1 Patrimônio Afetivo em perspectiva

A frase de Cora Coralina (2014) que ilustra o título deste capítulo é o ponto de partida para a discussão aqui proposta sobre Patrimônio Afetivo (OLIVEIRA, 2019). Existem diferentes formas de reconstruir as mesmas narrativas, e ao enriquecê-las com cargas emocionais, afetivas e pessoais estas se tornam parte de um patrimônio mais abrangente, se reencontrando com a subjetividade presente no âmago de todo ser humano.

A literatura sobre “Patrimônio Afetivo” é escassa, portanto, para a reflexão proposta neste tópico será elaborado um panorama dos termos “Patrimônio Cultural”, “Memória” e “Afeto”, para então definir “Patrimônio Afetivo”

Historicamente o conceito de patrimônio remonta ao mundo romano republicano (510 a.C. - 27 d.C.), onde o termo "Patrimonium" referia-se ao conjunto de bens transmitidos pelo pai de família ao primogênito, consagrando o direito à herança (LIMA, 2012). O pater, chefe de família, detinha o papel de "senhor do patrimônio," sendo este o responsável por manter as tradições:

A relação semântica entre as palavras pater familias (pai de família), pai (pater-patris) e patrimonium (que lhe pertencia), em razão dos valores culturais que a figura paterna ostentava, aponta para uma condição que vai além do mesmo radical que lhes dá origem. (LIMA, 2012)

A autora destaca não apenas a semelhança no radical linguístico, mas também a interconexão cultural e social subjacente a esses termos. O "pater familias" era o detentor do poder sobre seus descendentes, propriedades e, por extensão, sobre o patrimônio familiar, (LIMA, 2012). Assim, essa figura estava profundamente ligada à preservação e transmissão dos valores culturais, tradições e propriedades.

No final do século XVIII, o conceito de patrimônio passou por uma ampliação significativa, anteriormente ligado ao indivíduo, o termo passa a ser associado ao coletivo, representando a nação e o povo, como delineado por Lima:

O conceito deflagrado pela Revolução transferiu o entendimento para o âmbito de um 'novo senhor' e sob forma grupal: o agente coletivo emanando da nova figura do Estado francês, representando a nação, 'o povo', determinando caráter de ordem nacional para o Patrimônio. (LIMA, 2012)

Dessa forma, o estado assume a responsabilidade de preservar o patrimônio como parte integrante da construção e preservação da identidade nacional, contribuindo para a formação de uma narrativa coletiva e promovendo um caráter de ordem nacional. Nos primeiros momentos da revolução os bens que faziam alusão à monarquia foram destruídos pelos revolucionários, gerando revolta nos intelectuais que se posicionaram contra esse movimento argumentando que:

(...) o valor histórico daqueles bens ia além da história dos reis, do clero, dos nobres e de toda a corte francesa. Assim, esses bens deveriam ser preservados no interesse de um conjunto maior de pessoas: para a população que compunha a nação francesa. (BRAYNER, 2012)

Essa dimensão social introduziu a necessidade de leis de Preservação, cujo objetivo era proteger os bens de danos naturais ou intencionais, garantindo sua existência no presente e futuro. Nesse novo paradigma, a preservação não apenas visava manter a materialidade dos bens, mas garantir a ressignificação das narrativas associadas a eles.

A tradição de proteção ao patrimônio cultural francês é tema de políticas de Estado de modo sistemático ao menos desde a Revolução Francesa, onde surgiu como uma reação ao vandalismo que estava instaurado na época contra as obras de arte portando a marca Real. Embora sua implementação efetiva não tenha sido dessa época, foi desde 1789 que essa questão passou a ser debatida como política de Estado e não apenas como atividade de colecionadores privados (POLETTI, 2018, p.23-24)

Observa-se como a Revolução Francesa não apenas transformou a estrutura política do país, mas também desencadeou uma reflexão profunda sobre a importância de preservar as expressões culturais e históricas. A destruição e pilhagem de obras de arte associadas à monarquia durante aquele período de tumulto foram como um despertar para a necessidade de proteger o legado cultural (KÜHL, 2006). Assim, o patrimônio, que teve suas raízes no contexto familiar romano, evoluiu para um fenômeno social e nacional.

O período pós-Revolução testemunhou o estabelecimento e consolidação da prática do restauro, marcando um compromisso com a manutenção e reabilitação do patrimônio cultural, levantando questionamentos e debates em relação aos limites das restaurações invasivas:

No que tange aos monumentos antigos, é melhor consolidar do que reparar, reparar do que restaurar, restaurar do que refazer, refazer do que embelezar; em nenhum caso se deve acrescentar e, sobretudo, nada suprimir (KÜHL, 2006, p.125)

Essa orientação reflete uma abordagem cautelosa em relação aos monumentos antigos, reconhecendo a importância de preservar sua integridade, destacando a necessidade de fortalecer as estruturas existentes, sem alterar sua originalidade. Além das crescentes práticas de restauro, a formação de corpos profissionais dedicados ao campo, estabelecimento de serviços públicos voltados para a preservação e a criação de leis para a tutela dos monumentos históricos foram consequências diretas do movimento Pós-revolução Francesa (KÜHL, 2006). Esses fatos evidenciam a institucionalização do cuidado com o patrimônio.

No seu artigo sobre a trajetória do termo patrimônio, Pezzi (2020) afirma como a história do patrimônio cultural no Brasil, em comparação com a Europa, é mais recente, iniciada no século XX. Foi na década de 1920 que o Brasil começou a se preocupar com a preservação do seu patrimônio histórico, especialmente diante da negligência em relação aos bens arquitetônicos culturais. O descaso com cidades históricas chamou a atenção de alguns intelectuais, dando início a um movimento para conscientizar a população sobre a necessidade de preservar a arquitetura colonial. Nas décadas seguintes, foram criadas Inspetorias Estaduais de Monumentos Históricos, culminando na fundação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) em 1937 (MAGALHÃES, 2010). O Estado, a partir da década de 1930, tornou-se um agente fundamental na preservação, definindo o que do passado deveria ser protegido e elevando certos bens à categoria de patrimônio (PEREIRA JUNIOR, 2018). Essa trajetória reflete uma adaptação gradual das práticas de preservação no Brasil ao longo do século XX.

Reconhece-se que tanto no Brasil quanto na Europa, o processo de seleção e preservação do patrimônio reflete relações de poder e hierarquias sociais. A escolha de quais bens culturais merecem ser preservados frequentemente está nas mãos de elites culturais ou instituições governamentais, levando a uma representação de intenções que muitas vezes podem não refletir a sociedade como um todo.

Em relação ao Patrimônio Cultural Imaterial, este foi impulsionado pela Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, adotada pela UNESCO em 2003 (IPHAN, 2003). Essa convenção estabeleceu diretrizes para a identificação, documentação e salvaguarda do patrimônio imaterial, incentivando a cooperação internacional nesse esforço. Ao reconhecer a importância do patrimônio cultural imaterial, a convenção visava não apenas proteger tradições, expressões e conhecimentos transmitidos de geração em geração, mas também fomentar a conscientização global sobre sua relevância e abranger outros tipos de patrimônio:

Considerando a importância do patrimônio cultural imaterial como fonte de diversidade cultural e garantia de desenvolvimento sustentável, conforme destacado na Recomendação da UNESCO sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular, de 1989, bem como na Declaração Universal da UNESCO sobre a Diversidade Cultural, de 2001, e na Declaração de Istambul, de 2002, aprovada pela Terceira Mesa Redonda de Ministros da Cultura, (...) Considerando a inestimável função que cumpre o patrimônio cultural imaterial como fator de aproximação, intercâmbio e entendimento entre os seres humanos, Aprova neste dia dezessete de outubro de 2003 a presente Convenção. (IPHAN, 2003, p. 3-4)

A Convenção ofereceu uma estrutura legal e organizacional para a proteção do patrimônio cultural imaterial, e promoveu uma visão holística do tema, que considerou a diversidade cultural como um agente a ser valorizado. A salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial implica na preservação e promoção de práticas e expressões ultrapassando as fronteiras físicas e abarcando elementos de tradições imateriais que conferem identidade. (IPHAN, 2003) As práticas sociais, enraizadas em saberes, tradições e celebrações, desempenham um papel vital no processo de patrimonialização (IPHAN,2018). Estas não apenas fortalecem os laços comunitários, mas também representam um elo entre o passado e o presente.

O Comitê Internacional de Museus (ICOM) destaca o termo "patrimônio" como um dos 20 conceitos fundamentais para delinear o que é um museu. A definição oficial do ICOM BR enfatiza o patrimônio como "referências culturais que compõem a herança dos povos preservadas em suas dimensões materiais e imateriais para as futuras gerações" (ICOM,2022). Esta abordagem reconhece a importância não apenas dos objetos tangíveis, mas também dos elementos intangíveis na preservação da identidade cultural e na transmissão de conhecimento ao longo do tempo (ICOM,2022)

Contudo, a definição apresentada não está isenta de críticas. Sua generalização e falta de especificidade podem comprometer a compreensão do que constitui o patrimônio. Sendo o patrimônio base para o entendimento do novo conceito de Museu, a definição poderia ser aprimorada ao reconhecer a necessidade não apenas de preservação, mas também de adaptação e renovação para garantir a relevância contínua dele.

O patrimônio pode ser um instrumento de mediação do sujeito no mundo, de exaltar pensamento crítico e as lutas, as experiências presentes no cotidiano. Como levantado por Desvallées e Mairesse (2013) no livro sobre Conceitos-chave de Museologia, existem pessoas, estas chamadas de “detratores”, que questionam essa noção ocidental e eurocêntrica de Patrimônio, eles apontam esta visão como parte do próprio conceito de patrimônio:

A instituição do patrimônio também conhece os seus detratores, aqueles que se questionam sobre suas origens e a valorização abusiva e “fetichizante” dos suportes da cultura que ele sustenta, em nome dos valores do humanismo ocidental. (DEVAILLES; MAIRESSE, 2013, p. 73)

A menção dos autores da "valorização abusiva e fetichizante" sugere uma preocupação com a forma como o patrimônio cultural é tratado, destacando a possibilidade de uma idealização excessiva por parte desses "valores do humanismo ocidental", demonstrando que a definição de patrimônio é viva, e mutável a partir dos questionamentos da sociedade em que é inserido.

É nesse contexto que aparecem outras possibilidades de olhares para a preservação da memória, como o Fratrímônio, Matrimônio e o conceito a ser abordado neste trabalho: O Patrimônio Afetivo.

Sobre estes dois primeiros termos, destaca-se a fala do Dr. Mario Chagas:

Assim como falo em patrimônio, eu deveria falar em matrimônio, não para me referir a uma união conjugal, mas no sentido de uma herança de vida, de uma conexão com a grande mãe, de uma opção pelo sensível, de uma forma especial de olhar o mundo; assim também eu deveria falar em fratrímônio para me referir ao conjunto de bens que valorizo e partilho sincronicamente com os meus amigos e irmãos, eles e eu produzimos nos mundos objetivos e subjetivos diversos bens e partilhamos esses bens entre nós e com os nossos contemporâneos, produzimos e partilhamos amigavelmente, fraternalmente. (CHAGAS, 2002)

Já que o patrimônio aborda a herança patriarcal, o autor sugere expandir o conceito de patrimônio para abranger experiências, conexões e valores que são compartilhadas com outros, sejam eles amigos, irmãos ou familiares, incorporando nesses outros conceitos a herança das relações sociais. Uma outra proposta de Fratrímônio é a da Girlene Bulhões (2017) que contribui com um olhar poético para o conceito, fazendo referência ao mito grego da etimologia de museu:

O que minha palavra cantada, que a muitos ouvidos pode parecer exótica, quer dizer é que apesar do pai e da mãe, nem só de patrimônio ou matrimônio vivem (ou deveriam viver) os espaços museais. Morada das musas, sendo elas irmãs, o museu também se alimenta da herança fraterna, circular, afetiva, construída por elas, entre elas: o fratrímônio, palavra que apesar de quase nunca dita, quase sempre é expressa nas imagens que as retratam. (BULHÕES, 2017, p. 19)

Assim, mesmo na concepção mais clássica, é possível fazer a ressignificação dos entendimentos de relações com os objetos e com as memórias.

O Patrimônio e a Memória são construções sociais e isso os tornam passíveis de disputas em relação a sua conceitualização (CORDEIRO, 2022). Para entender melhor as tensões, apresenta-se a definição etimológica da palavra “Memória”:

Os antigos gregos consideravam a memória uma identidade sobrenatural ou divina: era a deusa Mnemosyne, mãe das Musas, que protegem as Artes e a História. A deusa Memória dava aos poetas e adivinhos o poder de voltar ao passado e de lembrá-lo para a coletividade. Tinha poder de conferir imortalidade aos mortais, pois quando o artista ou o historiador registram em suas obras a fisionomia, os gestos, os atos, os feitos e as palavras de um humano, este nunca será esquecido e, por isso, tornando-se memorável, não morrerá jamais (CHAUI, 1997, p. 159)

A memória aqui delineada vincula o tempo passado, no caso a potencialidade de relembrar vivências, às ações do presente, sendo estes os registros que tornam essas narrativas vivas. Entender esse ato como um “poder” dado pelos deuses, demonstra a capacidade quase divina que a memória adquire na sociedade, sendo esta acessada por poucos e, ao ser definida como parte da coletividade, a memória passa a estar no lugar dúbio de representar o comunitário sem necessariamente, precisar do individual para essa construção

A memória está correlacionada ao patrimônio sempre que esta evocar a identidade, seja de uma pessoa ou de uma comunidade, como elucidado por Jean Baptista e Tony Boita no seu artigo sobre memória e esquecimento LGBT no Brasil:” quando tratamos da memória silenciada de um grupo, tratamos da ausência de patrimônio, de espaços e territórios, modos e saberes importantes para a afirmação de sua identidade” (BAPTISTA; BOITA, 2017, p. 4). Quando se refere à "memória silenciada" de um grupo, os autores destacam a exclusão ou negligência deliberada de aspectos importantes da história, cultura e identidade de uma comunidade. O silenciamento implica que há uma falta de reconhecimento de elementos centrais, entre eles, o patrimônio.

A Memória também é lugar de resistência. (DELGADO, 2014). No caso das comunidades que sofreram violências, a memória é um recurso para reivindicação de espaços e direitos, é por meio dela que essas populações têm a força para se reerguer, tanto por eles como pelos seus antepassados, e indicar as suas demandas. No seu artigo sobre o trabalho de campo feito com populações indígenas amazônicas colombianas e peruanas, Delgado (2014) apresenta vários depoimentos que analisam a memória como potencial de resistência, entre eles, destaca-se:

A memória de nossos antepassados, tataravós, avós e pais que foram explorados, discriminados e despojados, permite entender o hoje e o futuro. (...) Para nós, os yaguas, os poucos que restam, é de maior importância mostrar à Colômbia e ao mundo inteiro o que aconteceu conosco, pois continuam nos excluindo por sermos minorias étnicas. (DELGADO, 2014, p.508; 499, tradução da autora)²

² No original “la memoria de nuestros antepasados, tatarabuelos, abuelos y padres que fueron explotados, discriminados y despojados, permite entender el hoy y el futuro” (...)Para nosotros los yaguas, los

A citação destaca o legado que molda a identidade e perspectiva da comunidade Yagua no presente a partir das lembranças e experiências herdadas pelos seus antepassados, os Yaguas buscam não apenas compreender seu próprio contexto, mas também destacar as injustiças históricas que continuam a impactar sua realidade como minorias étnicas. A memória, neste contexto, torna-se uma ferramenta para a conscientização. Ao manter viva a narrativa das violências sofridas, os yaguas buscam superar a exclusão guiando a comunidade na busca por justiça, reconhecimento e inclusão.

O acesso à memória desperta, pelo vínculo com o subjetivo, sensações e sentimentos individuais. Mesmo que sejam lembranças coletivas, cada pessoa tem a potencialidade de experimentar e refletir sobre a memória a partir de estímulos diferentes criando e recriando a memória da comunidade:

Assim, podemos inferir que não somente os objetos ou as coisas, mas suas representações imagéticas e simbólicas circulam nas entranhas das memórias dos sujeitos sociais, em meio a sentimentos e vivências que resistem ao ocaso e se mantêm devotadas a sustentar vínculos com os seus lugares de pertencimento, historicamente construídos. Essa articulação se dá, pois os objetos, sons ou aromas dinamizam a memória coletiva ou individual e constituem manifestações da materialidade da cultura de um grupo social. (PELEGRINI, 2007, p. 91)

Dinamizar essa memória a partir da materialidade é indicar para as lembranças uma reestruturação viva, sendo assim, toda vez que se lembra de algo, seja em ambiente coletivo ou individualmente, uma parte desse pertencimento se renova.

Além da memória coletiva, é preciso destacar a memória individual como manifestação desse conceito. Segundo Echeverry (2004), é a recordação pessoal enraizada na interseção de relações de solidariedade e simultaneidade múltipla. Ela reflete a experiência única de um indivíduo, situada em meio à teia complexa da existência social. A memória individual não é retratada como isolada, mas sim como parte de um contexto mais amplo, influenciada pela dinâmica das relações sociais e da experiência coletiva histórica. Essa memória individual é moldada pelos saberes do meio, tornando-se, de certa forma, uma expressão da memória coletiva no pessoal. É no limite entre o pessoal e coletivo que aparece a individualidade e subjetividade do ser:

A memória é sempre construção social, mas quem lembra é o indivíduo. Assim, a memória é um fenômeno comunicacional entre diversos entes, é também

poquitos que quedamos es de mayor importancia para mostrarle a Colombia y al mundo entero lo que pasó con nosotros, porque nos siguen excluyendo por ser minorías étnicas”.

pensamento, conhecimento e esquecimento. É sempre afeto, fica o que significativo para os sujeitos. A memória é o jogo que se joga jogando, se preserva enquanto se joga (AZEVEDO, 2019, p. 11)

Ao mencionar que a memória é sempre afeto, o autor sugere que as memórias que são preservadas e compartilhadas têm um valor emocional. Ao lembrar, reinterpretar e compartilhar nossas memórias, estamos participando desse jogo, contribuindo para a construção e preservação do nosso próprio entendimento do presente

Após refletir as nuances dos termos “Patrimônio cultural” e “Memória”, é possível perceber como esses dois conceitos contemplam a construção do “Patrimônio Afetivo”. Para finalizar a base conceitual que auxiliará na construção do conceito de Patrimônio Afetivo, será definido “Afeto”, conceito ilustrado por Oliveira, (2019, p. 45)

Os afetos são desencadeados no momento em que o indivíduo vivência uma relação com alguma “coisa” a partir deste momento o corpo do sujeito emerge um sentimento que influenciará na potência de agir e de pensar do mesmo (função afetiva) (...) Sendo o afeto ou a afetividade um conjunto de todos os sentimentos, podendo ser positivos ou negativos. Essas potências de agir e pensar podem se manifestar de forma elevada, levando o sujeito a um estágio de alegria provocando como exemplo o riso ou diminuindo sua potência causando a tristeza dando início ao choro (funções volitivas). E essas reações dependem da forma como o sujeito se relaciona com as “coisas”.

A partir desse trecho entende-se o afeto como ação desencadeada durante as interações do indivíduo com seu ambiente, gerando sentimentos que influenciam a capacidade de agir e pensar. Ao reconhecer a capacidade dos sujeitos de atribuir significado (OLIVEIRA, 2019), o afeto se entrelaça com o conceito de Patrimônio Afetivo sugerindo que a relação entre as pessoas e o patrimônio vai além do valor histórico ou estético, incorporando aspectos pessoais e emocionais que enriquecem a compreensão e a apreciação desses bens:

Devido à existência de patrimônios já consagrados no perímetro de produção cultural, o conceito de Patrimônio Afetivo pretende oferecer uma nova visão, introduzindo concepções subjetivas ao bem patrimonial. Essas concepções permitiram com que os sujeitos tenham liberdade para criar, imaginar e denominar seus patrimônios, utilizando de sua relação com os mesmos e de seus afetos OLIVEIRA, 2019, p. 12-13).

A ênfase na subjetividade destaca a importância das experiências individuais e das relações das pessoas com os elementos culturais, dessa forma a conexão entre os sujeitos e seus afetos com os patrimônios destaca a dimensão emocional envolvida na construção e preservação desses elementos. Essa abordagem mais flexível e participativa incentiva a diversidade de perspectivas e contribui para a construção de uma narrativa cultural mais inclusiva.

Portanto, ao se tornar adjetivo, a palavra “Afetivo”, potencializa as movimentações subjetivas ao substantivo que a ele for atrelado, neste caso “Patrimônio”:

O Patrimônio Afetivo torna-se um nicho de investigação de extrema importância, porque representa aspectos sociais de um indivíduo ou de uma comunidade e aciona modos de salvaguarda ou ressignificação de memórias, contribuindo de maneira relevante para a vida dos envolvidos neste processo (Barbosa, 2022, p.28)

A menção do autor à ressignificação de memórias destaca a dinâmica ativa envolvida no Patrimônio Afetivo, essa dinamização é fruto do adjetivo que compõe o termo, emergindo assim como um patrimônio vivo que intersecciona entre emoção, subjetividade, identidade e história. No âmbito prático, este patrimônio fortalece laços emocionais, promove a compreensão cultural e, em última instância, enriquece a experiência tanto com o coletivo como com a memória.

O afeto catalisador é fundamental para a construção de memórias estáveis de longa duração que consigam impactar o ser humano e levá-lo a agir de forma diferente, com mais consciência e mais responsabilidade. Memória é instrumento de construção do futuro. (CASTAÑO; FILIPE; VALE, 2018, p. 228)

Em virtude das “memórias estáveis” do “afeto catalisador” o Patrimônio Afetivo não se limita apenas ao presente, mas influencia as escolhas e ações das gerações seguintes, abrangendo a dimensão emocional e afetiva do patrimônio cultural, destacando como as relações emocionais com o passado e moldando a identidade, a cultura e as escolhas futuras de uma comunidade ou indivíduo.

Para Oliveira e Ribeiro (2019) o Patrimônio Afetivo, reside na sua maleabilidade, adaptabilidade e nas complexas nuances emocionais e subjetivas. Outro aspecto relevante do Patrimônio Afetivo é seu potencial para fortalecer a identidade cultural de comunidades: através da valorização e preservação das tradições e experiências pessoais, esse tipo de patrimônio contribui para a construção de uma identidade cultural mais coesa e resiliente.

Como sugere Barbosa (2022):

O Patrimônio Afetivo torna-se um nicho de investigação de extrema importância, porque representa aspectos sociais de um indivíduo ou de uma comunidade e aciona modos de salvaguarda ou ressignificação de memórias, contribuindo de maneira relevante para a vida dos envolvidos neste processo. (BARBOSA, 2022, p. 28.)

Dessa forma, o aspecto central do Patrimônio Afetivo é a sua incorporação com as dimensões emocionais e subjetivas das experiências humanas. Ao considerar esses aspectos, a

comunidade pode enriquecer a narrativa cultural e histórica, identificando nuances e perspectivas que poderiam passar despercebidas.

Nesse contexto, vincula-se o conceito de “Museologia do Afeto” (MINOM, 2016) que propõe uma abordagem crítica e inclusiva na prática museológica a qual incorpora essas dimensões na construção e interpretação das experiências, memórias e emoções desvinculando-se de concepções hegemônicas permitindo que a comunidade se envolva de maneira mais significativa na preservação e comunicação de sua história e cultura. A conexão entre o Patrimônio Afetivo e a Museologia do Afeto reside na compreensão, reconhecimento e incorporação dos vínculos emocionais entre as pessoas e o patrimônio cultural, abordando.

1.2. Conceitualizando “Economia Solidária”

A economia solidária, ao propor relações justas, democráticas, sustentáveis e humanas, tem a potencialidade de se consolidar como alternativa ao sistema capitalista; Propõe-se neste tópico, abordar as considerações sociais do termo “*Economia Solidária*”. Para conceitualização faz-se necessária uma introdução etimológica do termo Economia:

A palavra “economia” vem dos termos gregos oikós (casa) e nomos (norma, lei). Pode ser compreendida como “administração da casa”, algo bastante comum na vida das pessoas. Portanto, é interessante essa aproximação do mundo da casa com o mundo da economia. Em outras palavras, podemos dizer que a Economia estuda a maneira de administrar os recursos disponíveis com o objetivo de produzir bens e serviços, e de distribuí-los para seu consumo entre os membros da sociedade. (MENDES et al., 2015, p. 16)

Entende-se a partir desse conceito que no cerne da “Economia” está presente o sentido de coletividade. Usar as palavras “pessoas”, “recursos” e “sociedade” no plural, demonstra a necessidade desta “Casa” ser administrada a partir de um olhar que vise o bem comunitário. Como proposto na sua Carta Encíclica *Laudato Si*, pelo Papa Francisco (2015), o mundo é convidado “a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso, o valor próprio de cada criatura, o sentido humano da ecologia (...) e a proposta dum novo estilo de vida”. Assim, este tópico irá se inspirar nesses debates para parafrasear a poeta Cora Coralina propondo além de “Um modo diferente de contar velhas estórias”, refletir em um “Modo diferente de cuidar de casa, de si e dos outros” (CORALINA, 2014) a partir do aprofundamento conceitual e histórico no modelo de Economia Solidária.

Os caminhos da organização produtiva, dos trabalhadores e trabalhadoras e de suas lutas, abordam tanto as problemáticas do sistema capitalista como as experiências

cooperativas, autogestionárias e mutualistas que surgiram ao longo da história em resposta a ele. Para entender melhor essas manifestações, será apresentado um breve panorama histórico-cronológico.

O “capitalismo originário”, fruto da revolução agrícola, da política mercantilista europeia e da crise do feudalismo inglês, foi a resposta às mudanças ocorridas no mundo medieval ocidental (OLIVEIRA, 2002). Este não só instaurou um novo sistema econômico, sendo pautado na produção desenfreada voltada ao acúmulo de riqueza, mas gerou transformações no código social e cultural da época. Antes a estrutura social era rígida e não existia mobilidade hierárquica, a não ser em casos muito específicos em alguns lugares da Europa, o conceito de mobilidade social é intrínseco ao discurso capitalista (ROLLO,2013).

O capitalismo semeou a ideia da meritocracia, nela, existe a crença de que é possível não somente ascender socialmente, mas também alcançar o topo da pirâmide a partir do esforço. A palavra meritocracia foi usada pela primeira vez, de forma satírica, pelo Sociólogo Michael Young no final dos anos 50 na sua distopia “A ascensão da meritocracia”, no livro, ele se coloca como um historiador do ano 2033 que analisa a sociedade meritocrática na qual ele está inserido. Young (1958) ironiza essa sociedade a partir da crítica ao sistema de ensino tripartido que se propôs em Inglaterra nos meados do século XX. Na época, os alunos eram distinguidos por instituto, sendo colocadas barreiras e bloqueios para os “menos capazes”, que na maioria das vezes eram os filhos da classe trabalhadora, acessarem as universidades de qualidade do Reino Unido. Abordar o conceito de meritocracia e mobilidade social no contexto do surgimento das revoluções é necessário para fazer um paralelo com a sociedade do século XXI, como apontado por Sandel:

Para começar, é importante notar que o ideal meritocrático está relacionado à mobilidade, não à igualdade. Ele não diz que há algo de errado com grandes lacunas entre ricos e pobres; apenas insiste que filhos e filhas de ricos e filhos e filhas de pobres deveriam ser capazes, ao longo do tempo, de trocar de lugar baseado no seu mérito – para ascender ou cair como resultado do seu esforço e talento. (...) O que importa para uma meritocracia é que todo mundo tenha uma oportunidade igual para subir as escadas do sucesso; não há nada a dizer sobre qual deveria ser a distância entre os degraus da escada. O ideal meritocrático não é remédio para desigualdade; ele é justificativa para desigualdade.(SANDEL, 2020, p. 209)

Dentre as estratégias criadas pelo sistema capitalista para sustentar o discurso que engloba o privado como superior ao coletivo, instauraram-se a partir da Revolução Agrária, as Leis de cercamento que pretendiam extinguir a propriedade feudal (ANDRADE, 2018) e o conceito de propriedade privada capitalista: as terras eram cercadas para uso individual e adquiridas a partir da compra, transformando-as em mercadoria de quem mantinha o capital.

O conceito de propriedade feudal partia do princípio da lealdade e mansidão: o Susserano, conhecido como senhor feudal, concede um pedaço de terra ao Vassalo onde ele pode plantar e usufruir dela sem possuí-la, além disso era preciso que em troca desse uso o servo pagasse impostos, taxas e tributos ao seu senhor, sendo assim, a terra não era considerada mercadoria na Idade Média (HUBERMAN, 1986).

Essa nova realidade obrigou os trabalhadores a saírem do campo e venderem a sua força de trabalho na cidade, “com a transformação em propriedade privada capitalista, o proprietário não trabalha, mas explora o trabalho do trabalhador, (ANDRADE, 2018, p. 414). É possível perceber que:

A Revolução Industrial consistiu nas transformações intensas e profundas do processo de produção que ficaram explicitadas pela substituição da energia humana pela energia motriz não humana (como hidráulica, eólica, e, principalmente, a vapor), pela superação da oficina artesanal (doméstica, manufatura) pela fábrica (maquinofatura) e pela consolidação da existência de duas classes sociais: a burguesia (proprietária e exploradora dos meios de produção) e os trabalhadores juridicamente livres (vendedores de sua força de trabalho). (SANTANA, ARAÚJO, 2011, p. 37)

O trabalho manufaturado ou a “oficina artesanal” apontada pelos autores, era refém do tempo e do esforço humano, com a introdução das máquinas, a sociedade encontrou uma maneira de superar os limites de produtividade, reiterando o conceito capitalista de crescimento a todo custo. Em sua dissertação sobre o desenvolvimento capitalista e o progresso técnico na revolução industrial, Bevilaqua (1998) afirma:

O instrumento de trabalho não é mais uma extensão do trabalhador, pois agora o princípio da organização da produção funda-se na máquina, na qual a ferramenta é parte de um mecanismo, a máquina-ferramenta. (BEVILAQUA, 1998, p. 5)

Portanto, doravante a introdução da maquinofatura, não é mais necessária a ação do artesão como criador de cada peça, a tarefa do trabalhador passa a ser a de alimentar as máquinas, controlar sua velocidade e zelar pela sua manutenção, tornando-se este um operário. A consequência da classe proletária foi ser barateada, sucateada e até mesmo em alguns casos substituída pelas próprias máquinas (BATISTA, 2014).

As condições de trabalho insatisfatórias, a comida de má qualidade, os salários baixos e o próprio desemprego culminaram na criação da Sociedade dos Pioneiros de Rochdale, (BORGES, 2017) onde em 1844, 28 operários de uma fábrica de tecidos na Inglaterra se uniram para lutar pela valorização do seu trabalho como artesãos, pelo acesso a insumos de qualidade e pelo respeito pela sua dignidade humana.

A Cooperativa de Rochdale foi escolhida por ser reconhecida como a primeira cooperativa moderna. Antes dela existiram diversas experiências proto cooperativas, algumas com algum sucesso. O que diferenciou Rochdale das outras experiências foi seu planejamento de quase um ano e a experiência de seus fundadores que já haviam participado de outras organizações e movimentos políticos que buscavam a melhoria da qualidade de vida. Porém, o grande diferencial foi que esse planejamento tomou forma de documento, hoje conhecido como estatuto. (CANÇADO; SOUZA; PEREIRA, 2014, p. 64)

O estatuto apresentou os princípios de cooperação, que até hoje são a linha orientadora das experiências tanto cooperativas como mutualistas e associativistas (MEINEN; PORT, 2014), são estes: 1 – adesão livre; 2 – controle democrático: “um homem, um voto”; 3 – devolução do excedente ou retorno sobre as compras; 4 – juros limitados ao capital; 5 – neutralidade política, religiosa e racial; 6 – vendas a dinheiro e à vista; e 7 – fomento do ensino em todos os graus. É importante pontuar que esses valores não eram somente para registro no papel, eles se tornaram ações concretas no dia a dia da associação, um exemplo é o caso da Eliza Brierly, esposa de William Cooper, que após dois anos da abertura da Sociedade de Rochdale, se tornou a primeira mulher a formar parte do movimento cooperativista (STEIN, GODARTH, FERRAÇA, 2019), levando a frente o primeiro princípio da cooperativa: A adesão livre, independe de raça, gênero ou religião, podendo qualquer associado ter participação econômica igualitária na Sociedade de Rochdale.

No Brasil, a primeira cooperativa tinha como foco o consumo de produtos agrícolas e foi fundada em 1889, em Ouro Preto, Minas Gerais, por funcionários públicos (FARDINI, 2017). Desde então, a economia solidária marca presença no cenário brasileiro, desmembrando-se em organizações sociocomunitárias e multifuncionais que foram se expandindo ao longo dos anos.

Vale lembrar que o associativismo surge antes mesmo do cooperativismo, quando o ser humano percebe a necessidade de viver no coletivo para ter maior expressão social. Dessa forma, e em especial na América em virtude da presença das comunidades indígenas e do conceito de “Buen vivir” andino, a economia solidária está presente antes mesmo das primeiras cooperativas, como pontuado pela Conferência Nacional de Economia Solidária - CONAES:

Ela está intimamente relacionada à luta pela autodeterminação dos povos, ao reconhecimento do conceito de bem-viver e se expressa cotidianamente nas lutas dos povos e comunidades tradicionais contra a mercantilização da vida, em favor dos bens comuns, da gestão comunitária e da reciprocidade. (...) A pluralidade de origens e formas de expressão que conformam as bases simbólicas e econômicas da economia solidária é um dos elementos que a diferencia estruturalmente do

capitalismo, especialmente no atual momento histórico, pois aponta caminhos para estruturar mudanças paradigmáticas e civilizatórias nos âmbitos econômico, cultural, social e ambiental. (CONAES,2010)

O “Buen vivir” se manifesta em diferentes contextos culturais e tem sua raiz nas culturas ancestrais andinas, como Aymara, Quéchuas, Mapuche e Guarani. (GUEDES, SILVA,2017) Em português, o conceito é compreendido como viver plenamente, indo além de uma mera noção de bem-estar material. Ele se configura como contra-hegemônico, desafiando a racionalidade do desenvolvimento econômico, do mercado e do progresso. A visão do “Buen Vivir” questiona noções eurocêntricas de universalidade, propondo um multiverso e pluriverso de configurações socioculturais. Ele se baseia em uma filosofia andina que enfatiza a complementaridade, correspondência, reciprocidade e ciclicidade. (GUEDES, SILVA,2017)

O “Buen Vivir” está intrinsecamente relacionado à economia solidária, pois ambos compartilham valores fundamentais que transcendem a abordagem convencional do desenvolvimento econômico, colocando ênfase na importância da comunidade e da coletividade. Ao buscar uma vida plena e harmoniosa em sociedade, este conceito valoriza a interconexão entre os seres humanos e a natureza (QUIJANO,2014).

Ambos, destacam uma visão de desenvolvimento que vai além do aspecto puramente econômico, abraçando valores como solidariedade, cooperação, participação comunitária e respeito à natureza. Eles representam abordagens mais holísticas e éticas em contraposição ao paradigma dominante do sistema capitalista.

O movimento expandiu-se significativamente em visibilidade, capacidade de organização e articulação, e também na formulação de políticas públicas em diversos níveis a partir dos anos 1980, quando as estratégias de governo neoliberais brasileiras aumentaram o desemprego e a forte exclusão social. (ICAZA,2015). Nesse contexto, os empreendimentos econômicos solidários adotam a autogestão, onde os meios de produção são de posse coletiva e os direitos de participação são valorizados.

Somente nos anos 2000, especificamente em 2003, o Congresso Nacional aprovou um projeto de lei, criando a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), consolidando o movimento em uma política pública (SOUSA, RODRIGUES, ABRANTES, 2009) Essa abordagem não apenas oferece alternativas viáveis para indivíduos e comunidades, mas também desempenha um papel na construção de uma sociedade orientada para o bem comum.

Além de ser uma resposta aos desafios do capitalismo, a economia solidária deve ser concebida como um projeto de sociedade. Isso implica colocá-la como uma prioridade nas

políticas públicas do Estado, visto que mudanças sociais significativas dependem da interseção entre leis governamentais e ações populares. Essa abordagem impulsiona a efetiva implementação de ações para o desenvolvimento da economia solidária. No seu artigo sobre as crises do capitalismo, Teresa Montagut, aponta a importância da relação política com a economia:

A questão econômica deve estar inevitavelmente conectada à questão política. A economia é cultura, ou seja, valores e crenças que guiam nosso comportamento, incluindo a produção, a troca e a distribuição de bens e serviços. Não há economia independente do que as pessoas fazem, pensam e sentem, e é por isso que ocorrem mudanças recorrentes nas ideias e práticas sociais.³ (MONTAGUT, 2011 P.126)

A continuidade do apoio estatal reforça a visão de que a Economia Solidária não seja apenas uma resposta temporária, mas uma parte integral do panorama econômico e social do país e que ela precisa ser mantida tanto pela sociedade civil, como pelo governo, como sugerido no Fórum Social Mundial de 2023, pelo secretário nacional de Economia Popular e Solidária do governo Lula 2023-2027, Gilberto Carvalho:

O papel do governo não é dirigir o processo, mas estimular a amplificação dessa rede, ajudar na questão do suporte legal, avançar discussões como a da lei das cooperativas, é preciso aprovar uma lei que seja democrática e não contemple apenas os grandes. Estimular o surgimento de mais empreendimentos e buscar mais financiamento. (...) Sonhamos com o dia em que a orientação geral da economia brasileira mude. A economia solidária tem que dar forma, consistência para um novo padrão de funcionamento econômico nacional (CARVALHO, 2023)

A economia solidária busca criar empreendimentos autossuficientes e sustentáveis, muitas vezes apoiados por políticas públicas que oferecem financiamento e capacitação. Em São Paulo, no mês de julho de 2021, foi sancionada a Lei Paul Singer, assim denominada em homenagem ao economista que durante toda sua vida, representou os ideais da economia solidária através dos seus textos e trabalhos. Esta lei busca assegurar o direito ao trabalho associado e cooperativo, integrando-o às estratégias gerais de desenvolvimento sustentável e investimentos sociais (INSTITUTO PAUL SINGER, 2022) A lei institui a Política Municipal de Economia Solidária, o Sistema Municipal de Economia Solidária e o Conselho Municipal de Economia Solidária, com o intuito de promover atividades econômicas autogestionárias e a integração em redes de cooperação na produção, comercialização e consumo de bens e serviços.

³ No original : “La cuestión económica debe ir ineludiblemente conectada con la cuestión política. La economía es cultura, es decir, valores y creencias que guían nuestro comportamiento, que incluyen la producción, el intercambio y la distribución de bienes y servicios. No hay economía independiente de lo que las personas hacemos, pensamos y sentimos, y por eso se dan recurrentes cambios en las ideas y prácticas Sociales”

No dia 14 de agosto de 2023, foi aprovado na Comissão de Finanças e Tributação da Câmara dos Deputados (MACHADO, 2023) o projeto que propõe a criação da Política Nacional de Economia Solidária (PNES) e do Sistema Nacional de Economia Solidária (Sinaes). A PNES, ainda em estágio de projeto de lei, tem como objetivo impulsionar a inclusão social e a sustentabilidade por meio do estímulo a empreendimentos coletivos e autogestionários. O Sistema Nacional de Economia Solidária (Sinaes), também delineado no projeto, terá a função de implementar, monitorar e avaliar a PNES. Além disso, caberá ao Sinaes coordenar e integrar ações entre órgãos públicos e entidades da sociedade civil envolvidos na promoção da economia solidária.

Até a data da escrita deste trabalho, o projeto ainda precisa ser aprovado na Comissão de Constituição e Justiça e Cidadania (CCJ), além da aprovação no Plenário da Câmara. Vale ressaltar que se implementado com sucesso, a lei buscaria estabelecer as bases para uma economia mais justa e inclusiva, alinhada com princípios de cooperação e sustentabilidade, representando um potencial avanço na construção de uma sociedade equitativa e participativa.

A competição desigual com empresas capitalistas é um dos principais desafios enfrentados pela economia solidária. (SINGER, 2001) Em um cenário onde recursos financeiros, tecnológicos e políticos são frequentemente concentrados nas grandes corporações, os empreendimentos solidários muitas vezes lutam para se destacar já que a falta de igualdade nas condições competitivas pode resultar em dificuldades para conquistar mercado e atrair investimentos:

A economia solidária só se tornará uma alternativa superior ao capitalismo quando ela puder oferecer a parcelas crescentes de toda a população oportunidades concretas de auto-sustento, usufruindo o mesmo bem-estar médio que o emprego assalariado proporciona. (...) ela terá de alcançar níveis de eficiência na produção e distribuição de mercadorias comparáveis aos da economia capitalista e de outros modos de produção, mediante o apoio de serviços financeiro e científico-tecnológico solidários (SINGER, 2001 p..120-121)

Como relatado por Singer durante toda sua trajetória como defensor da política da economia solidária, a sociedade está profundamente enraizada em um modelo capitalista que valoriza o individualismo e a competição, no entanto, é nesse desafio que reside a transformação da economia solidária, a transição da lógica do lucro individual para uma abordagem cooperativa e solidária é, sem dúvida, um desafio complexo.

A mudança requer não apenas uma reorganização superficial das estruturas econômicas, mas uma transformação profunda nas mentalidades e valores que orientam as ações (GAIGER, 2013). Evitar a armadilha de replicar padrões capitalistas em uma roupagem

solidária exige um comprometimento genuíno com os princípios de cooperação, igualdade e solidariedade. (SINGER, 2001) Os empreendimentos solidários podem encontrar resistência interna e externa, mas é através da educação, diálogo e experiências práticas que essa transição pode se tornar mais viável

Buscar essa transição requer construir estratégias inovadoras, buscar a cooperação entre empreendimentos, incentivar a autonomia financeira e investir em educação sobre práticas inclusivas, contribuindo para consolidar a economia solidária como uma alternativa sustentável e inclusiva ao modelo econômico tradicional. Como ilustrado por Leonello:

O associativismo caracteriza-se pelo sentimento de solidariedade, de necessidade de associação, de convivência, de troca e atua localmente, procurando estabelecer uma relação com a realidade, contribuindo para a construção de uma sociedade com mais dignidade e para fortalecer as identidades. (LEONELLO,2010)

Ao fundamentar-se na solidariedade e na necessidade de cooperação, o conceito de associativismo apresentado por Leonello (2010) transcende a busca por interesses individuais. Ele promove a troca de ideias e experiências entre os associados, enriquecendo a dinâmica do grupo e permitindo que diferentes perspectivas contribuam para a realização dos objetivos traçados. Além disso, ao fortalecer as identidades, as associações podem contribuir para a diversidade e a riqueza cultural da sociedade.

As práticas sustentáveis e identitárias do associativismo não se limitam apenas a suas manifestações convencionais, podendo igualmente encontrar espaço em ações de museus. O Museu Udo Knoff de Azulejaria e Cerâmica, localizado em Salvador, exemplificou essa convergência ao empregar o conceito de Economia Solidária para engajar a comunidade local durante a 13ª Semana de Museus. Esta iniciativa abrangeu atividades como uma palestra sobre sustentabilidade e uma inovadora Feira de Trocas, na qual foi introduzida a moeda social "PELÔ" (CEZÁRIO, NETO, 2015).

A pesquisa associada a essa experiência investigou a viabilidade de implementar práticas sustentáveis e cooperativas nos museus, desafiando estruturas hierárquicas preexistentes. Através da observação participante, analisou-se a dinâmica das práticas colaborativas durante o planejamento e a execução da feira. Os resultados evidenciaram a formação de um ambiente propício à solidariedade e cooperação, indicando que abordagens integrativas podem não apenas fortalecer os princípios da Economia Solidária, mas também promover uma visão sustentável no âmbito museológico. Essa interseção entre museologia e

economia solidária revela um potencial significativo para a construção de práticas mais inclusivas e alinhadas com valores identitários e sustentáveis.

Concluindo esse panorama histórico-político-conceitual, finaliza-se este tópico apresentando os quatro eixos da economia solidária. Estes “delineiam um caminho que visa transformar comunidades por meio de práticas colaborativas e sustentáveis” (BRASIL, s.d., p. 1)

- EIXO I: ORGANIZAÇÃO SOCIOCOMUNITÁRIA: concebida como espaços multifuncionais, emerge como catalisadora do desenvolvimento local, proporcionando um ambiente propício para diversas atividades.

- EIXO 2: FORMAÇÃO E ASSESSORIA TÉCNICA: capacitam os indivíduos, fortalecendo suas habilidades para enfrentar desafios econômicos.

- EIXO 3: INVESTIMENTOS E FINANÇAS SOLIDÁRIAS: Os investimentos e finanças solidárias, representados por bancos comunitários e fundos solidários, são instrumentos cruciais na geração de renda e na promoção da ajuda mútua.

- EIXO 4: ORGANIZAÇÃO DA COMERCIALIZAÇÃO SOLIDÁRIA: Deste eixo destaca-se o desenvolvimento local sustentável solidário que preconiza a posse coletiva de meios, promovendo uma abordagem mutualista, e o comércio e consumo justo e solidário, que fomenta uma participação mais consciente na economia.

1.3 O Papel das Mulheres na Economia Solidária

Os princípios da Economia Solidária buscam gerar uma sociedade que está sempre à procura da inclusão social (SILVA, SILVA, 2008). Na economia solidária, as mulheres⁴ se tornam não apenas parte integrante da força de trabalho, mas também catalisadoras de mudanças culturais, individuais e coletivas (RAMOS, 2011). Antes de apresentar exemplos práticos que demonstram essa afirmativa, destaca-se qual o papel do trabalho feminino no modelo capitalista.

Como já elucidado, a Revolução Industrial consolidou um sistema que mais do que mudar as relações econômicas da época, criou uma hegemonia cultural, social e política:

O capitalismo aprofundou a divisão sexual do trabalho, fortalecendo a separação entre estas duas esferas, reduzindo o conceito de trabalho à produção, ao mercado e à atividade pública, desconsiderando o trabalho de reprodução e de cuidado com a vida humana, realizado no âmbito doméstico, centralmente de responsabilidade das mulheres, que, mesmo sendo fundamental para o funcionamento da sociedade, foi progressivamente desconsiderado e invisibilizado. No século XIX, esta situação se consolida, enraizando-se no imaginário e no simbólico da sociedade a ideia de uma “natureza” feminina ligada à maternidade e ao lar, destituindo-se o trabalho doméstico da condição de trabalho e fazendo com que o ingresso das mulheres no mercado de trabalho assalariado fosse percebido socialmente como “deslocamento”, na melhor das hipóteses, como um papel coadjuvante, complementar, sendo, como consequência menos valorizado do que o trabalho dos homens. (BONUMÁ, 2015 P.30)

O conceito de trabalho se dividiu, historicamente, em duas esferas: a esfera pública, relacionada à produção, ao mercado e à atividade política; e a esfera privada, relacionada ao trabalho de reprodução e de cuidado com a vida humana, realizado no âmbito doméstico. Segundo Bonumá (2015), esta divisão gera uma invisibilização e uma disparidade já que as mulheres foram designadas à dimensão privada e são centralmente responsabilizadas pela reprodução, pelo trabalho doméstico e pelo cuidado com a família. No modelo capitalista de mercado, as duas esferas costumam não conversar entre si, criando a divisão do “trabalho de mulher” e o “trabalho de homem”.

A separação tradicional das tarefas traz desvantagens significativas para as mulheres. Elas recebem salários mais baixos, enfrentam barreiras ao ingresso no mercado de trabalho e à educação, e ainda suportam o peso do trabalho doméstico e de cuidado, o que restringe sua

⁴ Entenda-se para este trecho do trabalho o conceito de mulher como aquele ligado a pessoas que, em suas experiências, vivências e individualidades são afetadas pelos estereótipos de gênero emplacados pelo patriarcado. Isso quer dizer que tanto pessoas cis, trans ou não binárias podem passar por esta invisibilização.

participação em outros aspectos da vida social (SOUSA,TRINDADE,2017). Reduzir a mulher à função de uma mera máquina reprodutiva, associada apenas às responsabilidades domésticas, é ignorar sua existência como um ser social e político. Além disso, essa divisão contribui para a persistência da violência de gênero, com mulheres frequentemente sendo alvo de agressões físicas, sexuais e psicológicas por homens que buscam controlar suas vidas e corpos.

Segundo a quarta edição do relatório: Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil de 2023 em média, 18,6 milhões de mulheres de 16 anos ou mais sofreram alguma forma de violência ao longo de 2022 (VISIVEL E INVISIVEL, 2023). A Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra a mulher de 2011 encara essas violências para além da violência física, que prejudica a integridade corporal, ou sexual, que envolve anular a vontade pessoal em expressões verbais ou corporais não desejadas, ela também abrange: A Violência Patrimonial, que consiste em condutas que envolvem a retenção, subtração, destruição parcial ou total de objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos, incluindo recursos econômicos destinados a satisfazer as necessidades da mulher. (BRASIL, 2011); a Violência Moral, que é configurada por calúnia, difamação ou injúria (BRASIL, 2011) e a violência psicológica que se refere a condutas que causam dano emocional, diminuem a autoestima ou buscam controlar a mulher através de ameaças, constrangimentos, humilhações, manipulações e outros meios que afetam sua saúde psicológica e autodeterminação (BRASIL, 2011).

Em 1843, uma mulher Franco-peruana chamada Flora Tristan propôs a criação da União Operária, organização destinada a constituir a classe trabalhadora, unindo os trabalhadores e as trabalhadoras em torno de um mesmo propósito e defendendo seus interesses. Diferente dos autores Marx e Engels (1848), amplamente difundidos na literatura sobre o tema, Tristan procurou enfatizar no seu texto a igualdade entre operários e operárias, incentivando ativamente a participação das mulheres.

Reivindico direitos para a mulher porque estou convencida de que todas as desgraças do mundo derivam desse esquecimento e desprezo que até hoje foi dirigido aos direitos naturais e inalienáveis da mulher. (...) Todos os males da classe trabalhadora se resumem em duas palavras: miséria e ignorância, ignorância e miséria. Agora, para sair desse labirinto, só vejo um meio: começar instruindo as mulheres. (TRISTAN,s.d, p.57)

A ativista defendeu que as mulheres desempenham um papel ativo na organização proletária, e em vista disso, as convidou a se juntarem e dedicarem suas vidas ao avanço da

causa. Além disso, enfatizou a importância de uma educação igualitária para as mulheres, visando capacitá-las a contribuir plenamente para a união. (TRISTAN, S.D) É possível fazer um paralelo do pensamento de Flora com os valores da Economia Solidária já que em ambos os casos, as propostas são autogestionárias, ou seja, são geridas pelos próprios trabalhadores, que tomam as decisões de forma coletiva e democrática. Além disso, os esforços de ambas propostas são baseados na cooperação e na solidariedade, em que os trabalhadores se ajudam mutuamente e compartilham os resultados do trabalho. Estas rompem com a lógica monetária que mantém o conceito de estabilidade das esferas, trazendo para consideração os aspectos sociais, políticos, culturais, ambientais e de gênero.

Desafiar a ideia de que as mulheres são naturalmente destinadas a determinados papéis, enquanto os homens são direcionados a outros (SOUSA, GUEDES,2016) implica em desafiar as expectativas sociais preconcebidas para o papel da mulher.

É preciso pontuar que a entrada das mulheres no cenário econômico não resulta em um equilíbrio nas funções de gênero, mas, pelo contrário, reforça as desigualdades existentes. Mesmo compartilhando a provisão financeira da família com os homens, as mulheres continuam predominantemente responsáveis pela esfera reprodutiva e pelas atividades do espaço privado (OLIVEIRA, 2008) A divisão sexual do trabalho persiste, com as mulheres assumindo a maior parte das responsabilidades domésticas. Como pontuado por Coelho (2009)

A persistência de estruturas de uma sociedade caracterizada pela dominação masculina continua a influenciar as escolhas que homens e mulheres fazem em relação ao trabalho e à vida familiar. Daí que, na sequência da maternidade, continue a ser a mãe e não o pai que altera o seu empenhamento no mercado de trabalho, seja ela que assuma total ou quase totalmente a licença de maternidade e, quando volta ao trabalho, o faça geralmente em regime de tempo parcial. O estudo da vida familiar requer, pois, que se tenham em conta as relações de poder quer de natureza económica – relacionadas com o acesso diferenciado a opções alternativas – quer normativa – resultantes de valores, como os relativos ao entendimento da maternidade e da paternidade (COELHO,2009, p.131)

Como ilustrado pela autora, apesar das transformações sociais, a dicotomia entre público e privado e o modelo tradicional de homem provedor e mulher cuidadora ainda influenciam as responsabilidades de gênero, especialmente no contexto da reprodução social.

Dessa forma, a busca pela igualdade de gênero não deve se limitar apenas à valorização do trabalho remunerado, mas também à desconstrução de estereótipos de gênero arraigados na sociedade. A concepção tradicional que associa as mulheres predominantemente a papéis de cuidado e apoio, enquanto os homens são vistos como mais adequados para cargos

de liderança e tomada de decisões, perpetua estereótipos prejudiciais. Conforme destacado por Oliveira (2008):

As mulheres continuam recebendo menos que os homens no exercício da mesma atividade, ocupam menos cargos de chefia, estão cada vez mais ocupando postos de trabalho marcados pela precarização e são as maiores vítimas do desemprego (OLIVEIRA, 2008)

Essas disparidades se agravam em setores que são marcados pela precarização do trabalho, contribuindo para a vulnerabilidade econômica das mulheres e tornando-as mais suscetíveis ao desemprego. Vale ressaltar que a divisão sexual do trabalho não é uma característica inata ou imutável da sociedade, mas sim uma construção social e histórica que pode ser modificada.

É nesse contexto que entra a economia solidária, promovendo, através de programas de capacitação e conscientização, o incentivo da presença das mulheres em posições de liderança, como delineado por Bonumá (2015)

A economia solidária (...) se assume como feminista, se afirmando como embrião de um novo modelo de desenvolvimento, onde a autogestão e a cooperação, a participação e a solidariedade sejam a base para o bem viver, a igualdade e a democracia (BONUMÁ, 2015 P.93)

Portanto, o trabalho é potencializado pelos papéis ativos de liderança dos seus agentes, neste caso, das mulheres, na tomada de decisões e na gestão dos empreendimentos.

A economia solidária busca superar a divisão entre as esferas reprodutiva e produtiva. (SILVA, 2017) Transformando a tradicional divisão sexual do trabalho, ela promove uma distribuição equitativa de direitos e responsabilidades nas famílias, comunidades e na sociedade em geral:

Vivenciar estratégias que questionam o lugar destinado as mulheres, como acontece em grupos formais e informais da economia solidária, possibilita também observar a presença de outros valores e significados para o trabalho. ao destacar o papel da fala, da cura, do cuidado com o meio ambiente, o trabalho enraíza-se na experiência cotidiana e torna-se parte desta experiência (SILVA, 2017, p.8)

Quando Silva (2017) destaca a importância da fala, da cura e do cuidado com o meio ambiente, o trabalho deixa de ser apenas uma transação econômica e se torna uma expressão intrínseca da experiência diária. Nestes espaços, não se trata apenas de quebrar barreiras, mas de redesenhar todo o cenário. As mulheres, historicamente relegadas a funções estereotipadas, podem encontrar nos empreendimentos de economia solidária uma oportunidade de redefinir

seu papel. A narrativa não é mais apenas sobre produção e consumo, mas sobre diálogo, cura e sustentabilidade.

Como visto ao longo deste tópico, os empreendimentos solidários oferecem um espaço onde as habilidades e perspectivas individuais são valorizadas, estimulando a quebra de estereótipos de gênero arraigados, sendo assim, a economia solidária não consiste apenas em um refúgio diante da precariedade econômica: ela busca, também, criar oportunidades que promovam a emancipação feminina e redefinem o cenário econômico e social em direção a uma equidade de gênero mais completa. Uma maneira de integrar as mulheres nesse contexto econômico é através da construção de estratégias que incentivem sua participação em atividades fora da esfera doméstica, garantindo condições adequadas para o desenvolvimento e sustentabilidade de seus empreendimentos.

No caso da associação ASCORALINAS, sujeito de estudo deste TCC, a economia solidária é um dos pilares fundamentais na criação da rede colaborativa que vêm se criando desde a época que o empreendimento era um projeto.

Essa junção poesia, trabalho, universo feminino, cultura e turismo local, pautada na economia solidária e em rede colaborativa, tem oportunizado a qualificação das mulheres associadas e estendidas a outras da comunidade em geral. Inclusive, gerando interesses de outras instituições, de outras mulheres e outros municípios a potencializar as condições de trabalho coletivo, possibilitando ações formativas, de resgate de saberes tradicionais, de convivência cultural, com o fim político do melhor-viver. (SILVA, 2023, p.31)

Como será aprofundado no segundo capítulo deste trabalho, essas ações conjuntas fortalecem a identidade coletiva das mulheres empreendedoras e contribuem para a promoção do desenvolvimento local de forma sustentável e inclusiva.

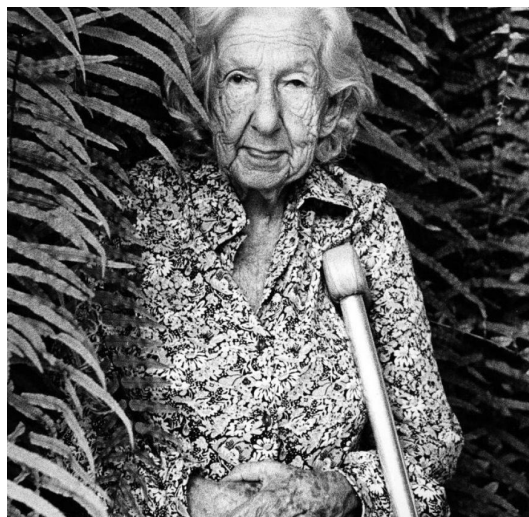
2. “TODAS AS VIDAS DENTRO DE MIM”: ITINERÁRIOS DA ASSOCIAÇÃO MULHERES CORALINAS

2.1 Cora Coralina: breves notas biográficas

Existem várias vidas dentro de Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas. Cora Coralina (Figura 1) teve 95 anos para abrir “o vôo nas asas impossíveis do sonho” (CORALINA, 2012, p. 38) e assim o fez, se tornando nesse tempo, as tantas pessoas que ela pôde ser, mesmo com as adversidades de ser mulher no século XX.

Cora Coralina foi doceira, escritora, mãe, vendedora de livros, dona de loja de retalhos, candidata a vereadora, e até no papel de irmã da ordem franciscana ela se aventurou durante sua vida, abordar as tantas facetas de Cora, explicita o porquê dela ter se tornado fonte de inspiração para inúmeras mulheres, transcendendo as limitações de sua época e desdobrando-se em diversos papéis ao longo de sua jornada.

Figura 1 – Fotografia de Cora Coralina



Fonte: Cidinha Coutinho, 1983

Antes de ser Cora, foi Anna. Anna, que era o nome dado às meninas que nasciam naquela época em honra a Santa Ana, a padroeira de sua cidade natal e de seu estado. Ao longo do tempo, a pequena Aninha foi percebendo que precisaria procurar a sua

individualidade no mar de Anicas, Anocas e Niquitas, foi assim que nasceu Cora Coralina em homenagem ao Rio Vermelho e à sua própria Coragem (REIMER; SIQUEIRA, 2020),

eu tinha medo que a minha glória literária fosse atribuída a outra Ana mais bonita do que eu. Então procurei um nome que não tivesse xará. Olhei pela cidade, corri as minhas recordações, indaguei como chamava tal moça, assim, assim, filha de fulano... Não achei nenhuma Cora. Aí optei por Cora. Depois Cora só era pouco, achei Coralina e aí juntei Cora Coralina e passei a me identificar por Cora Coralina (CARVALHO et al., 2006)

Anna Lins dos Guimarães Peixoto nasceu em 20 de agosto de 1889, na Cidade de Goiás e era a terceira de quatro filhas (FRAZÃO, 2021). Desde pequena, Aninha sempre foi comparada às suas irmãs, consideradas em sua família mais formosas e interessantes, o que a fazia sentir como “a menina feia da ponte da lapa” (CORALINA, 2014). Em entrevista, ela revelou a sua ambiguidade em relação à infância, afirmando que não sabia se tinha sido feliz ou infeliz, pois nunca fora compreendida pelos adultos (TERRITÓRIO CONHECIMENTO, 2017). Sentia que tentavam moldá-la em um padrão que consideravam o melhor, mas que ela não conseguia se encaixar, mostrando desde pequena a sua inconformidade com o lugar que fora lhe imposto.

Em decorrência da crise financeira enfrentada pela sua família, no ano de 1900 (BRITTO; SEDA, 2009), quando Aninha tinha 11 anos, a sua mãe alugou a Casa da Ponte e foi morar do outro lado da Serra Dourada, na “Fazenda Paraíso”. A presença feminina nesse espaço foi central na vida de Cora Coralina. Sua bisavó, Mãe Yayá, e especialmente sua tia Nhá-Bá, desempenharam papéis na preservação de tradições e no cuidado com a família, como pontuado no seu poema “Na Fazenda Paraíso”:

Nos dias da minha infância ali viviam meu avô, minha bisavó Antônia, que todos diziam Mãe Yayá, minha velha tia Bárbara, que era tia Nhá-Bá. Essa governava a casa da cozinha ao coalho, passando pela copa, onde fazia o queijo com o coalho natural e guardava os potes sempre cheios de doce, e tinha uma pequena forma de açúcar, coberta de barro, inviolada para uso exclusivo dela e da velha mãe. Era um açúcar todo especial da garapa coada e mel espumado. Essa tia, que renunciara ao casamento para melhor garantia do seu lugar no céu, tinha se extremado em limpeza e asseio, zelo pela administração da casa, amor à capela da fazenda e cuidados com a velha mãe. (CORALINA, 2017, p.119)

Ao descrever a rotina da Fazenda Paraíso, Cora Coralina destaca a relevância das mulheres na sustentação do lar e na transmissão de conhecimento e tradição. Essas experiências moldaram não apenas a sua infância, mas também influenciaram sua visão sobre o papel das mulheres na sociedade. A riqueza da vida na Fazenda Paraíso, com suas tradições,

valores familiares e a intensa conexão com a natureza e a fraternidade, contribuiu para a formação da identidade de Aninha e, por consequência, para a poética que Cora Coralina compartilharia com o mundo. Foi na Fazenda Paraíso que as cores, os aromas e as diversas experiências com o bucólico foram semeando no coração de Cora, as vivências poéticas que refletiriam nos seus escritos futuros (REIMER; SIQUEIRA, 2020).

Fazer uma retrospectiva da infância de Cora é mencionar a influência da Mestra Silvina, sua madrinha de crisma e única professora, na sua formação literária. Silvina Ermelinda Xavier de Brito ou a Mestra Silvina, guiou Aninha no mundo da leitura e da escrita, mesmo quando muitos duvidavam de sua capacidade de aprender (CORALINA, 2017). São diversos os momentos que Cora escolheu na sua produção poética para falar sobre a sua época de escola, entre eles destaca-se um trecho do poema A escola da Mestra Silvina:

Não, que a Mestra
Era boa, velha, cansada, aposentada.
Tinha já ensinado a uma geração
antes da minha.
A gente chegava "-- Bença, Mestra."
Sentava em bancos compridos,
escorridos, sem encosto.
Lia alto lições de rotina:
o velho abecedário,
lição salteada.
Aprendia a soletrar.
(...)
Banco dos meninos.
Banco das meninas.
Tudo muito sério.
Não se brincava.
Muito respeito.
Leitura alta.
Soletrava-se.
Cobria-se o debuxo.
Dava-se a lição.
Tinha dia certo de argumento
com a palmatória pedagógica
em cena.
Cantava-se em coro a velha tabuada. (CORALINA, 2014, p. 75-76)

A descrição detalhada do dia a dia dentro da escola, pode ser vista como um indício do que era o ambiente escolar da época, a ausência de chamada e o ritual de entrada, onde os alunos saudavam a mestra com um "Bença, Mestra", revelam rituais e tradições interioranos. A leitura em voz alta, a soletração, a organização dos alunos por gênero, e a ênfase na seriedade indicam os métodos pedagógicos da época (BRITTO; SEDA, 2009). Todos estes são frutos da experiência da Mestra Silvina, que como outras professoras aposentadas,

continuaram lecionando nas suas casas, para as filhas e filhos de suas alunas de outrora, não somente para complementar a renda mas para continuar o legado da sua vocação:

Foi pela didática paciente da velha mestra que Aninha, a menina boba da casa, obtusa, do banco das mais atrasadas, se desencantou em Cora Coralina. Lugar de honra para minha mestra e para todas as esquecidas Mestras do passado. Mestra Silvina – beijo suas mãos cansadas, suas vestes remendadas. (CORALINA, 2012, p. 11)

Cora dedicou o livro "Vintém de Cobre" à memória de sua mestra, expressando profunda gratidão e reconhecimento pelo papel crucial que Silvina desempenhou em sua educação e desenvolvimento literário. A influência da Mestra Silvina vai além do ensino formal; ela foi quem despertou o encanto pela aprendizagem e pela palavra escrita em Cora Coralina. Mesmo com sua didática rígida, a Mestra Silvina não apenas instruiu, mas inspirou, (BRITTO; SEDA, 2009) contribuindo significativamente para a transformação de Aninha em poetisa e contadora de histórias.

Ao voltar para a Casa da Ponte na sua juventude, Cora Coralina, então assídua frequentadora do Gabinete Literário Goiano (BRITTO; SEDA, 2009), encontrou ao lado das escritoras Rosa Santarém Godinho, Alice Augusta de Santana e Leodegária de Jesus, a paixão pela escrita, assim, no ano de 1907, as quatro fundaram a primeira publicação da imprensa feminina na região, o periódico: A Rosa.

Este periódico oferecia um espaço para reflexões, crônicas e poesias. Cada exemplar do jornal tinha quatro páginas, e o papel usado para impressão era cor-de-rosa, correspondendo ao nome da publicação. Mesmo após mais de cem anos, os exemplares existentes na Biblioteca Nacional ainda preservam essa característica, com a cor do papel distinguindo-os dos demais.

Foi na sociedade literária vilaboense que Cora Coralina conheceu o seu parceiro e futuro pai dos seus filhos, o advogado Cantídio Brêtas, 22 anos mais velho e com um passado difícil, já que vinha de um primeiro casamento e tinha três filhos. Apaixonada e grávida deixou a cidade de Goiás, no dia 25 de novembro de 1911 (TERRITÓRIO CONHECIMENTO, 2017). Durante a viagem até São Paulo, encontraram Guajajarina, uma filha de Cantídio de um relacionamento extraconjugal, Cora então assumiu a responsabilidade pela menina e se tornou a sua mãe (BEDUSCHI, 2020). A jornada continuou, agora envolvendo não apenas a relação de Cora com Cantídio, mas também sua nova responsabilidade como mãe de Guajajarina. É importante destacar que mesmo com as adversidades da situação, Cora nunca pareceu se arrepender dessa decisão já que foram seus

anos nas cidades de São Paulo que possibilitaram experimentar as situações que logo depois foram narradas nos seus poemas.

Desde a morte do seu marido em 1934 até seu regresso à casa da Ponte, foram vinte e dois anos onde Cora vivenciou as mais diferentes facetas que a vida foi lhe proporcionando. Quando morou na capital paulista, conheceu o editor José Olympio, dono da editora que viria a publicá-la mais tarde, e lá ela vendeu livros de porta em porta para sustentar sua família (BRITTO; SEDA, 2009). Em 1936 Cora se mudou para Penápolis. Lá, produziu e vendeu linguiça caseira e banha de porco, além de contribuir no processo inicial de arborização da área urbana por meio da plantação de mudas. Em 1937 fez votos de pobreza e ingressou na Ordem Terceira da Penitência de São Francisco com o nome de Irmã Conceição (BRITTO, 2006), em 1938 abriu a “Casa Borboleta” para revender retalhos que comprava na 25 de março, e em 1941, participou em comícios pela União Democrática Nacional. Durante este tempo ela não parou de escrever, já que continuava se correspondendo por cartas com sua família (BRITTO; SEDA, 2009).

Decidida a não deixar que o medo a parasse, Cora Coralina empreendeu viagem para Andradina, cidade que ainda estava começando a ser construída, tornando-se assim, pioneira:

Eu na cidade de Penápolis, via passar aqueles caminhões, com aquela carga pobre. Procuravam as terras novas de Andradina. Eu então me fiz pioneira, e um dia tomei o trem e fui ver Andradina sozinha. Quando eu voltei de lá, já deixei casa alugada. Engajei na mudança e procurei meu ponto de pouso na cidade que nascia. Meus atavismos ancestrais me arrastaram para a terra. E eu participei. Me afirmei sitiante. Plantei e colhi, aprendi mais uma vez a viver. Quando eu ia pra Andradina, dizia gente lá de Penápolis – ‘a senhora vai pra lá? Isso é só para aventureiro. É o lugar que a gente não tem segurança de vida’. E eu falei – ‘pois eu também vou me aventurar’. Engraçado como é que aquelas ameaças não me pressionavam. (BRITTO; SEDA, 2009, p. 181)

Na nova cidade, Cora continuou o trabalho de vendedora levando consigo seu bazar “Casa Borboleta” (BRITTO; SEDA, 2009) além deste papel, a Dona Cora Brêtas surge como agricultora, reconhecendo-se na Aninha da Fazenda Paraíso, ela adquire um pedaço de terra e começa a cultivar algodão e vender madeiras para a construção da estrada de ferro. Cora morou em São Paulo até 1956, quando volta para a Cidade de Goiás:

Sozinha...
Na estrada deserta, sempre a procurar
o perdido tempo
que ficou pra trás.
Do perdido tempo.
Do passado tempo
escuto a voz das pedras:

Volta... Volta... Volta...
E os morros abriam para mim
Imensos braços vegetais.
E os sinos das igrejas que ouvia na distância Diziam: Vem... Vem... Vem... E as
rolinhas fogo-pagou das velhas cumeeiras: Porque não voltou... Porque não voltou...
E a água do rio que corria chamava... chamava...
Vestida de cabelos brancos Voltei sozinha à velha casa, deserta (CORALINA, 2014,
p, 63.)

Como uma folha que se reencontra na brisa que a levantou, Cora Coralina volta para Goiás, adentrando num centro-oeste totalmente diferente do que ela deixou, e este por sua vez, desvendando uma Cora que já tinha em seu coração, muitas vidas para contar.

Cora Coralina passou a viver sozinha na Casa Velha da Ponte, onde, por necessidade financeira, iniciou o ofício de doceira tornando-se, em 1964, uma das primeiras mulheres a comercializar doces das frutas da região, garantindo o suporte financeiro necessário para realizar seu desejo de escrever. Assim, os papéis de doceira e escritora se entrelaçam, dando origem à "doceira-poeta" ou "poeta-doceira" (DELGADO, 2002). As suas criações culinárias eram receitas familiares aprimoradas ao longo das gerações, carregadas de valores e tradições:

Sou mais doceira e cozinheira
do que escritora, sendo a culinária
a mais nobre de todas as Artes:
objetiva, concreta, jamais abstrata
a que está ligada à vida e
à saúde humana. (CORALINA, 2012a p.54)

Neste poema, a comida é vista como uma forma de arte que contribui para o bem-estar e a vitalidade, transcendendo as fronteiras da mera nutrição. Os doces, carregados de tradição e afeto, eram uma extensão do seu amor pela cozinha, como pontuado por Benedito (2017). Eram doces de frutas, açucarados, colocados em caixinhas fechadas, embrulhadas em papel fantasia, amarradas com fitinhas. Jamais fita colante.

Enquanto mexia em caldeirões de goiabada e preparava doces cristalizados, Cora Coralina também mexia nas palavras, buscando os ingredientes certos para suas histórias. Em 1965, lançou seu primeiro livro, "Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais", pela editora do seu amigo José Olympio (BRITTO; SEDA, 2009).

"Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais" focaliza a temática feminina e o trabalho como elemento central. A obra explora as vidas cotidianas das mulheres, conectando-as a uma dimensão mítica de Goiás, rica em simbolismos e memórias. A linguagem utilizada por Cora Coralina é simples, sem adornos, transmitindo as experiências femininas de forma direta (CAMARGO, 2006). A confraternidade entre as personagens dos poemas se destaca,

evidenciando a solidariedade e união entre elas, destaca-se que, em meio a uma sociedade patriarcal, a presença masculina nas poesias da autora é notavelmente escassa, destacando as vozes e vivências femininas como testemunho da centralidade das mulheres na sociedade.

Apesar de já ser conhecida no meio literário goiano e de contribuir com crônicas em jornais, Cora enfrentou dificuldades para ser reconhecida no campo literário local (MOLLO; DA MATA, 2017). Sua idade avançada, e as escolhas estéticas ousadas contribuíram para o distanciamento dela da sociedade literária da época, que até questionava a veracidade da produção autoral dos seus escritos:

Outra melhor, maior em tamanho, enorme de não caber resposta fácil, na hora, aliás resposta implícita, anexada a pergunta assim delicadinha, macia, fala amenizada: ‘– Dona Coralina, foi a senhora mesma quem escreveu este livro?...’ Meu Deus! O tamanho da pergunta, assim de arrasar num sufoco, não tivesse eu a minha cultivada rudeza em reação (Cora in BRITTO; SEDA, 2009 p. 243)

Essa pergunta, feita a partir do ceticismo, sugere que as pessoas têm dificuldade em aceitar uma mulher idosa como uma autora legítima, mesmo com a chancela das editoras em seus livros. Cora Coralina responde de forma assertiva, destacando sua produção literária e refutando a ideia de que alguém poderia tê-la ajudado a escrever. O etarismo é fruto também do preconceito de gênero já que além de ser uma pessoa de idade, é uma mulher que está presente por trás das poesias.

Essa situação fica clara quando Cora recebe os louros da sua obra somente a partir da validação do também escritor, Carlos Drummond de Andrade, autor que na época tinha 77 anos:

Treze anos se passaram do lançamento de seu primeiro livro até que Cora Coralina fosse reconhecida e a recepção à sua produção deslanchasse. Chegou às mãos de Carlos Drummond de Andrade a segunda edição de Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais. Ele escreveu uma crônica elogiando a poeta e, a partir daí, a visibilidade do trabalho de Coralina aumentou exponencialmente. (MOLLO; DA MATA, 2017, p. 255)

Como analisado pelos autores, a influência de Drummond no final da década de 70 e início de 80 é percebida não apenas como um endosso, mas também como um elemento pacificador na obra de Cora. Sua aceitação e elogio à obra de Cora Coralina contribuíram para diminuir as tensões e conflitos que a escritora enfrentava em relação ao centro literário.

Nos cinco anos entre esse momento decisivo e a sua morte, em abril de 1985, Cora participou de diversos programas de tv e continuou de portas abertas para todos aqueles que queriam visita-la. A poetisa foi amplamente reconhecida com diversas homenagens e prêmios

ao longo de sua carreira. Dois destaques notáveis incluem o título de Dra. Honoris Causa pela Universidade Federal de Goiás em 1983 e o Troféu Juca Pato de Intelectual do Ano de 1983. Entre as várias honras recebidas, mencionam-se o título de Cidadã Andradinense em 1962, a membresia na Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás em 1970, e a Medalha Ana Néri pela Sociedade Brasileira de Educação e Integração em 1977, entre outras. Destacam-se também prêmios e distinções recebidos em anos específicos, como em 1982, 1984 e 1985, abrangendo desde medalhas estaduais até reconhecimentos literários e sociais (BRITTO, 2006).⁵

Este tópico tem o potencial de aprofundar ainda mais na vida de Cora analisando as suas obras, os personagens que permeavam as suas narrativas ou voltando a atenção para o papel de Cora como mãe e avó. No entanto, o cerne das reflexões propostas foi alcançado ao resumir a trajetória de Cora Coralina em um adjetivo: autenticidade, como a escritora se auto reconheceu no poema “Cora Coralina, quem é você?”

Sendo eu mais doméstica do
que intelectual,
não escrevo jamais de forma
consciente e raciocinada, e sim
impelida por um impulso incontrolável.
Sendo assim, tenho a
consciência de ser autêntica. (CORALINA, 2012a, p. 34)

Nesse contexto, a autenticidade não é apenas um traço incidental, mas sim um princípio fundamental que informa e permeia todo o processo criativo da autora sugerindo uma rejeição consciente de paradigmas convencionais. A citação "O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim, terás o que colher."(CORALINA, 2012b) plasma a autenticidade de Cora, esse traço, aliado à poderosa força de seus papéis, a torna uma inspiração não apenas para o Projeto Mulheres Coralinas, mas também para todas as mulheres que acompanharam e acompanham sua trajetória.⁶

⁵Para conhecer em detalhes visitar a página 65 e 66 do texto de BRITTO (2006).

⁶ Para encontrar respostas a essas indagações e outras que possam surgir, recomenda-se a consulta ao livro "Raízes de Aninha" de Britto e Seda (2009)

2.2 Mulheres Coralinas: jornada do projeto até a associação

Vive dentro de mim
a mulher roceira.
-Enxerto de terra,
Trabalhadeira.
Madrugadeira.
Analfabeta.
De pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira. (CORALINA, 2017 p.179)

A escolha do título “todas as vidas dentro de mim” representa a poética identitária, presente nos poemas de Cora Coralina. Esta poesia vibra em cada mulher que, desde a data de formação do projeto em 2014, se transformou em Coralina. O coletivo se uniu para representar o legado da cidade, a partir dos saberes das mãos, trazendo à tona a herança cultural, tanto dos seus antepassados quanto da própria poetisa. O projeto Mulheres Coralinas tinha como objetivo principal a formação e capacitação de mulheres urbanas de baixa renda e/ou que sofriam violência doméstica:

Essa formação era realizada em áreas de trabalho no que compreende o artesanato: bordado, cerâmica, confecção de bonecas, de artesanatos em fibras vegetais e gastronomia. Além desses, o projeto também contemplava os eixos transversais que contemplavam a formação literária e o acesso aos bens culturais da Cidade de Goiás (PAIVA, 2023, p. 32)

As áreas de trabalho, porém, não visavam limitar a participação somente a um ofício, as Coralinas interessadas em outras oficinas podiam participar como ouvintes, e assim participar da troca de experiências das três grandes áreas do projeto: Artesanato, Gastronomia e Literatura. Este projeto foi executado graças ao recurso de emenda parlamentar da então deputada federal Marina Santana no ano de 2013, o seu cunho de política pública demonstra o interesse do governo à época, em emancipar por meio da autonomia econômica das mulheres.

É importante mencionar mais uma vez que o projeto foi pensado por mulheres, para mulheres e na época tinha no governo federal a presidenta Dilma Rousseff, no governo municipal a prefeita Selma Bastos e foi por meio da emenda parlamentar da ex-deputada Marina Santana que foi possível desenvolver o projeto Mulheres Coralinas. Desse modo, havia um coletivo de mulheres se movimentando em prol de proporcionar uma vida mais digna a outras mulheres (PAIVA, 2023, p. 33)

Ao ter sido coordenado por mulheres, sendo elas a Prof^a Dr^a Ebe de Lima Siqueira, Prof^a Elenízia da Matta de Jesus e Assessora de Execução do Projeto pela UFG Prof^a Dr^a

Goiandira Ortiz de Camargo, destinado a mulheres e executado em parceria com instituições e órgãos governamentais liderados por mulheres, o projeto destaca esse protagonismo na promoção de mudanças sociais e na busca por uma vida mais digna para outras mulheres. Dessa forma, o protagonismo da mulher não existe neste contexto apenas como beneficiárias, mas como agentes ativas na concepção e execução de iniciativas que buscam promover a equidade de gênero.

Assim que o projeto começou em 2014, as 150 Coralinas escolhidas para o projeto receberam um kit, tanto com um material próprio a subárea, como com um material do projeto, este último continha: um livro de poesia de Cora, lápis, camiseta, avental, bolsa, lenço, um “Caderno Coralinas” com orientações de cada módulo e uma cartilha com a Lei Maria da Penha em quadrinhos, a qual proporcionou uma base legal e educativa para as participantes.

A LEI Nº 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006 estabelece medidas para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher, abrangendo diferentes formas de agressão, como física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. Ela prevê a criação de Juizados Especializados e define procedimentos legais específicos para casos de violência doméstica. Além disso, a lei Maria da Penha destaca a importância da assistência integral à mulher em situação de violência, envolvendo ações da polícia, do sistema judiciário e de serviços sociais. A legislação de 2006 também introduziu inovações, como as medidas protetivas de urgência, que buscam garantir a segurança da vítima. Ao educar as mulheres sobre a legislação que as protege, o projeto atuou como um agente na prevenção e combate à violência contra as mulheres.

Hoje em dia, a associação conta com aconselhamento jurídico por parte de uma das coralinas que é advogada e acompanha voluntariamente as questões particulares de cada mulher, o que permite criar uma rede de apoio para conhecer cada vez mais os recursos legais disponíveis para enfrentamento às violências.

Destinadas as vagas e entregue o kit, foram iniciados os trabalhos do “Projeto Mulheres Coralinas” em fevereiro de 2014.

O primeiro módulo foi o de confecção de doces e quitandas (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016) trazendo a gastronomia vilaboense como foco da ação. Em todos os módulos o eixo norteador foi a literatura de Cora, que neste caso era testemunho da culinária cerratense.

As oficinas foram desde atividades para aprender as técnicas dos doces e quitandas goianos, como a oficinas para desenvolver a confecção de embalagens, o acondicionamento dos alimentos e até a produção estética dos pratos, ou *food design*, de forma a tornar o ofício artístico em um produto. Doce cristalizado, pastelinho, passa de caju, puxa de rapadura, flor de mamão, empadão, biscoito frito, bolo de arroz e a flor de coco, foram algumas das receitas aprendidas nessas oficinas (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016)

É relevante destacar que segundo o perfil socioeconômico traçado pelo projeto, (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016) 67% que participaram como doceiras tinham entre 44 e 74 anos quando começaram o projeto, enquanto que 33% das coralinas da subárea das quitandas tinham entre 34 e 43 anos.

A seguinte grande área, o artesanato, se dividiu em quatro módulos, de Confecção de Bordado, Confecção de Bonecas, Fibras Naturais e Cerâmica.

A arte de bordar remonta aos seus primórdios no Egito Antigo, onde os mais antigos exemplares foram descobertos (DUMONT, 2023). Desde então, essa forma de expressão artística se expandiu criativamente por diversas culturas, passando pela Grécia Antiga, China, Índia, África, Oriente Médio, Ásia, Europa e América do Sul. Na China, no século IV a.C, surgiram sedas bordadas profissionalmente, enquanto na Índia, animais e flores ganharam vida nas mãos dos bordadeiros. Ao se espalhar pelas diferentes regiões do mundo, o bordado à mão absorveu influências variadas, enriquecendo a produção têxtil com técnicas diversas, novos pontos de bordado e suportes de tecidos, culminando em uma tapeçaria cultural que reflete a diversidade da humanidade ao longo do tempo.

Com o propósito de incentivar a prática do bordado entre as bordadeiras da cidade e introduzir novas mulheres na arte dos riscos e pontos, esta iniciativa se inspirou nos bordados tradicionais da cidade de Goiás (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016). As oficinas foram planejadas para capacitar as participantes não apenas na técnica, mas também na criação, seguindo os caminhos das artes populares e do design de bordados. Esse percurso encontrou um ponto de convergência entre o tradicional e a viabilidade comercial.

O respaldo da senhora Vicência Brêtas Tahan, detentora dos direitos autorais dos poemas de Cora Coralina, foi fundamental. Com a sua aprovação, foi possível estabelecer a estética de um bordado distintamente coralíneo, alinhado não apenas com a identidade do projeto, mas também com a herança das palavras de Cora.

Sobre esses pontos, destaca-se o texto que a Ciça Fittipaldi escreveu para o livro “Mulheres Coralinas” (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016), Ciça é escritora, ilustradora e foi oficinaira no projeto:

Aos poucos vamos elaborando nossos pontos, cheios de carinho, matizados de possibilidades, pontos correntes de trocas, atrás da nossa alegria de viver (...) bordando desenhos com pontos e linhas coloridas, vamos nos afinizando pelo desejo de melhorar tudo (...) ponto a ponto, nossos encontros e bordados vão tramando os desenhos em que descobrimos, aos poucos, histórias que podemos, precisamos ou queremos contar. (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016 p. 76)

Ciça Fittipaldi utiliza a metáfora do bordado para descrever o processo gradual de construção e desenvolvimento do grupo. Os pontos representam as contribuições individuais das participantes, a dinâmica de aprendizado e o intercâmbio contínuo entre elas. A metáfora do bordado se estende à descoberta gradual de histórias individuais e coletivas, revelando narrativas que podem ser contadas de diferentes formas. A trama resultante dos encontros e bordados formam desenhos coletivos, ressaltando a importância da expressão individual dentro de uma construção coletiva de significados.

O seguinte módulo, trouxe em cena a arte de fazer bonecas. Para contextualizar a simbologia das bonecas de pano, apresenta-se a história natalina de Rubem Alves (1995) sobre uma garota que pede a boneca mais bela do mundo para o papai Noel:

Estas bonecas não podem ser vendidas por dinheiro. Tem de ser feitas a mão, uma a uma, e têm de ser dadas por amor. Mamãe Noel foi passando as páginas vagarosamente. Fazia tanto tempo que não via aquele livro! Estava com saudades daquelas bonecas que tinham dado tanta alegria a crianças de outros tempos. Tão bonitas, tão fofas, tão meigas! Eram feitas a mão, com pano, agulha e linha, uma de cada vez, do jeito mesmo como os nenezinhos são feitos na barriga da mãe. Mas agora as crianças preferiam bonecas magrelas, duras e de plástico, que se fazem nas fábricas. Bonecas que se compram nas lojas... Mamãe Noel enxugou uma lágrima, mas logo sorriu. Felizmente ainda havia uma menina que se lembrava das bonecas mais lindas do mundo. (ALVES, 1995, p.3)

As lembranças que a “mamãe Noel” evoca é o mesmo caminho feito por muitas das mulheres que participaram deste módulo, segundo Siqueira e Camargo (2016), as memórias das dificuldades financeiras e do tempo onde a criatividade e imaginação eram essenciais para as brincadeiras de crianças, se impregnaram a cada boneca confeccionada. Além disso, conforme relatado pela Coordenadora Elenizia da Mata no mesmo livro, estas bonecas representam as personalidades presentes na obra Coralínea, sendo assim, a identidade vilaboense é retratada em cada boneca confeccionada.

O módulo IV destaca a tradição de objetos feitos a partir das fibras naturais do buriti e de outras palmeiras típicas do cerrado (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016) Em uma das oficinas,

as mulheres tiveram aula-campo para adentrar o bioma do cerrado e reconhecer *in loco* as possibilidades de confecção da peça. Diferente dos outros módulos, aqui elas participaram desde o primeiro momento, preparando o material, colhendo, selecionando, secando e modelando as fibras para a confecção.

O último módulo do artesanato apresentou a cerâmica a partir do reconhecimento e divulgação da vivência das mestras e mestres tradicionais do estado. No seu trabalho de conclusão de curso, Sônia Helena Batista discorre sobre a presença da Cerâmica na cidade de Goiás

Na Cidade de Goiás, as origens da cerâmica, com a influência multiétnica, indígena, africana, europeia, ainda se mantém presente em peças produzidas artesanalmente, em casas das mulheres paneleiras, em pequenas associações ou fábricas que já fazem o uso do torno e de processos modernos de maior produtividade. (SOARES, 2018, p. 22)

Como pontuado pela autora, a tradição ceramista muitas vezes é preservada nas mãos das mulheres paneleiras. Elas desempenham um papel crucial na transmissão das técnicas tradicionais de modelagem manual da argila, preservando assim métodos que remontam a diversas gerações. No caso do projeto das Mulheres Coralinas não foram confeccionados somente objetos utilitários mas também decorativos, moldando a vontade do barro a partir das subjetividades estéticas de cada Coralina. Para a queima do barro, foi construído um forno coletivo que as auxiliou na produção das peças.

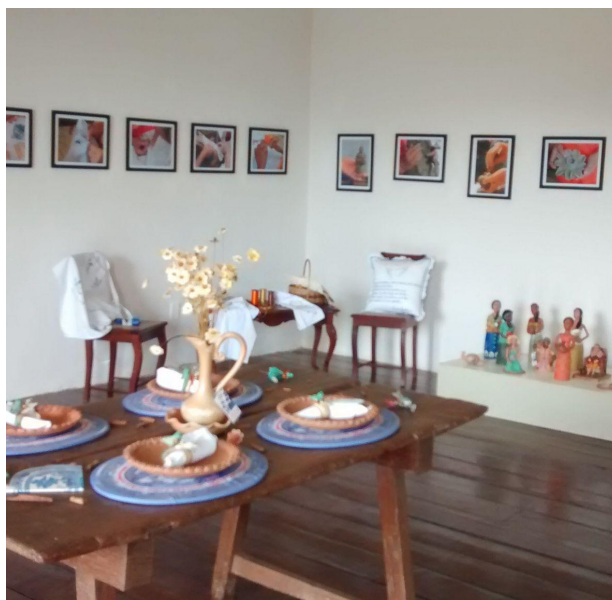
A literatura, tida como a terceira grande área, foi o eixo transversal a todos os módulos. Dessa forma, além das oficinas específicas, todas elas participaram de sessões de leituras que se desdobraram na criação do grupo de vocalização nomeado “Vozes Coralinas” (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016) Neste eixo também foram feitos passeios visando a educação patrimonial da cidade, palestras sobre os conceitos de associativismo, cooperativismo e empreendedorismo e encontros sobre segurança e saúde no trabalho.

Quase que no final do projeto, as Coralinas embarcaram rumo a Diamantina, Minas Gerais, para realizar uma missão técnica. (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016) A proposta era sensibilizar essas mulheres para a importância do artesanato autoral e das práticas de empreendedorismo coletivo e associativo. A viagem teve como parada a cidade de Olhos D'Água, em Goiás, onde elas visitaram o ateliê das artesãs Hilda Freire e Fatinha, que foram instrutoras do projeto.

Durante dois anos, 150 mulheres (SIQUEIRA; CAMARGO, 2016) foram fortalecidas não somente nos saberes das mãos, mas no seu senso de comunidade, reverberando individualmente na sua formação. Isso se demonstra na culminação da exposição “Memória

das Mulheres Coralinas”, (Figura 2) onde as Coralinas expuseram no Museu das Bandeiras, entre abril e maio de 2016, fotografias do projeto e as peças produzidas durante as oficinas da associação.

Figura 2 - Exposição do Museu das Bandeiras



Fonte: MUBAN, 2016 ⁷

Esse percurso do projeto finaliza com a entrega de certificados para as Coralinas e a criação da Associação AS CORALINAS, inicialmente o projeto não previa comercializar os produtos, porém ao perceber a força motriz do que fora criado pelo trabalho dessas experiências, em maio de 2016, a Prefeita Selma Bastos cedeu uma sala no mercado municipal da cidade, que viria a ser o ponto de vendas dos saberes aprendidos durante esses dois anos, visando a continuidade desses valores:

Pensando na autonomia administrativa prevista no Estatuto, a associação AS CORALINAS possui uma diretoria com presidenta, secretária executiva, tesoureira, conselheiras e suas respectivas vices. As mulheres da diretoria são associadas e nomeadas de forma democrática pelo voto das demais associadas desse coletivo. Vale mencionar ainda que, todas as mulheres que compõem a associação são contribuintes com um valor mensal estipulado pelo coletivo e com reajuste a cada 2 anos. Há a porcentagem dos produtos vendidos na loja que é destinada às demandas da associação no que compreende as despesas com água, energia e impostos. Além disso, as mulheres possuem certas obrigações, como a participação nas escalas de trabalho na loja (PAIVA, 2023 p.74)

⁷ Disponível em:

<https://antigo.museus.gov.br/museu-das-bandeiras-recebe-mostra-memoria-das-mulheres-coralinas/>

Dessa forma, a relevância da associação está na sua contribuição para que as Coralinas participem direta e indiretamente da economia local, da cultura e da educação (SANTOS,2019). Produzir e comercializar o próprio trabalho em um ambiente que reconhece a importância dos seus saberes, respeitando suas vivências e individualidades é reivindicar, transformar e ressignificar o espaço delas dentro da própria economia regional.

A primeira diretoria da associação foi composta pela presidenta Wanda Elizabeth Moiana, conhecida como dona Beth e a vice Presidenta, Ebe Maria De Lima Siqueira, acompanhando essas duas mulheres, compunham a administração dona Maria de Lourdes na tesouraria e na secretaria, Michele Cristina Faria.

É preciso fazer um adendo a utilização dos termos “Presidenta” e “Vice presidenta” flexionados no feminino, já que como pontuado por Cavalcante e Coan (2018) “o termo tem força sociopolítica, pois seu emprego é sensivelmente motivado (...) pelas mulheres, condutoras da mudança quando os estigmas não mais caracterizam as formas” o que justifica a sua utilização neste contexto.

A estrutura da AS CORALINAS é organizada na forma de uma entidade civil de fins não econômicos (ASCORALINAS, 2016) com uma abordagem holística, indicando que sua principal finalidade não é gerar lucro, mas sim atuar em prol de objetivos sociais e culturais. Sobre a autonomia administrativa e a autogestão proposta pela economia solidária, o estatuto da ASCORALINAS expõe:

Art. 2º A AS CORALINAS tem por finalidades institucionais:

I – congregar as egressas do Projeto Mulheres Coralinas, bem como novas associadas, prestando-lhes apoio assistencial, operacional e orientação técnica nas atividades que desenvolverem com a mediação da entidade;

II – promover a cultura popular, as artes e ofícios nas suas várias formas de manifestações;

III – valorizar, incentivar, divulgar e promover a produção artística, artesanal e gastronômica das associadas, inclusive, oportunizando participações em feiras, exposições ou outros eventos locais, regionais, nacionais ou internacionais;

IV - apoiar a comercialização da produção artística, artesanal e gastronômica das associadas, viabilizando espaços para exposição e venda de seus produtos;

V - desenvolver ações, programas ou projetos de desenvolvimento econômico, social, cultural, ambiental e educativo que visem ao exercício da cidadania, ao fortalecimento de práticas de economia solidária e à promoção da qualidade de vida de suas associadas, das comunidades onde estão inseridas e da população de baixa renda; (ASCORALINAS, 2016, p.1)

Sendo assim, o propósito da AS CORALINAS vai além da promoção cultural, incluindo a congregação e apoio às mulheres Coralinas, oferecendo assistência e orientação técnica tanto na produção artística como em questões de cunho social, promovendo a

cidadania, a autonomia da mulher, a sustentabilidade econômica e a melhora na qualidade de vida (ASCORALINAS, 2016).

Ao abraçar o associativismo e a economia solidária, AS CORALINAS desempenha um papel de valorização de habilidades e conhecimentos das associadas (RODRIGUES,2022), ao mesmo tempo que se impulsiona como entidade prioritária para o combate às moléstias produzidas pelos sistemas econômicos tradicionais, guiados pela cultura patriarcal.

Em sete anos de associação, AS CORALINAS procuraram expandir sua presença na cidade de Goiás. Destaca-se na linha desses esforços, o projeto de 2019 “Saberes das Mãos: Cidadania Cultural e Formação para as Mulheres Coralinas” e a construção da sede da associação.

Em 2018, a Associação AS CORALINAS estabeleceu parceria com a advogada Thaís Dumê, representante da Organização Internacional do Trabalho no Brasil em 2019. O projeto foi aprovado pela OIT, com apoio financeiro do Ministério Público do Trabalho de Goiás (MPT-GO), proporcionando formação para associadas e 50 mulheres da comunidade. No ano de 2020, o Projeto Saberes das Mãos passou por uma reedição e, em resposta à pandemia de Covid-19, precisou se adaptar, oferecendo formações virtualmente.

Antes de continuar é preciso fazer um movimento de contextualizar o que foi o período de 2020-2021 não só no Brasil mas no mundo, abordando assim “uma das missões mais nobres das ciências históricas: lembrar o que alguns insistem em esquecer” (RIBEIRO et. al, 2020 p. 1).

O vírus do Covid-19, oficialmente conhecido como SARS-CoV-2, foi identificado pela primeira vez na cidade de Wuhan, China, no dia 31 de dezembro de 2019. A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a situação como uma pandemia em 11 de março de 2020. O vírus se espalhou globalmente, afetando países em diferentes graus:

Desde então, a vida em praticamente todo o planeta foi alterada: o ritmo urbano se transformou, ruas e lugares de encontro público se esvaziaram, aulas e diversas atividades foram suspensas, o comércio fechou as portas, pessoas se viram sem trabalho do dia para a noite. No mercado financeiro, as bolsas derreteram com o horizonte de crise econômica projetado e embates entre autoridades do governo e da saúde pública foram expostos aos holofotes. No campo político, as divergências foram reforçadas, esgarçando ainda mais os laços de convivência pública e colocando em evidência o já roto tecido social brasileiro.

Dessa forma, as transformações globais desencadeadas pela pandemia de Covid-19, delineiam a alteração radical na rotina urbana, o esvaziamento de locais públicos, a suspensão

de atividades e o fechamento do comércio, resultando na perda súbita de empregos. No Brasil, as tensões políticas aumentaram um dos maiores problemas da pandemia, a desinformação, as narrativas falsas muitas vezes refletiam divisões e eram exploradas para ganhos políticos ou para minar a confiança nas instituições influenciando a adesão a medidas de saúde pública, como o uso de máscaras e o distanciamento social.

Pode-se dividir em três fases distintas o contexto da pandemia de COVID-19 no Brasil: Na primeira, de fevereiro a abril de 2020, destaca-se a ausência de coordenação federal, resultando em medidas de distanciamento social variadas entre os estados. Na segunda fase, de maio a julho de 2020, governos estaduais tentaram reabrir o comércio, resultando em flutuações nas políticas de distanciamento. A terceira fase, de agosto de 2020 a janeiro de 2021, destacou a complexidade na discussão sobre a vacina, com falta de mobilização federal e atraso no início da campanha de vacinação. Os desafios econômicos desiguais entre estados, a falta de planejamento federal, o colapso do sistema de saúde e o incentivo às festividades contribuíram para a ascensão do Brasil no ranking de mortes em 2021, se tornando entre 9 de março e 25 de abril de 2021, o país com a maior média diária de mortes por Covid-19 do mundo.

É preciso acrescentar que, ao abordar esta época sensível, deve-se evitar a falácia meritocrática ou a ideia simplista de que "só não lucrou com a pandemia quem não quis". Este cuidado se justifica em respeito à memória das vítimas, aos traumas causados por este período e às muitas pessoas que ainda enfrentam adversidades. Destaca-se que, desde o início da pandemia no Brasil, pelo menos 38 mil novas pessoas ingressaram na situação de rua, e cerca de 21,1 milhões de brasileiros vivenciaram a insegurança alimentar grave durante a pandemia, passando por mais de um dia sem acesso a alimentos. É preciso reconhecer que os resultados das vivências das Coralinas durante a pandemia são evidência dos valores da Economia Solidária sendo colocados em prática, entendendo a solidariedade, como forma de combate a essas adversidades externas.

O programa "Saberes das mãos" se estendeu neste formato para mulheres de outros municípios, com formações que possibilitaram a entrada de novas integrantes na associação (PAIVA,2023). A adaptação para o virtual não foi isenta de desafios: dificuldades como a falta de ferramentas e habilidades para acessar plataformas; imprevistos relacionados a quedas de energia e internet; e a impossibilidade de realizar atividades práticas com o barro foram enfrentadas pelas participantes.

Com a reedição do projeto, surgiu um novo ofício na associação: a encadernação. Uma oficina específica foi realizada online, abordando as etapas desse trabalho manual com o suporte de aulas gravadas. (PAIVA,2023) Adicionalmente, o período de pandemia levou à criação de um canal no Youtube, onde as Rodas de Conversas planejadas para a segunda edição do projeto aconteceram de forma virtual, abordando temáticas importantes e mantendo as mulheres engajadas na vida política e cultural local, exercendo ativamente sua cidadania. Esse período consolidou o projeto Saberes das Mãos como não apenas uma iniciativa artesanal, mas como um espaço para o desenvolvimento pessoal e cidadão.

A tecnologia, embora tenha proporcionado meios de comunicação, divulgação e encontros, muitas vezes não substituiu completamente a riqueza das interações face a face. Como pontuado num comentário feito no vídeo sobre esse tema pela Coralina Estela:

Nossas reuniões virtuais causa acalento e mata um pouco a saudades de estarmos juntas trabalhando conversando. ir ao centro da cidade e nao ir no mercado bater um papo com as amigas nao tem graça k. Coralina Estela Dias (2020)

O comentário sugere que essas plataformas não conseguem replicar completamente a experiência das interações face a face. Isso ressalta a necessidade de equilibrar as ferramentas digitais com a importância contínua das conexões pessoais, destacando a complexidade e os desafios emocionais enfrentados durante esse período de distanciamento social. A ausência desses momentos descontraídos destaca como as mudanças impostas pela pandemia afetaram não apenas a rotina, mas também a qualidade das relações sociais.

Por meio dos esforços das lideranças da associação em buscar parcerias para fortalecer a rede nesse momento, no ano de 2020, o Ministério Público do Trabalho de Goiânia adquiriu 2000 máscaras bordadas para distribuição à população vulnerável nas ruas de Goiânia, essas máscaras incorporaram 48 versos de 38 autores poéticos que “trazem a poesia como voz de resistência” (SIQUEIRA, 2020). O processo de bordar as máscaras, realizado por uma equipe que recebia os materiais em casa, tornou-se uma solução significativa, ilustrando a ideia de que "as mãos se unem para gerar flores" (SIQUEIRA, 2020). Além disso, conforme destacado no comentário da Coralina Dinaira no YouTube (2020) o ato de bordar as máscaras proporcionou às mulheres uma visão não apenas como empreendedoras, mas também como acolhedoras.

Outra das ações desenvolvidas durante a pandemia foi a construção da sede da Associação Mulheres Coralinas (Figura 3), um espaço cedido pela jornalista, Arcelina Helena Públio Dias e construído com recursos do Ministério Público do Trabalho, se tornou um local

para produção coletiva, equipado para garantir a qualidade dos produtos e o bem-estar das mulheres envolvidas.

Dona Arcelina Helena Públio Dias, destaca-se na sua trajetória como jornalista pela sua atuação em jornalismo sindical e comunitário. Sua influência é notável em Goiás, onde reside como oblata beneditina no Mosteiro da Anunciação. Além de liderar projetos de peregrinação e publicar livros sobre o tema, envolve-se ativamente na vida comunitária, assessorando grupos, participando de iniciativas educativas e promovendo a preservação do bioma cerrado (ESPERANÇA, 2009). Ao doar o terreno para as Mulheres Coralinas, reflete-se no impacto que ela tem na promoção do bem-estar e desenvolvimento sustentável da comunidade local.

O projeto de construção da sede foi aprovado em plena pandemia, em agosto de 2020 pelo procurador chefe do MPT-GO, Tiago Ranieri de Oliveira. A entrega oficial ocorreu em uma cerimônia em 11 de dezembro de 2021, com a presença de figuras como procuradores, desembargadores e a ministra do Tribunal Superior do Trabalho, Delaíde Alves Miranda.

Figura 3- Fachada da casa



Fonte: Dinaira Francisca Couto, 2023

Com a utilização de mais de 60 caminhões de pedra e 20 caminhões para a construção do muro, a construção da sede simboliza o comprometimento da Associação Mulheres Coralinas em promover a valorização das mulheres em sua comunidade.

Na Sede das Mulheres Coralinas, uma parede foi construída com adobe, produzido por elas em uma oficina conduzida pelo Seu João Batista, educador da Escola Casa Verde. O adobe é econômico e reciclável, ele não apenas regula a temperatura, mas também proporciona isolamento acústico e térmico, absorve odores e é resistente ao fogo. Essa prática não só reflete a sustentabilidade, mas também estimula a criatividade, estética e flexibilidade na arquitetura (CANCHIG, 2007). A utilização de técnicas como a construção com adobe não apenas respeita a tradição local, mas também incorpora valores sustentáveis e de conforto.

Água – pedra.
Eternidades irmanadas.
Tumulto – torrente.
Estática – silenciosa.
O paciente deslizar, o chorinho a lacrimejar sutil, dúctil
na pedra, na terra.
Duas perenidades –
sobreviventes
no tempo.
Lado a lado – conviventes, diferentes, juntas, separadas.
Conviventes.
Meu Rio Vermelho. (CORALINA, 2012, p.29)

A sede da Associação Mulheres Coralinas, situada no bairro Rio Vermelho em Goiás, na Rua Benedita Lemes de Assis⁸, estabelece um paralelo com o Rio Vermelho mencionado nos poemas de Cora Coralina. No poema de Cora Coralina, o Rio Vermelho é descrito como um elemento eterno e tumultuoso, uma dualidade de água e pedra que sobrevivem perante o tempo. Essa imagem pode ser interpretada como uma metáfora das próprias experiências das Mulheres Coralinas, refletindo tanto a resistência diante das adversidades quanto a necessidade de fluir como a água diante dos desafios.

Esse rio, que divide a cidade em duas partes, representa não apenas uma fronteira geográfica, mas também simbólica, conforme descrito por Britto (2014). A escolha desse bairro, que é marcado pelo elevado índice de violência contra a mulher, destaca o comprometimento da associação em atuar em áreas onde a necessidade é mais urgente. A escolha consciente desse local ressalta a intenção da Associação Mulheres Coralinas de não apenas confrontar a realidade desafiadora do bairro, mas também de ser um elemento dinâmico, tal como o Rio Vermelho descrito por Cora Coralina em seu livro.

⁸ Para conhecer mais, acessar a rede social da associação:
<https://www.instagram.com/mulherescoralinas/?hl=es>

Por ser uma associação voltada para a afetividade e por este trabalho ter como base o Patrimônio Afetivo (OLIVEIRA, 2019) é imprescindível mencionar a memória de Dona Maria Sebastiana e Dona Conceição.

Dona Sebastiana nasceu no município de Goiás no dia 18 de maio no ano de 1958 participou do projeto desde o início e teve sua biografia registrada no primeiro livro da coleção “Saberes das mãos e narrativas de afeto” publicado em 2020, lá também estão algumas das suas receitas e seu depoimento sobre a sua relação com os doces:

A passa de caju é o doce que ela mais gosta porque tem a tradição da colheita do caju que ela faz com o esposo ou com amigos. Adora sair de madrugada para pegar os frutos ainda frescos. A região de cerrado atrás da Igreja Santa Bárbara é fartureta de cajuzinho. No ano em que a safra está boa, ela consegue três latões de vinte litros em cada colheita. (...) A tradição de fazer o doce de caju ela já repete há mais de trinta anos, é com ela que melhora a sua renda. Nessa ocasião, ela não congela o caju, faz o doce e guarda na calda, vai secando à medida que vai vendendo. Atualmente, ela comercializa na Associação das Mulheres Coralinas, onde é associada. Na época do cajuzinho, também ela colhe a curriola e a cagaita, que são usadas para geleia e suco. Em novembro, é a vez da mangaba, mas o seu doce não compensa porque dá muito trabalho e os compradores acham caro. Embora saiba fazer vários tipos de doce, para comercializar fica apenas com o doce de caju, que pretende continuar fazendo enquanto Deus der forças para os seus braços e pernas. (...) (SIQUEIRA, 2020, p.143)

O compromisso de Dona Sebastiana em continuar fazendo o doce enquanto tiver forças para isso evidencia a importância cultural e econômica que essa atividade representava em sua vida, mostrando a força da tradição. Infelizmente, Dona Sebastiana morreu no ano de 2023 devido a complicações de saúde. Em vida, foi uma guardiã da cultura local. Seu compromisso com a Associação das Mulheres Coralinas é testemunho de sua paixão pela preservação das tradições comunitárias, como registrado na websérie “conversas ao pé do fogão” onde no ateliê de gastronomia da casa, ela ensinou o doce de passas de caju. Essa websérie foi o fruto do projeto homônimo, contemplado pelo Edital de Fomento de Dinamização de Espaços de Cultura do Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás em 2021. O vídeo protagonizado por Dona Sebastiana inaugurou a série, tornando-se uma emocionante homenagem já que logo em seguida, ela faleceu.

Outra homenagem póstuma para a doceira, é o mural que com o seu rosto abraça quem entra no ateliê de gastronomia. Ele foi eternizado pelo graffiteiro Wes Gama e Larissa Valenta e riscado por todos aqueles que passaram pela casa no dia, tornando-se assim um memorial de afetividade coletiva (Figura 4)

Figura 4 - Print do instagram das Mulheres Coralinas grafitando a parede da casa



Fonte: Mulheres Coralinas, 2023 ⁹

Nas páginas do segundo volume da série de livros “Saberes das mãos e narrativas de afeto” encontra-se a história de Dona Conceição Rodrigues, mulher negra, que antes de ser Coralina foi paneleira, lavadeira, gari e fundadora do partido dos trabalhadores e trabalhadoras do Goiás:

Por mais de uma década, Dona Conceição se dedicou ao ofício de ceramista até o ano em que foi admitida no serviço público do município, na função de gari. Em entrevista para um vídeo de Mariana de Lima Siqueira, Dona Conceição revela que sua vida foi sempre marcada pelos trabalhos considerados sem valia para a maioria da sociedade. (...) Dona Conceição ajudou a fundar o Partido dos Trabalhadores e das Trabalhadoras no município de Goiás, visitando as comunidades rurais e participando de reuniões puxadas pelo padre Felipe Ledet nos bairros da Cidade de Goiás durante o ano de 1981. Sua filiação, contudo, só ocorreu no dia 14 de abril de 1982. Sua atuação partidária sempre foi ativa, chegando a ser candidata a vereadora por duas eleições: 2004 e 2012 e sua liderança foi fundamental para as conquistas que o partido alcançou. (...) O partido foi a sua grande escola, outras não teve oportunidade de frequentar. (...) Ao lado de suas companheiras garis, participou durante 2 anos de rodas de conversa sobre a poesia de Cora Coralina e de outras escritoras. (...) A Associação Mulheres Coralinas nasce pela força de um coletivo de mulheres e Dona Conceição é um de seus mais importantes pilares. Mesmo se levantando às 4 horas da manhã para exercer o papel de coordenadora da limpeza pública, ela não faltava a uma única reunião, evento ou assembleia. Sua vida como associada foi exemplo por sua dedicação e companheirismo. Seu plano era de encerrar a sua vida como servidora pública no cargo de gari, que ocupou por mais de 40 anos, e se dedicar novamente a sua habilidade de artesã. Contudo, quis o destino interferir em seus planos. Dona Conceição (...) sofreu um AVC que pôs fim a sua saga de “mulher tribo”, renitente e bravia, que segue renascendo feito plantinha desimportante e sem valia, nas frinchas das pedras por onde ela tanto caminhou. A pandemia do Coronavírus impediu todas nós de dizermos adeus a essa guerreira incansável, (...) Por isso, faz-se imperativo que levemos adiante seu legado em honra de sua memória. Calçamos uma rua para levar o seu nome, (...) continua sendo motivo de muito orgulho para todas nós, que tivemos a honra de tê-la como

⁹ disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Ctt2fB3NTDN/>

nosso farol na busca por uma sociedade mais justa e fraterna. (SIQUEIRA, 2022, p.41)

A rua interna (figura 5) que atravessa a casa, mencionada no trecho acima, foi traçada como uma via interna que se estende do portão até a sede da Associação Mulheres Coralinas. Ela é mais do que um caminho físico, é um memorial em movimento, um tributo de pedras a uma mulher que mesmo diante dos desafios impostos pelos preconceitos de gênero, cor e classe social, dedicou sua vida à luta por justiça e igualdade moldando seu próprio destino.

Figura 5 - Placa da Rua Conceição Rodrigues Pereira



Fonte: Acervo da autora, 2023

As homenagens a mulheres como Dona Conceição e Dona Sebastiana, presentes não apenas na memória, mas na própria construção, destacam a importância de preservar a história e os ensinamentos das gerações passadas.

Refletir sobre o futuro das Coralinas é destacar o notável esforço da associação em manter-se ativa ao longo de quase uma década de existência, considerando desde o momento inicial da concepção do projeto. Para uma compreensão mais aprofundada dessa trajetória, recorre-se ao quadro elaborado por Ebe Siqueira, que detalha as ações empreendidas pelas mulheres. Essa tabela serve como uma representação visual da história do projeto:

Quadro 1 – Linha temporal das ações desenvolvidas pelas Mulheres Coralinas-inédita

2014/2015	<p>Projeto Mulheres Coralinas</p> <p>1- Criação do grupo de Vocalização de poemas; 2- Publicação de um livro com a história do projeto; 3- Viagem para Diamantina com 80 mulheres para intercâmbio cultural 4- Exposição no Museu das Bandeiras com o resultado das ações 5- Seminário de arremate de saberes em parceria com a Universidade Estadual de Goiás.</p>
2016/2017	<p>Criação formal da associação</p> <p>1- Eleição da primeira diretoria; 2- Registro do estatuto e Inauguração da loja;</p> <p>3- Estabelecimento de regime de escala em que todas as associadas fazem revezamento no atendimento;</p> <p>4- Participação do Grupo Vozes Coralinas em eventos no Município e na capital Goiânia.</p>
2018/2019	<p>Projeto Saberes das Mãos, primeira edição, parceria com a OIT e MPT-GO</p> <p>1- Formação de 150 mulheres entre associadas e convidadas;</p> <p>2-Publicação de um livro de receitas com 22 narrativas das mestras da gastronomia;</p> <p>3- Exposição no museu das Bandeiras com o resultado das oficinas de formação.</p> <p>4- Realização de Seminário Internacional em parceria com a Universidade Estadual de Goiás.</p> <p>5- Participação com aula show do Festival Fatura na Cidade de São Paulo.</p> <p>6- Participação na exposição “TREMA - CORA”, na Cidade de São Paulo, com lançamento de livro e roda de Conversa.</p>
2020	<p>Projeto Saberes das Mãos, segunda edição, parceria com a OIT e MPT-GO</p> <p>1- Capacitação de 140 mulheres entre associadas e convidadas;</p> <p>2- Publicação de um livro encadernado com 17 narrativas de mulheres ceramistas,</p>

	<p>3- Atividade online de formação em virtude do isolamento social imposto pela Pandemia do Covid 19.</p> <p>4- Projeto “Aproximando distâncias” em parceria com a GOL linhas aéreas.</p>
2021/2022	<p>Construção e Inauguração da Casa Coralinas</p> <p>1- Cursos de formação continuada em parceria com o COTEC e SENAR, IFG e IF;</p> <p>2- Participação em eventos presenciais e online falando sobre a experiência de associativismo e economia solidária.</p> <p>3- Criação da coleção “Azul Pombinho de toalhas de mesa e lenços”, inspirado na poesia de Cora Coralina.</p> <p>4- Participação com oficinas no XXIV FICA- Festival de Cinema e Vídeo Ambiental.</p>
2023	<p>Consolidação da Casa Coralinas como espaço de Artes e Ofícios</p> <p>1- Gravação da Série “Conversas ao pé do fogão”, composta por 4 episódios. Ação financiada pelo Fundo de Cultura do Estado de Goiás, levado ao ar pela UEG TV.</p> <p>2- Início da parceria entre MPT-Go dentro do Projeto “Mais um Sem Dor”, que é voltado para o atendimento de mulheres em situação de vulnerabilidade social e econômica. Com início no mês de março, 9 turmas já foram atendidas dos municípios de: Fazenda Nova (duas turmas), Americano do Brasil, Cavalcante, Jataí, Ipameri, Santo Antônio do Descoberto, Valparaíso e Caldas Novas.</p> <p>3- Finalização da coleção “O Jardim da poeta”, de roupas bordadas com estampa própria inspirada no Jardim da poeta Cora Coralina.</p> <p>4- Participação com oficinas no XXV FICA. Festival Internacional de Cinema e Vídeo ambiental.</p> <p>5- Parceria com a Universidade Federal de Goiás na criação de uma coleção inspirada no casario do centro histórico da cidade de Goiás. Projeto aprovado pela FARME Rio. Conclusão prevista para janeiro de 2024.</p> <p>6- Assessoria para a coleção “CORA”, elaborada pela THEAR. Coleção que desfilou na São Paulo Fashion week com representantes da Associação.</p> <p>7- Projeto “Diálogos Musicais” em Parceria com o Instituto Biapó.</p>

	<p>8- Realização do concurso de Bandeiras e Flâmulas “O nascimento do menino Jesus e Santos Reis- Crenças e Sincretismos”, em parceria com o Instituto Biapó;</p> <p>9- Realização da II Festa do Pequi.</p> <p>10- Início do Projeto “É de menina que se torna Coralina”, que atenderá 20 meninas entre 14 e 18 anos, que receberão uma bolsa por seis meses para vivenciarem as práticas que envolvem os saberes e os fazeres das Mulheres Coralinas. Projeto também financiado pelo MPT-GO.</p>
--	--

Fonte: Ebe Siqueira, 2023

Assim, a Casa Mulher Coralinas consolidou-se como um espaço dinâmico de Artes e Ofícios, apresentando uma variedade de projetos que conectam tradição e inovação. Desde a transmissão da série "Conversas ao Pé do Fogão" até parcerias sociais, criação de coleções inspiradas na cultura local, participação em eventos renomados e iniciativas educacionais para jovens, a Casa Coralinas demonstra um compromisso abrangente com a preservação cultural, empoderamento feminino e promoção da identidade local.

Dessa forma, a associação Mulheres Coralinas transcende a capacitação profissional, tornando-se uma força motriz para a transformação social, cultural e econômica das mulheres envolvidas, marcando assim a representação dos valores de fraternidade e cooperação, presentes tanto nas raízes da economia solidária, como do próprio Patrimônio Afetivo.

3. “A GLEBA ME TRANSFIGURA”: OFICINA DO OBJETO E VIVÊNCIAS DO PATRIMÔNIO AFETIVO EM GOIÁS.

É por todas nós... Para que outras mulheres não precisem passar... Muitas situações que nós aqui passamos... E que nós aqui ouvimos das nossas companheiras... Então, a gente quer que essa casa seja sempre... Esse centro de memórias coletivas... Que podem ser tristes... Mas que também são muito ricas de alegria... Nós queremos todas sermos reguilidas... Como Dona Cecília... E é isso, Ateneia... Que bom que você, da área da Museologia... Entende que a gente, em Goiás... Vive uma história de museu muito tradicional... Que são aqueles que estão lá no Centro Histórico... Mas que também a gente entende uma versão da Museologia... Que é essa mais social... E essa casa é um museu... A gente tem que construir memórias coletivas aqui... Para uma outra perspectiva... Que não seja só aquela do que ficou no passado... A história se constrói todos os dias... E aqui nós estamos construindo uma história de coletividade... - Depoimento de Ebe Siqueira, Oficina do Objeto, Goiás, 28 de outubro de 2023

Como pontuado por Ebe Maria de Lima Siqueira, uma das coordenadoras do Projeto Mulheres Coralinas e atual secretária executiva da associação, a história é um processo contínuo que se constrói no presente, com base nas experiências e vivências das pessoas a quem ele pertence. O terceiro capítulo narra a minha jornada na viagem de campo realizada na cidade de Goiás, seguida das reflexões surgidas durante a oficina do objeto, destacando a presença do Patrimônio Afetivo ao longo desses dois momentos.

3.1 Reencontrando-se em Goiás

O dicionário online da língua portuguesa, Priberam, apresenta uma definição abrangente para o verbo "Reencontrar", tanto na forma transitiva quanto como verbo pronominal. Na primeira, o verbo significa "tornar a encontrar", enquanto na segunda, implica "encontrar-se novamente com". Ambas as definições ressaltam a ideia de retorno ao encontro, derivando do prefixo "Re". A inclusão do pronome reflexivo "se" no verbo "Reencontrar-se" desempenha um papel integrante na construção do título deste subtópico, optei por ampliar essa definição, conferindo-lhe um caráter reflexivo, prática comum na minha língua materna, o espanhol, onde os verbos reflexivos, ao recaírem sobre o sujeito, desempenham um papel significativo na fala coloquial. Essa alteração visa destacar de forma mais evidente a transformação realizada durante a elaboração deste trabalho: não apenas reencontrei o contato com a escrita acadêmica, mas também reencontrei-me com a cidade de Goiás, tanto em meu próprio ser como no contexto urbano que ela representa.

A experiência de visitar Goiás sob uma perspectiva de pesquisadora, com uma abordagem teórica distinta em relação à minha primeira visita, teve um impacto nas minhas interações com o local. Uma das questões mais marcantes foi a minha percepção em relação ao nome da cidade. Nesta ocasião, graças ao aprofundamento na literatura goiana e à aproximação com autores locais, incluindo meu próprio orientador, pude compreender a problemática que envolve a designação de "Goiás Velho", uma nomenclatura que coloca a cidade em um contexto do passado. Isso se relaciona diretamente com a criação de Goiânia como capital, relegando Goiás ao esquecimento, ignorando sua atualidade e a vivacidade de sua população vilaboense que resistiu às mudanças. Essa nova perspectiva mudou minha compreensão sobre a importância de reconhecer a contemporaneidade da Cidade de Goiás e valorizar a sua comunidade frente às transformações históricas e sociais.

Na perspectiva da minha pesquisa, a imersão na atmosfera de Goiás a partir de uma visão afetiva era primordial, por isso, o plano inicial era viajar junto a minha avó, Luz Diana Correa, já que ela seria quem faria a ponte entre a ancestralidade e o meu trabalho, porém, devido a sua saúde debilitada, os planos mudaram e eu me vi embarcando na viagem ao lado da minha melhor amiga, Gabriela Valaitis, que tinha me acompanhado da primeira vez. Minha primeira visita a Goiás ocorreu um ano e meio antes, no carnaval de 2022, quando eu e ela fomos celebrar o meu aniversário e conhecemos mais sobre a cena turística da cidade e o seu envolvimento com a Cora Coralina. Naquela ocasião, conheci a loja das Mulheres Coralinas, como relatado na minha justificativa.

Antes da viagem, enfrentei obstáculos na busca por acomodação acessível na cidade, onde os valores eram notavelmente altos. Originalmente eu ficaria três dias, porém, em decorrência de um acometimento de saúde, eu fiquei uma semana fora de Brasília, por isso, a ajuda financeira da UnB, obtida graças ao apoio do professor Clóvis, e os fundos provenientes de uma rifa realizada para custear as despesas do meu trabalho de TCC, proporcionaram um alívio financeiro que foi importante para o bom encaminhamento do trabalho.

O pontapé da pesquisa de campo teve início às 7h do dia 23 de outubro de 2023, na rodoviária interestadual de Brasília, com chegada prevista para às 16h. O desafio da viagem de ônibus de nove horas tornou-se mais intenso com o misto de ansiedade, dores de cabeça e garganta inflamada. Gabriela, que reside em Goiânia, teve um horário de partida diferente, saindo às 11h e chegando ao destino às 16h.

Assim que chegamos a cidade, fomos convidadas pela Ebe a conhecer a sede da casa Mulheres Coralinas, após descansar e tomar um banho, saímos em direção a sede. A cidade

estava mais quente do que o normal em decorrência da onda de calor que passava pelo país naqueles dias, enquanto percorríamos o caminho até lá, tivemos a oportunidade de explorar a pé o bairro do Rio Vermelho. Nessa caminhada, pude me envolver nas lombadas, subidas e descidas do outro lado do rio (Figura 6), proporcionando-me um contato mais íntimo com a Goiás cotidiana vivenciada pela maioria de seus habitantes saindo do circuito turístico tradicional.

Figura 6- vista da lombada do bairro Rio Vermelho



Fonte: Autora, 2023

Ao chegarmos, nos deparamos com Ebe cuidando das plantas que adornam o jardim à frente da sede da associação. Desde o início, foi ela quem estabeleceu a ligação entre mim e as Coralinas, acolhendo-me antes mesmo da minha chegada à cidade.

Dentre as diversas imagens que capturaram minha atenção na casa, destaco o muro da amizade dedicado a Jorge Medeiros, *in memoriam* (Figura 7). No dia em que o vi, fiquei encantada com sua história. Posteriormente, tive a oportunidade de conhecer pessoalmente sua esposa, Adriana Miranda, e aprofundar meu entendimento sobre o trabalho que desenvolvem junto às Coralinas.

Jorge Luiz Ribeiro de Medeiros, ex-professor do curso de direito no campus Goiás da UFG, desempenhou um papel crucial na ligação entre a OIT e as Mulheres Coralinas, sendo também um grande amigo da associação. Sua partida, decorrente do Covid-19, levou sua esposa a fazer um pedido para seus amigos à época: "não enviem flores, mas doem todo o dinheiro para as Coralinas". Essa generosa iniciativa resultou na arrecadação de mais de 10 mil reais, contribuindo significativamente para a construção da casa e do muro que agora leva

seu nome. Como evidenciado na Figura 8 a lembrança de Jorge Medeiros também está presente em sua própria residência, perpetuando sua força e influência no ambiente familiar.

Figura 7 - Placa do muro da amizade sede Mulheres Coralinas



Fonte: Acervo da autora, 2023

Figura 8 - Placa do muro da amizade casa da Adriana



Fonte: Autora, 2023

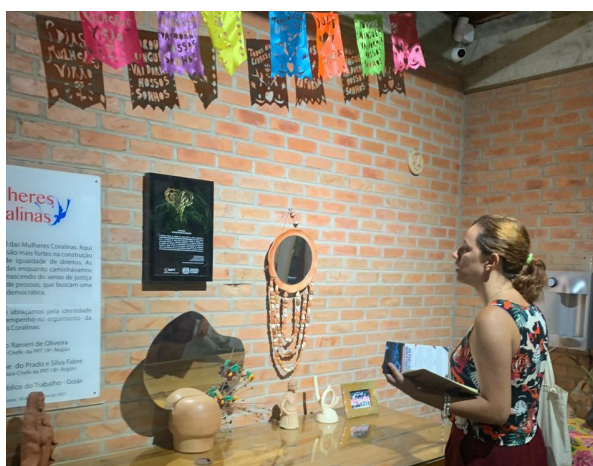
Além de Ebe, Dona Wanda Elizabeth Moiana, carinhosamente conhecida como Dona Beth, a primeira presidenta da associação, e Dona Izabel Ferreira Pinto, ceramista e artista ligada à organização, nos acolheram calorosamente naquele dia. Com Dona Beth, estabeleci uma conexão especial desde o primeiro abraço, criando uma sensação de reencontro, embora nunca tivéssemos nos visto anteriormente.

A Ebe, sem dúvida, é o coração que sustenta a associação, afirmativa evidenciada pelo afeto que cada uma das coralinas expressa em relação ao seu trabalho, conforme destacado por Dona Beth durante a oficina:

A Ebe, eu tenho um carinho por ela que é incondicional, é uma irmã mesmo, sabe? A Ebe, se precisar, eu carrego água para ela, daqui para lá, de lá para cá. Não sei se vai chegar cheia, mas tudo bem. Que seja um gole para matar a sede dela, entendeu? (...) Mas ela para mim é uma mulher que assim, quando eu crescer, sabe? Eu quero ser ela, entendeu? - Depoimento de Elizabeth Moiana, Oficina do Objeto, Goiás, 28 de outubro de 2023

Após uma breve apresentação, fomos conduzidas pela casa proporcionando uma imersão nos espaços físicos e emocionais da sede, permitindo que eu conhecesse o lugar (figura 9) que seria palco da minha oficina no dia seguinte.

Figura 9 - Visita ao auditório da sede da casa das Mulheres Coralinas



Fonte: Gabriela Valaitis, 2023

A casa é um espaço acolhedor, vivo e vibrante que representa a história do coletivo nas suas paredes e pedras. Antes de voltar para o Hostel, fomos junto a Ebe para o mercado comprar algumas frutas e verduras para oferecer no dia seguinte na oficina. Ao chegar no mercado eu comecei a passar mal, com fortes dores de garganta e cabeça.

Infelizmente, no dia seguinte, em 24 de outubro, descobri que o desconforto que experimentei no ônibus e na noite anterior era causado por uma Amigdalite Bacteriana. O quadro se agravou com febre e mal-estar, impossibilitando minha participação na oficina planejada para o dia, que contava com a inscrição de 15 Coralinas.

Dada a situação, e incapaz de retornar a Brasília sozinha, optei por ir para Goiânia com Gabriela. Planejei me resguardar e recuperar minha saúde antes de retornar a campo. Antes de minha partida, tive o prazer de conhecer Dona Dinaira Francisca da Costa, atual tesoureira da associação e pesquisadora cujo trabalho é mencionado no capítulo dois. Ela fez questão de me visitar na pousada para verificar meu estado de saúde, proporcionando-me um caloroso acolhimento que, naquele momento, foi fundamental e reconfortante.

Os dois dias que passei na capital goiana foram não apenas para minha recuperação e obtenção de antibióticos, mas também para reavaliar a proposta da Oficina. Durante meu período de repouso, percebi a necessidade de aprimorar a abordagem, expandindo o tempo dedicado à partilha e integrando-me como participante da experiência.

Inicialmente, eu havia sugerido minha participação apenas quando necessário, com a intenção de iniciar a interação caso as coralinas estivessem tímidas. Contudo, surgiu em mim o desejo de fazer parte integral da Oficina, estabelecendo uma dinâmica de mão dupla. Essa abordagem transformou completamente minha participação, aproximando-me das narrativas delas não apenas como observadora e ouvinte, mas como uma participante ativa. Minha proposta era que ao compartilhar minhas próprias experiências, conseguisse estabelecer uma conexão com o grupo, enriquecendo ainda mais o intercâmbio durante a Oficina.

Retornei à Cidade de Goiás em 27 de outubro, sozinha, uma vez que Gabriela precisava voltar ao seu trabalho. Aquela sexta-feira foi intensa na associação, com a sede cheia de coralinas e suas famílias. Além de ser a última assembleia do ano, estava programado um almoço coletivo, uma conversa com representantes do Sebrae e os preparativos para a festa do pequi no final de semana. Também seria feito o convite para a oficina, remarcada para o sábado.

Na assembleia, discutiu-se o balanço financeiro da associação, os resultados do ano, as propostas de projetos para os próximos meses e foram entregues os certificados de mestras para aquelas que não haviam comparecido presencialmente ao evento. Foi fundamental para mim ter estado presente na assembleia pois pude ver de perto o funcionamento da associação a partir da visão da economia solidaria. Esse olhar foi permitido graças a transparência da diretoria em relação aos próximos editais e projetos, tanto comigo como com as coralinas.

A reunião com o Sebrae consistiu em uma pesquisa para entender como as mulheres percebiam o papel da associação dentro do patrimônio. Foi anunciado que, na festa do pequi, elas seriam responsáveis pelo almoço para a comunidade. Ao convidar para a oficina, muitas delas expressaram que não poderiam participar no sábado, pois dedicariam esse dia para

cuidar de suas famílias. No entanto, enfatizaram que, se a oficina fosse realizada durante a semana, a aderência seria maior.

Durante o almoço, tive a oportunidade de conhecer Dona Geralda Magna, bem como Dona Anita José Guardieiro, minha companheira de sobremesa, e a Menina Esther, filha da Josi, que compartilhou que, se participasse da oficina, levaria seu celular, seu objeto mais valioso. Também encontrei Dona Maria das Graças Siqueira Ramos, Dona Xica, cuja presença me fez lembrar minha Tia-avó Alba e outras Coralinas que preencheram a casa com narrativas, em especial no momento do rodízio de lavar os pratos, onde pude “bater-papo” com várias delas.

Entendo que aquele dia foi atípico e que nem sempre tantas Coralinas estão presentes, já que muitas delas trabalham em outros empregos e cuidam da família o que não permite com que elas participem em todos os eventos da associação, mas estar naquele momento me mostrou o potencial da dinâmica do coletivo (Figura 10), presente na transparência de como cada etapa foi conduzida nesse contexto, todas que desejaram contribuíram com suas narrativas e opiniões de forma aberta e colaborativa.

Figura 10 - Dia da Assembleia



Fonte: Arquivo das Mulheres Coralinas, 2023

No que diz respeito à oficina do dia 28 de outubro, abordarei no segundo subitem deste capítulo. Neste contexto, destaco daquele sábado, o período pós-oficina, que incluiu a

visita ao Largo da Carioca, o plantio de pequi e o encontro com Malu Gontijo, Cordelista de Sanclerlândia, que me mostrou um pouco da cena cultural juvenil de Goiás.

Seja no mar, rio ou lago, a escuridão das águas profundas sempre despertou certo receio em mim. Raramente me arrisco a ir longe da margem, e, quando decido mergulhar, prefiro estar na companhia de alguém familiar. Após a oficina, a Josi, uma das Coralinas, sugeriu que eu explorasse o Largo da Carioca, dada a proximidade com minha pousada. Retornei ao quarto, vesti minha roupa de banho e segui em direção à margem do rio, determinada a me banhar nas mesmas águas mencionadas nos poemas de Cora Coralina.

Esse momento foi especial, pois pude me encantar com a natureza do cerrado, experimentando a libertação gradual do medo. O rio apresentava uma coloração barrenta, e a temperatura da água era amena, nem muito fria, nem muito quente. Ao voltar para a pousada, descansei me sentindo mais próxima de Cora e do seu Rio Vermelho.

À tarde, acompanhei Dona Beth e Ebe na homenagem aos produtores rurais que ajudam a preservar o cerrado, onde foi feito o plantio de mudas de Pequi (Figuras 11 E 12) no Bosque da Memória. Esse momento fez parte da abertura da II festa do Pequi.

Figura 11 - Plantio de Pequi I



Fonte: Elizabeth Moiana, 2023

Figura 12 - Plantio de Pequi II



Fonte: Acervo da autora, 2023

O Pequi, um fruto nativo do cerrado brasileiro (*Caryocar brasiliense*), é amplamente consumido em Goiás e colhido de outubro a fevereiro. O fruto, que apresenta uma coloração verde quando maduro, possui uma polpa amarela e macia ao redor do caroço. Essa polpa, caracterizada por um sabor peculiar, pode ser consumida de diversas maneiras, como cozida, pura ou misturada com outros alimentos, e também é utilizada na produção de azeite de pequi.

No entanto, o ato de consumir o pequi requer cuidado devido aos espinhos no caroço, sendo necessário roer em vez de morder, o que pode tornar sua degustação desafiadora. Apesar de ter morado em Goiânia por alguns meses quando mais nova, nunca tinha experimentado a fruta antes de plantá-la, sabendo disso, provei o arroz de Pequi, roí o fruto e até experimentei o picolé de Pequi! Após a viagem de campo, este se tornou um sabor e aroma afetivo que me remete aos dias que passei com as Coralinas.

Para concluir o sábado, tive a oportunidade de conhecer a cordelista Malu Gontijo durante a festa de abertura (Figura 13). Além de adquirir cordéis que trouxe como lembrança, essa interação proporcionou-me o contato com um grupo de universitários locais. Como pesquisadora interessada em dar continuidade ao tema deste trabalho de conclusão de curso (TCC), eventualmente em um programa de mestrado, foi particularmente gratificante ver a presença de outros jovens que residem e estudam na cidade o que ampliou meu entendimento sobre o ambiente acadêmico local e ampliou a possibilidade de estabelecer colaborações e redes de pesquisa na área.

Figura 13 - Maju Gontijo recitando seu cordel



Fonte: Autora, 2023

No domingo, dia 29, o clima típico da Cidade de Goiás se fez presente com seu calor característico. Ao lado de Dona Beth e Dona Estela, participei ativamente na preparação do almoço comunitário para a festa do Pequi (Figura 14). Essa manhã se destacou como uma das mais alegres e descontraídas que já vivenciei, envolvendo conversas animadas enquanto cortamos e ralamos verduras.

Figura 14 - Almoço



Fonte: Ebe Siqueira, 2023

No contexto desse momento, relembro uma passagem do conto "A terceira margem do rio" de Guimarães Rosa (1962), que expressa que os tempos mudam no "devagar depressa dos tempos". Essa citação reflete precisamente a sensação que experimentei naquele instante, onde parecia que tínhamos todo o tempo do mundo, mas, simultaneamente, eu sabia que minha partida estava programada para o meio-dia.

Durante a viagem de volta a Brasília, ao encerrar minha visita junto às Coralinas, compartilhei o trajeto com Seu José do Carmo, companheiro de Ebe, Professor na UFG e Secretário Executivo Adjunto da Presidência da República. Ao longo de sua carreira política e acadêmica, Seu José do Carmo vem enfatizando a importância da economia solidária, demonstrando sua viabilidade como modelo que visa dignidade social e econômica para a sociedade.

Na audiência pública de 2021 sobre o tema, José do Carmo ressaltou a necessidade de medidas e programas para estruturar a economia solidária. Destacou a importância do acesso a sistemas de crédito público para aqueles incapazes de buscar financiamento nas instituições tradicionais, além de sugerir a criação de moedas sociais e selos de certificação para produtos da economia solidária em Goiânia. Ele também enfatizou a promoção de cooperativas e incubadoras, proporcionando condições para que as pessoas iniciem empreendimentos sem marginalização (MACHADO, 2021, p.1).

Dessa forma, sua ativa participação na política e seu repertório sobre o tema, proporcionou-me uma oportunidade para aprofundar meu entendimento sobre a presença da economia solidária. Em meio à nossa conversa, ele esclareceu algumas dúvidas específicas que eu nutria, tanto no contexto da associação quanto diante do panorama político contemporâneo, esta conversa revelou-se fundamental para a ampliação da minha compreensão sobre a interseção entre a economia solidária e a dinâmica política local e nacional.

Durante os sete dias de imersão na pesquisa de campo, percebi os caminhos que me conduziram à interação com as Coralinas, com a Cidade e comigo mesma. As vivências aqui relatadas e outras que não cabem num subtópico só, instigaram a reflexão sobre a subjetividade inerente ao termo Patrimônio Afetivo (OLIVEIRA, 2019), este está presente não só na interação com os objetos mas nas memórias e nas interações com as pessoas e o ambiente.

3.2 Reflexões sobre a oficina do objeto

Enquanto escuto a nota de voz que usei para gravar a oficina e vejo as fotos que servirão de registro para este trabalho, relembro como os afetos mobilizados por essa oficina se entrelaçam às memórias da experiência vivida. O aroma campestre da casa, o calor da manhã aquecendo nossa presença, o sabor do bolo de laranja na boca, o toque do abraço em cada uma das corralinas que foram chegando, vêm à tona com a mera reprodução do áudio.

No dia 28 de outubro, às 8h30 da manhã, após cinco dias de atraso, finalmente teria início a oficina do objeto. Desde às 7h30, sai para explorar o centro histórico em uma caminhada matinal. Tomei café em uma cafeteria próxima ao mercado e aproveitei para adquirir pães de queijo e um bolo para a oficina.

Tendo decidido participar ativamente, escolhi levar um objeto simbólico. Entre as coisas que levei para a viagem estava o mapa de minha mãe, mas além dele, desejava compartilhar com as participantes o meu livro, que havia colocado à venda na livraria Leodegaria um ano antes. A livraria abriu às 8h10, possibilitando que eu o recuperasse e o utilizasse como objeto durante a oficina.

Naquela manhã, enquanto aguardava a carona de Ebe, aproveitei para interagir com um par de garotas que passeava com a escola. Elas eram provenientes de uma cidade próxima ao município, e a professora delas tinha sido aluna de Ebe na UEG. Elas se mostraram muito animadas em conhecer a livraria e a loja das mulheres, contei para elas da associação e elas pareceram ter gostado muito da possibilidade de participar presencialmente das oficinas abertas, que ocorrem às quintas-feiras na sede.

Assim que Ebe e Dona Edina Maria Alves Ázara chegaram, me despedi e seguimos em direção à casa. Enquanto organizava o auditório onde aconteceria a oficina (figura 15), pouco a pouco, as Corralinas foram se apresentando na casa.

Figura 15 - Auditório organizado para a recepção das Coralinas



Fonte: Acervo da autora, 2023

Primeiramente, Dona Cecília Souza, chegou e nos encontramos com abraços calorosos e, enquanto aguardávamos, compartilhou que havia rezado bastante pela minha recuperação. Dona Beth também apareceu, e em seguida, Josiane e Dona Dinaira se juntaram ao grupo. Ao todo, seis Coralinas estiveram presentes, mas apenas cinco participaram efetivamente da experiência; (Figura 16) Dona Edina não tomou parte na ação da oficina, mas permaneceu na casa, especificamente na cozinha, e foi nossa primeira visitante.

FIGURA 16 - Eu e as Coralinas na oficina: Edina, Dinaira, Cecília, Beth, Josiane e Ebe



Fonte: Autora, 2023

Após todos assinarem os termos, a oficina teve início às 9h. Dona Dinaira e Ebe aguardavam uma ligação, o que resultou em algumas interrupções na oficina. Contudo, isso não impactou a condução dos exercícios propostos.

A oficina estava programada para se estender até às 12h00, por isso começamos às 9h32. Iniciamos a primeira dinâmica com a vocalização conjunta de alguns trechos do poema "A gleba me transfigura", de Cora Coralina. Pedi que escrevessem em pedaços de papel as palavras que mais ressoavam daquele poema. Inicialmente, solicitei três palavras, mas permiti flexibilidade para que pudessem escrever mais ou menos, conforme sentissem. Essa dinâmica foi inspirada em um processo que costumo realizar em minhas aulas de espanhol com as alunas, buscando criar narrativas e ressignificar palavras a partir do contexto em que elas são inseridas. Trouxe o poema da Cora já que meu objetivo era direcionar as evocações a aquilo que une a associação, o afeto coralíneo. Estes foram os resultados:

Quadro 2 - Palavras que ressoaram

Nome	Palavras que ressoaram
Atenea	Cantam, sementeia, mulher
Dona Cecília	Trabalho e Enxadas
Josi	Amor, roça e vida
Dona Beth	Amor, semente fecundada, plantada
Dinaira	Mulher, roça, gerações
Ebe	Voz, mulher e pedra

Fonte: Acervo da autora, 2023

Comecei partilhando a escolha das minhas palavras e ressaltei a palavra sementeia, que foi o verbo que mais me chamou a atenção pela sua complexidade e ao mesmo tempo liricidade. Após isso, convidei-as a explicarem o porquê de terem escolhido essas palavras.

Dona Cecília explicou que as palavras "trabalho" e "enxada" foram escolhidas por evocarem sua infância, onde essas memórias se materializavam na terra e no aipim. Logo em

seguida, foi a vez de Josi compartilhar sua narrativa, que, uma vez influenciada pela evocação da roça de Dona Cecília, mudou de perspectiva.

A Roça, inicialmente eu tinha pensado uma coisa, mas aí a hora que a dona Cecília falou um pouquinho da família dela, me deu a lembrança da minha infância, porque eu tenho muita ligação com as coisas de Roça, não sei lidar com a Roça, não sei essas questões de plantio, sobre plantas etc, cuidar de animais, não tenho essa habilidade, mas eu gosto muito de estar nesses locais, vamos dizer, mais campestres, só que o que me veio à mente quando a dona Cecília comentou sobre a família dela, é quando eu era mais nova, porque eu sou maranhense, não sou goiana e nem vilaboense, então a minha infância, até o período que eu morei lá, que eu morei mais ou menos até meus 6 anos, eu lembro muito da minha avó, eu fui criada com minha avó paterna, não criada, mas tive uma convivência com minha avó paterna, e eu lembro porque ela não é alfabetizada, até hoje ela não sabe ler, e ela por ser mulher e ter algumas tradições na época, ela não andava a cavalo, eu lembro de andar no cavalo e ela andando atrás, a pé, e eu no cavalo, e eu sempre falava, vó, vem, montar, e ela não montava, talvez ela justificava na época, mas eu não lembro, mas eu lembro que um pouco eram mais algumas tradições, que a mulher quase não andava muito a cavalo naquela região dela. Ou por ela ter algum medo, não sei, então eu sempre lembro desse momento, eles sempre viveram em roça, não tinha energia, eram as lamparinas, era casa de palha, então me vem um pouco essa memória. Depoimento de Josiane Silva, Oficina do Objeto, Goiás 28 de outubro de 2023

No caso do depoimento da Josi, a evocação do Patrimônio Afetivo (OLIVEIRA, 2019) é pautada na potencialidade do coletivo, sua narração sobre a roça é afetada pela fala de Dona Cecília, tornando a memória não somente a sua lembrança individual mas completada com pontes entre a “roça” de Dona Cecília, e a sua.

Dona Beth e Dona Dinaira falaram em sequência, trazendo o materno como fio condutor de suas partilhas, mesmo sem a palavra "mãe" estar explicitamente presente no texto, ambas as narrativas se enfocaram no papel da mulher que gera vida. Para Dona Beth, ser mãe é um ato de plantar amor e contribuir para o crescimento e desenvolvimento do mundo. Essa perspectiva transcende o aspecto individual da maternidade, conectando-a a algo mais amplo e universal.

Rezava para ter gêmeos, trigêmeos, para vir, porque como meu marido sempre dizia não... não muitos filhos, mas eu falava, mas eu vou ter gêmeos ou trigêmeos, quer dizer, de uma vez só vai vir muitos filhos. Então, eu sou como a roça mesmo, sabe? Então, si plantar, essa mulher une gerações, e para mim é isso. Não tem como separar a mulher da roça e das gerações, para mim ela é esse cerne que faz toda essa ligação. Depoimento de Dinaira Francisca da Costa, Oficina do Objeto, Goiás 28 de outubro de 2023

Aqui Dona Dinaira utiliza da metáfora de ser "como a roça" para reforçar a ideia de que ela como mulher, é um elemento na construção e na manutenção da tradição, da

continuidade e da riqueza cultural transmitida através das gerações, ela é a fundação que sustenta e perpetua o ciclo da vida e das tradições familiares.

Para finalizar a dinâmica, Ebe escolheu voz, mulher e pedra como elementos que ressoavam. Ela destacou o espaço ocupado pelas coralinas como um lugar de liderança, ressaltando a importância de a voz das mulheres ser ouvida e que para isso acontecer, é necessário remover obstáculos, simbolizados como pedras e muros erguidos pela sociedade. Ela enfatiza que, ao agir individualmente, a tarefa é árdua, mas ao se unir em rede, a força coletiva das mulheres amplifica a dimensão de suas vozes. Mesmo considerando sua voz como "miúda", ela destaca a importância de unir-se em coro ou transformar a voz em um monumento, como fez Cora, para trilhar caminhos de superação e abrir novos espaços.

Ao pensar nas palavras do poema de Cora Coralina como relação de afeto com as memórias compartilhadas naquele espaço, estas se tornam não somente parte integrante da vida de cada mulher que, a partir de um exercício de ressonância escolheu palavras individuais, mas de um coletivo que num exercício de escuta, acolhe as palavras da uma da outra.

Visando ampliar essa relação com as palavras, pedi que entregássemos o nosso papel para a pessoa do nosso lado direito e a partir do papel da outra, criássemos uma frase que contemplasse a partilha. Cada uma escreveu e colocou o papel na caneca que estava no centro da mesa. Indiquei que essas frases só seriam lidas mais para frente e iríamos a partir daquele momento, focar na seguinte fase.

Expliquei a segunda parte da oficina, indicando para as mulheres as três mesas que seriam usadas. A primeira era a mesa onde todas foram deixando seus objetos assim que chegaram, a segunda era na que estávamos sentadas, que seria o espaço de partilha e a terceira, uma mesa maior, que seria a de exposição. O movimento a ser feito nesse momento era de transferir os objetos de uma mesa para a outra e falar sobre ele. Após cada partilha e em agradecimento ao compartilhamento das suas vulnerabilidades, dividi com elas umas pulseiras com a bandeira da Colômbia.

A evocação do Patrimônio Afetivo, como pressuposto na metodologia, ocorreu a partir da mediação das memórias do objeto com o coletivo. Destaco da oficina, algumas frases que sintetizam com satisfação essa mediação, demonstrando que a proposta da oficina foi concretizada, não somente na sua execução mas na sua proposta:

Então por isso que eu o guardo com tanto amor, com tanto carinho. Quer dizer, não é o objeto em si, mas o que ele significa para mim. Porque ele é material, fica aí e fica

por isso mesmo. Mas cada vez que eu bato o olho nele, eu lembro da minha mãe. Então por isso que ele está bem visível na minha casa. Toda hora que eu passo na sala ou que eu estou no meu ateliê, que é conjugado à sala, eu sinto que ela está ali comigo. Todo dia, toda hora, toda noite, nos perrengues, nas alegrias, ela sempre está do meu lado. Depoimento de Elizabeth Moiana, Oficina do Objeto, Goiás, 28 de outubro de 2023

Na fala de dona Beth, a presença da mãe está tanto no elo tangível criado pelo copo como pelas afetações que ele carrega revelando a profundidade das relações com o objeto, tornando-o portador de memórias afetivas que se manifestam no cotidiano, mesmo essa mãe não estando mais presente.

Ao mostrar o vestidinho vermelho (figura 17) que sua mãe fez quando pequena, Josi ressalta a singularidade desse objeto e o porque da importância dele como evocador de afetividades:

E eu guardei porque a Esther queria brincar pra pôr nos bonecos dela. E eu fiquei com dó. Eu falei assim, gente, não por não deixar ela brincar, mas porque acaba estragando e perde a memória. Então, eu queria guardar como memória o que está acontecendo aqui agora.. Depoimento de Josiane Silva, Oficina do Objeto, Goiás, 28 de outubro de 2023

No seu relato, a Coralina Josi torna o objeto como símbolo tangível que “não pode ser estragado” ou que “pode perder a memória”, isso me fez pensar na relação da Museologia com o patrimônio tangível, como na maioria de vezes, quando ele sofre sinistros, é colocado em questão essa “memória perdida” junto com os objetos. Guardar o objeto com cuidado, é uma forma de resistir ao esquecimento e até mesmo da própria passagem do tempo.

Figura 17 - Coralina Josiane Mostrando seu vestido de crochê



Fonte: Autora, 2023

Além de pensar no Patrimônio Afetivo individual de cada Coralina, a proposta era evocar também afetividades que contemplassem o trabalho da associação como um coletivo. Essa ação foi feita pela Coralina Dinaira, que trouxe como objeto uma fotografia digital (figura 18) das mãos mexendo no barro, na época da construção da casa.

E aqui as nossas mãos... Mexendo no barro... A mãe terra os barros ali... Eu falo... Completando esse conjunto... Saber das mãos... Narrativas do afeto... E de memórias... Para mim... O individual e o coletivo estão interligados... Aqui nesse tijolo... Que está representado aqui nessa foto... E aqui na parede... Que estão as histórias... E o que é que mais conta na vida da gente... E que mais trabalha... Que a mulher mais usa para trabalhar... As mãos... Eu falo para mim que... Se eu fosse para escolher uma foto... Aqui do projeto... Da associação... Nós seríamos as mãos... As mãos estão fazendo o adobe... As mãos estão bordando... Estão fazendo a comida... As mãos estão escrevendo... As mãos estão segurando o livro... As mãos estão em tudo... Para mim não tem nada mais simbólico do que as mãos... Depoimento de Dinaira Costa, Oficina do Objeto, Goiás, 28 de outubro de 2023

Para Dona Dinaira, as mãos nas suas várias atividades, se tornam uma metáfora para o afeto e a narrativa simbolizando não apenas a habilidade prática, mas também a conexão visceral com o trabalho manual e a construção coletiva.

FIGURA 18 - Fotografia das mãos fazendo o adobe



Fonte: Dinaira Costa, 2023

Uma das frases que mais mexeram comigo ao longo da oficina foi o depoimento de Dona Cecília, que após compartilhar sua história a partir do seu objeto (figura 19), ela mobilizou o sentimento que gerou a sua participação na oficina “A emoção toma conta da gente, são momentos assim na vida que a gente não esquece jamais”.

Figura 19 - Dona Cecília mostrando seu objeto



Fonte: Acervo da autora, 2023

Antes disso, Dona Cecília começou compartilhando memórias da infância, destacando a dualidade de suas duas famílias: a biológica e a de criação. A descrição da vida na roça, as atividades cotidianas, como a prática de medir alimentos, evocada pelo objeto que ela levou, o gosto das muxibas e resto de carnes, demonstram as dificuldades financeiras enfrentadas pela sua primeira família. Compartilhar objetos, memórias e afetividades também é mobilizar vulnerabilidades. No caso do depoimento de Ebe, a partir do seu objeto (figura 20), apresentou a experiência de confrontar o climatério alinhado à mudança de perspectiva a partir do entendimento da realidade das mulheres da associação.

Depois de coordenar o projeto das Mulheres Coralinas... Eu tive a oportunidade de me encontrar com tantas mulheres... Que já havia passado... Por essa etapa... De entrar na menopausa... E elas estavam ali tão vivas... E tão criativas... E tão cheias de energia... Que eu fui lá... Mas esse laudo não é tão grave não... Eu também vou conseguir... Continuar sendo a mesma pessoa... Que ama a vida... Que produz... Que cria... Que acredita na arte como uma forma de... Enfrentar... As opressões. Depoimento de Ebe Siqueira, Oficina do Objeto, Goiás, 28 de outubro de 2023

Este objeto que Ebe apresentou, foi protagonista na oficina de adobe. É visível que tanto para Ela como para Dona Dinaira, era preciso que a oficina não compusesse somente as suas histórias individuais mas que despertasse nas coralinas que lá estavam as memórias da associação, entre elas a construção da sede durante a pandemia.

Figura 20 - Objeto de Ebe

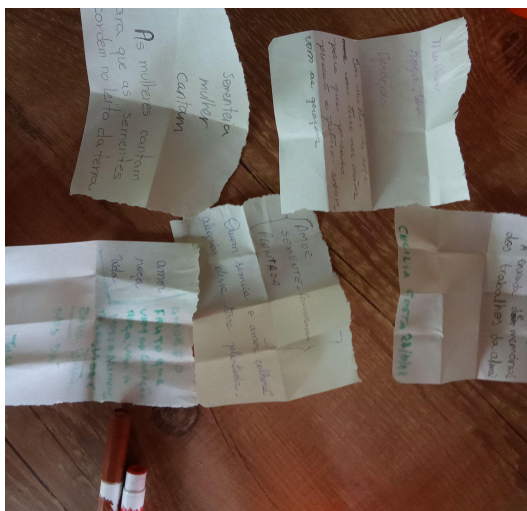


Fonte: Acervo da autora, 2023.

Após a conclusão das partilhas sobre os objetos, prossegui explicando o próximo passo, que consistia em levar os objetos para a mesa de exposição. Nesse contexto, convidei Larissa da Costa, filha de Dinaira, que chegou à sede por volta das onze da manhã. A proposta era que ela escolhesse aleatoriamente uma das frases inicialmente criadas e depositadas na caneca. Em detalhes, esclareci que essas frases serviriam como possíveis títulos para a exposição.

Por destino, sorte ou fortuna. Larissa optou pela frase originada a partir das palavras da Ebe, criada pela mãe dela. Percebemos na escolha um sinal de fraternidade daquele momento que gerou risadas compartilhadas entre nós, destacando a espontaneidade e o inesperado evocado pela oficina. As frases selecionadas estão disponíveis para visualização na foto, juntamente com os papéis (Figura 21) e também na tabela 2.

Figura 21- Possíveis títulos para a exposição



Fonte: Autora, 2023

Tabela 3- POSSÍVEIS TÍTULOS PARA A EXPOSIÇÃO

Nome de quem criou a frase	Possíveis títulos para a exposição	De quem eram as palavras?
Atenea	A enxada de memórias dos trabalhos da alma	Dona Cecília
Dona Cecília	Amor é o fruto que vem do coração, a roça vai a nossa alimentação, vida é Deus que nos dá.	Josi
Josi	Quem semeia o amor colherá alegrias desta terra plantada	Dona Beth
Dona Beth	Sou mulher da roça com terra nas mãos para que passado, presente e futuro sobrevivam as gerações	Dinaira
Dinaira	Através da sua voz a mulher remove pedras, fazendo com que essa voz oral ou escrita	Ebe

	perpassa intergerações	
Ebe	As mulheres cantam para que as sementes acordem no leito da terra	Atenea

Fonte: Ebe Siqueira 2023

A última parte da oficina consistiu em montar a exposição. Sugeri que utilizássemos os materiais disponíveis, como canetas, cartolina e lápis de cor, para decorar a exposição, encorajei-as a selecionar o acervo, criar etiquetas e organizar os objetos da maneira que julgassem mais adequada.

De forma orgânica, cada coralina foi encontrando seu lugar na expografia. Dona Dinaira e Dona Beth começaram a escolher os objetos destinados à terceira mesa. Enquanto isso, Dona Cecília, em um intervalo para lanche, registrava cada momento com seu celular (Figura 22). Josi assumiu a tarefa de confeccionar as etiquetas, enquanto Ebe foi designada para escrever o título da exposição no cartaz. O processo foi uma colaboração dinâmica, onde cada participante contribuiu com suas habilidades e ideias para criar uma exposição coesa e significativa.

Figura 22 - Registro da montagem da exposição



Fonte: Cecília Costa, 2023

A montagem da exposição transcorreu em um período de aproximadamente 30 minutos. Aproveitando esse tempo, realizei uma breve fala de encerramento, expressando meus agradecimentos pela participação de todas as envolvidas. Durante esse momento, registrei fotograficamente tanto os objetos que permaneceram na mesa sem serem escolhidos (Figura 23) quanto aqueles que foram selecionados para compor a mesa de exposição (Figura 24).

Na fala de encerramento destaquei a natureza da exposição, enfatizando que ela não apenas acionaria as memórias individuais, mas também as afetividades vivenciadas ao longo da oficina. Posteriormente, abordei a importância da evocação do Patrimônio Afetivo no contexto da Museologia, ressaltando a compreensão de que as práticas museológicas desempenham um papel de instrumentos de preservação.

A oficina não apenas fortaleceu os laços emocionais, mas também contribuiu para o sentido de pertencimento à comunidade, destacando assim o valor intrínseco dessa abordagem na preservação e promoção do patrimônio cultural.

Figura 23 - Objetos não expostos



Fonte: Acervo da autora, 2023

Figura 24- Exposição



Fonte: Autora, 2023

Nada ilustra melhor essa afirmação do que o momento em que uma das coralinas teve a ideia de adicionar uma das pulseiras da colômbia (figura 25). Essa intervenção transformou a peça, conferindo-lhe a aparência de um colar e, mais profundamente, materializando a expressão afetiva que eu havia destacado anteriormente.

Figura 25- Boneca da Cora Coralina com Pulseira da Colômbia



Fonte: Acervo da autora, 2023

Ao percorrer a exposição (figura 26) deparamo-nos com algo além da mera disposição de objetos; encontramos, nas histórias entrelaçadas nesses artefatos, um espelho tangível de nossas próprias vivências. Eu, juntamente com as coralinas, observamos atentamente a exposição, nos deparando com cada escolha cuidadosa e intervenção que ressoava como um testemunho da jornada coletiva empreendida durante a oficina.

Figura 26- Resultado da oficina do objeto



Fonte: Ebe Siqueira, 2023

Ao encerrar, percebi que não apenas montamos uma exposição, mas que, graças a oficina do objeto, cada objeto passou a representar o eco das risadas compartilhadas, das escolhas conjuntas e da sinfonia de vozes únicas que se uniram para criar algo especial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, esta pesquisa proporcionou uma compreensão mais profunda das interseções entre Patrimônio Afetivo, Economia Solidária e Processos Museológicos fora do contexto tradicional do museu. Ao longo da investigação, os objetivos delineados foram meticulosamente abordados, revelando não apenas a trajetória da associação Mulheres Coralinas, mas também destacando a importância da Museologia como uma ferramenta na promoção do diálogo, da cultura e da memória. Cada camada da pesquisa ofereceu uma visão mais clara de como as novas perspectivas museológicas emergem como facilitadoras do tecido social preservando tradições e sustentando uma economia colaborativa que impulsiona o crescimento comunitário.

O processo museológico abordado na pesquisa corroborou para essa visão ao enfatizar a participação ativa da comunidade na gestão do patrimônio cultural. A colaboração e o envolvimento direto da comunidade na definição e apresentação de sua própria história promoveram a preservação de suas tradições fortalecendo os laços comunitários. A associação desses elementos ao contexto da Museologia do Afeto ressalta como as práticas museológicas podem atuar como catalisadoras para uma abordagem participativa de diálogo intercomunitário.

A articulação entre Patrimônio Afetivo e a oficina do objeto revelou-se como uma ferramenta para preservar tradições culturais e fortalecer os laços comunitários. A oficina do objeto, como epicentro dessa integração, não apenas forja artefatos tangíveis, mas simboliza um legado de memórias e saberes entrelaçados. Os objetos transcenderam sua função utilitária, transformando-se em eloquentes expressões de identidade e vínculos de pertencimento. A materialização desses objetos transcende o efêmero, perpetuando narrativas culturais e proporcionando um substrato tangível para a preservação e transmissão de conhecimentos tradicionais.

A experiência na Associação Mulheres Coralinas destaca-se como um farol inspirador, indicando que o entrelaçamento entre patrimônio afetivo, oficina do objeto e economia solidária não apenas revitaliza comunidades, mas também semeia as bases para um desenvolvimento sustentável e inclusivo. Nesse contexto, a economia solidária revela-se não apenas como um sistema econômico alternativo, mas como um veículo dinâmico para a transformação social. A Associação Mulheres Coralinas não apenas se destaca como um

paradigma de êxito nesse contexto, mas também aponta para horizontes mais amplos de desenvolvimento sustentável e inclusivo, delineando possibilidades palpáveis para comunidades similares.

Os desafios encontrados ao longo do processo de pesquisa contribuíram para uma compreensão mais aprofundada da importância da sensibilidade e ética na abordagem de temas tão sensíveis. Ao superar esses desafios, a pesquisa não apenas ampliou o conhecimento sobre a oficina do objeto, mas também ressaltou a necessidade de uma abordagem ética e respeitosa para este tema. Esta pesquisa demonstra que a Museologia, quando direcionada para além dos espaços museais convencionais, pode ser um catalisador para a mudança social.

Esta pesquisa, ao contribuir para a compreensão dessas relações intrincadas, abre espaço para futuras investigações e aprofundamentos. Espera-se que este estudo inspire futuras pesquisas a explorarem novas dimensões do Patrimônio Afetivo e da oficina do objeto, contribuindo para a preservação e celebração das histórias e culturas únicas em comunidades semelhantes. Sugiro que estudos futuros explorem novas dimensões da Oficina do Objeto, considerando seu potencial como ferramenta de mobilização de afetos em diferentes contextos culturais. Além disso, há espaço para investigações sobre como iniciativas semelhantes podem ser replicadas ou adaptadas em comunidades diversas, promovendo o desenvolvimento sustentável e inclusivo. A influência da economia solidária como catalisador de mudanças sociais também merece uma análise mais aprofundada, com foco em identificar estratégias replicáveis. Dessa forma, estas propostas visam contribuir para a contínua compreensão e aplicação prática dos conceitos abordados neste estudo.

Em última análise, "Removendo Pedras e Plantando Flores" não é apenas o título de um trabalho acadêmico, mas uma metáfora viva da transformação que ocorre quando o Patrimônio Afetivo é evocado na oficina do objeto, criando um legado duradouro. A remoção de pedras simboliza não apenas os desafios encontrados no percurso, mas também a resiliência e a força coletiva que moldam o trabalho desenvolvido pela Associação. O plantio de flores, por sua vez, representa a criação de afetividades a partir das adversidades, refletindo a essência dos conceitos abordados neste TCC. A jornada nos permitiu mergulhar nas experiências e vivências das mulheres envolvidas, revelando camadas profundas de significado e impacto em suas vidas e comunidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem A. **A boneca de pano**. 2nd ed. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1998. 31 p. ISBN 8515013266.

ANDRADE, Diogo de Calasans Melo. Historicidade da propriedade privada capitalista e os cercamentos. **Revista História: debates e tendências**, v. 18, n. 3, p. 408-419, set./dez. 2018.

AZEVEDO, Flávia Lemos Mota de. POÉTICA, AFETOS, LUTA E DECOLONIALIDADE: A CONTRIBUIÇÃO DA MUSEOLOGIA SOCIAL PARA AS POLÍTICAS DE MEMÓRIA.. In: **Anais do 11º mestres e conselheiros: educação para o patrimônio**. Belo Horizonte UFMG, 2019. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/11mestreseconselheiros/163190-POETICA-AFETOS-LUTA-E-DECOLONIALIDADE--A-CONTRIBUICAO-DA-MUSEOLOGIA-SOCIAL-PARA-AS-POLITICAS-DE-MEMORIA>. Acesso em 13 set. 2023

BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Memória e esquecimento LGBT nos museus, patrimônios e espaços de memória no Brasil. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação SESC**, Brasília,v.5, p. 108-119, Setembro. 2017.

BARBOSA, Josenilto Rodrigues. **Almanaque como Patrimônio Afetivo: colecionismo e autobiografia em Santa Inês, Bahia**. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, p.154 .2022.

BATISTA, Alfredo. Processos de trabalho: da manufatura à maquinaria moderna. **Serviço Social & Sociedade**, n. 118, p. 209-238,abr./jun. 2014.

BEDUSCHI, Luis Carlos. **CORA CORALINA**. Academia Maçônica Ribeirãopretana de Letras, 2020. Disponível em: <https://academiamaconicarpdeletras.com.br/wp-content/uploads/2020/07/CORA-CORALINA.pdf>. Acesso em 15 set. 2023.

BENEDITO, Mouzar. **Cora Coralina, 1977**. Blog da BoiTempo, 2017. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2017/03/08/cora-coralina-1977/>. Acesso em 15 set. 2023.

BEVILAQUA, Tiago Maximiliano. **Desenvolvimento capitalista e progresso técnico na revolução industrial**. 1998. Tese (Doutorado em Economia) - Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

BONUMÁ, Helena. **AS MULHERES E A ECONOMIA SOLIDÁRIA: A resistência no cotidiano tecendo uma vida melhor**. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/132849/000984396.pdf>. Acesso em 06 nov 2023.

BORGES, Marcelo Augusto de Lacerda et al. **As contradições do cooperativismo na educação: um estudo de caso na Cooperativa de Ensino de Rio Verde–GO (COOPEN) entre os anos 2011 e 2015**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Universidade, 2017.

BRASIL, **Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres**. Brasília, 2011 . Disponível em: https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/copy_of_acervo/outras-referencias/copy2_of_entenda-a-violencia/pdfs/politica-nacional-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres. Acesso em 04 set de 2023.

BRASIL. **Lei nº 11340, de 7 de Agosto de 2006**. Brasília: Senado, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em 10 set. 2023.

BRASIL. **LEI nº N° 11.340, DE 7 DE AGOSTO DE 2006**. Secretaria-Geral. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA Brasil, 8 jul. 2006.

BRASIL. **Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. Economia Solidária**. Brasília, s/d. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/inclusao-productiva-urbana/economia-solidaria>. Acesso em 25 nov. 2023.

BRAYNER, Nathália Guerra. **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais**. 3 ed. Brasília: Ministério da Cultura/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2012.

BRITTO, Clovis Carvalho. **“Sou Paranaíba pra cá”: literatura e sociedade em Cora Coralina**. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) –Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.

BRITTO, Clovis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. **Cora Coralina: raízes de Aninha**. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2009.

BULHÕES, Girlene Chagas. **Palavras e imagens para pensar sobre e tentar dizer o indizível, o não dito e o interdito em museus**. Revista Eletrônica Ventilando Acervos, Florianópolis, v. especial, n. 1, p. 6-46, maio 2017.

CAMARGO, Goiandira Ortiz de. “Cora Coralina: uma poética para todas as vidas”, em DENÓFRIO, Darcy França e CAMARGO, Goiandira Ortiz (orgs.). **Cora Coralina: celebração da volta**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006.

CANÇADO, Airton Cardoso; SOUZA, Maria de Fátima Arruda; PEREIRA, José Roberto. Os princípios cooperativistas e a identidade do movimento cooperativista em xeque. **Revista de Gestão e Organizações Cooperativas**, v. 1, n. 2, p. 63-72, 2014.

CARVALHO, Gilberto. **Espero que tenhamos um governo pedagogo**. Brasil de Fato, 25 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/01/25/gilberto-carvalho-espero-que-tenhamos-um-governo-pedagogo/>. Acesso em: 07 nov 2023.

CASTAÑO, Inês Filipa Abreu de; FILIPE, Graça; VALE, José Picas do. **Patrimonialização e Sustentabilidade do Patrimônio**: Reflexão e Prospectiva. Lisboa: Instituto de História Contemporânea -Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2018.

CAVALCANTE, ANDRÉ DE SOUZA; COAN, Márluce. O vocábulo presidenta sob análise em cinco dimensões correlatas: diacrônica, interlinguística, normativa, morfológica e sociopolítica. **Signótica**, Goiânia, v. 30, n. 2, p. 182–203, 2018. DOI: 10.5216/sig.v30i2.48021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/48021>. Acesso em: 28 nov. 2023.

CERSOSIMO, Samuel Oliveira. **O "eu" no trabalho acadêmico** - Considerações sobre a proibição ao uso da primeira pessoa do singular nos textos científicos. Disponível em: https://www.academia.edu/33506740/O_eu_no_trabalho_acad%C3%AAmico_Considera%C3%A7%C3%B5es_sobre_a_proibi%C3%A7%C3%A3o_ao_uso_da_primeira_pessoa_do_singular_nos_textos_cient%C3%ADficos. Acesso em: 28 nov. 2023.

CEZÁRIO, Hilda Bárbara Maia; NETO, Joaquim Alves de Oliveira. **MUSEUS E ECONOMIA SOLIDÁRIA PARA UMA SOCIEDADE SUSTENTÁVEL. CONGRESSO DE PESQUISADORES DE ECONOMIA SOLIDÁRIA**, 1, 2015, São Carlos. Anais... São Carlos: Diagrama Editorial, 2015. Disponível em <http://conpes.ufscar.br/anais>. Acesso em: 15 dez. 2023.

CHAGAS, Mário. Oficina do Objeto. **Anais do II Seminário sobre Museus-Casas: comunicação e educação**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1998, p. 61. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=bibobpub&pagfis=3143>. Acesso em 12 dez. 2022

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 6 ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

COLETIVO FEMINISTA GSEX. **Pasquim Feminista**, Ano I, N°05, 2021

CONAES. **II Conferência nacional de economia solidária**: “Pelo Direito de Produzir e Viver em Cooperação de Maneira Sustentável”. Realização: Conselho Nacional de Economia Solidária. 2010. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/conferencias/Economia_Solidaria_II/deliberacoes_2_conferencia_economia_solidaria.pdf. Acesso em: 19 out. 2023

CONHECIMENTO, Território. **Cora Coralina: Todas as Vidas Dentro de Mim**. YouTube, 20 ago. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zSECOdMGHzM>. Acesso em: 15 set. 2023.

CORALINA, Cora. **Melhores Poemas**. Seleção de Darcy França Denófrío. São Paulo: Global, 2017.

CORALINA, Cora. **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais**. edição. São Paulo: Global Editora, 2014

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**. 1ª edição digital São Paulo: Editora Global, 2012.

CORALINA, Coralina. **Meu livro de cordel**. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 2012.

CORDEIRO, Tatiane Oliveira de Assumpção. MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E Museologia. **Revista Espacialidades**, v. 18, n. 2, p. 1-13, 2022.

DATAFOLHA. **VISÍVEL E INVISÍVEL: a vitimização de mulheres no Brasil**. 4ª edição – 2023. Disponível em:
<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf>
f. Acesso em: 07 nov 2023

DELGADO, Andréa Ferreira. Cora Coralina: a poética do sabor. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 4, n. 1, p. 59-83, 2002.

DELGADO, Esperanza Hernández. Memoria, resistencia y poder pacifico transformador de pueblos indígenas de las Amazonías colombiana y peruana. **Papel político**, v. 19, n. 2, p. 497-525, julio/diciembre 2014.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (ed.). **Conceitos-chave de Museologia**. São Paulo: Editora Armand Colin, 2013.

DUMONT MARILU. **Bordado à mão: o nobre caminho de um ofício atemporal**. Disponível em:
<https://bordadoarte.matizesdumont.com/bordado-a-mao-o-nobre-caminho-de-um-oficio-atemporal/>. Acesso em: 20 out. 2023.

ECHEVERRY, Darío Betancourt. Memoria individual, memoria colectiva y memoria histórica. In: PENAGOS, Rafael Ávila; BECERRA, Absalón Jiménez; CARRILLO, Alfonso

Torres. **La práctica investigativa en ciencias sociales**. 1 ed. Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional, 2004. p. 124-134.

ENTREMENTES E PRAZERES. **Mulheres Coralinas**. Por Ebe Maria. 19 min e 10 seg. Publicado por EntreMentes e Prazeres em 12 de ago. de 2020. Disponível em: https://youtu.be/v_fRICV3nMo. Acesso em 11 mai. 2023.

ESPERANÇA. **Arcelina Helena**. SERMIG em 04 de mar de 2009. Disponível em: <https://en.sermig.org/our-arsenals/arsenal-of-hope-s-o-paulo-brazil/articles/arcelina-helena.html> Acesso em: 15 dez. 2023

FARDINI, Giulianna. **Fundamentos do cooperativismo**. Serviço Nacional de aprendizagem do Cooperativismo e Organização das Cooperativas Brasileiras. 2017. Disponível em: <https://www.sescooprs.coop.br/app/uploads/2020/07/fundamentos-do-cooperativismo.pdf>. Acesso em: 19 out. 2023

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato si'**(sobre o cuidado da casa comum). 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_encyclica-laudato-si.html. Acesso em: 11 out. 2023

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Cora Coralina**. eBiografia, 13 jun. 2021. Disponível em: https://www.ebiografia.com/cora_coralina/. Acesso em 15 set. 2023.

GAIGER, Luiz Inácio. **A economia solidária e a revitalização do paradigma cooperativo**. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/MRR5qdXQ7q6DHZLH3VnMVLN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 nov 2023.

GUEDES, Ana Lucia; SILVA, Klaus Pereira da. **Buen Vivir Andino: Resistência e/ou alternativa ao modelo hegemônico de desenvolvimento**. Rio de Janeiro, Jul./Set. 2017.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. 21 ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1986.

ICAZA. **Economía Solidaria**: experiencias y Conceptos. Quito, Ecuador. 2015. Disponível em: <https://biblio.flacsoandes.edu.ec/libros/digital/56666.pdf>. Acesso em: 05 out. 2023

INSTITUTO PAUL SINGER, **Você conhece a Lei Paul Singer?** 24 de fev de 2022. Disponível em: <https://institutopaulsinger.org.br/portfolio-item/item3/> . Acesso em: 02 nov 2023.

IPHAN. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. Paris, 17 de outubro de 2003. Documento originalmente publicado pela UNESCO sobre o título Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage, Paris, 17 October 2003. Tradução feita pelo Ministério das Relações Exteriores, Brasília, 2006.

IPHAN. **Saberes, fazeres, gíngas e celebrações**: ações para a salvaguarda de bens registrados como patrimônio cultural do Brasil 2002-2018. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2018.

JUNIOR, Magno Vasconcelos Pereira. Patrimônio cultural e a institucionalização da memória coletiva no Brasil. **Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 23, n. 1239, p. 1-13, 2018.

KÜHL, Beatriz Mugayar. A restauração de monumentos históricos na França após a Revolução Francesa e durante o século XIX: um período crucial para o amadurecimento teórico. **Revista CPC**, São Paulo, n. 3, p. 110-144, nov. 2006/abr. 2007.

LEONELLO, João Carlos. **O associativismo como alternativa de desenvolvimento na dinâmica da economia solidária**. Franca, 2010. Dissertação (Pós-Graduação em Serviço Social da Faculdade de História) - Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia-Museu e Patrimônio, Patrimonialização e Musealização: ambiência de comunhão. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, Belém, v. 7, n. 1, p. 31-50, jan./abr., 2012.

LUDER, Amanda. **Ao menos 38 mil novas pessoas começaram a viver nas ruas desde o início da pandemia no Brasil**. G1, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/10/13/ao-menos-38-mil-novas-pessoas-comecaram-a-viver-nas-ruas-desde-o-inicio-da-pandemia-no-brasil.ghtml> Acesso em: 10 nov. 2023.

MACHADO, Ralph. **Comissão aprova versão do Senado para proposta que cria política nacional de economia solidária.** Câmara dos Deputados, Brasília, 14 out de 2023.

MACHADO, Guilherme. **Economia solidária é tema de audiência pública na Câmara.** GOIANIA, 2021. Disponível em:
<https://www.goiania.go.leg.br/sala-de-imprensa/noticias/economia-solidaria-e-tema-de-audiencia-publica-na-camara> Acesso em: 15 dez. 2023

MAGALHÃES, Aline Montenegro. Entre o museu e a cidade: um estudo sobre a Inspetoria de Monumentos Nacionais (1934-1937). In: **ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO (ENANPARQ)**, 1., 2010, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010. Disponível em:
<https://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/59/59-748-1-SP.pdf>. Acesso em: 10 set 2023.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista.** Tradução de Álvaro Pina, Ivana Jinkings. 1.ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998. 254 p. ISBN 8585934239, 978-8585934231.

MEINEN, Ênio; PORT, Márcio. **Cooperativismo financeiro, percurso histórico, perspectivas e desafios:** De cooperativa de crédito a principal instituição financeira do associado. Brasília: Editora Confabras, 2014.

MENDES, Carlos Magno et al. **Introdução à economia.** 3 ed. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2015.

MINOM, MOVIMENTO PARA UMA NOVA MUSEOLOGIA. Missiva de Nazaré - **MEMÓRIA ACESA**, XVII Conferência Internacional do MINOM, Amazônia/ Brasil, 2016. Disponível em: <http://www.minom-icom.net/files/minom-nazareth-3missiva-copiar.pdf>
Acesso em: 15/12/2023

MOLLO, Lúcia Tormin; DA MATA, Anderson Nunes. De uma literatura combativa a uma literatura pacificada: a questão do controle sobre a poesia de Cora Coralina. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 39, n. 3, p. 255-262, 2017.

MONTAGUT, Teresa. El capitalismo y sus crisis: ¿qué tipo de crisis?. **Revista Internacional de Organizaciones**, no 7, diciembre 2011, 119–132. ISSN: 2013-570X; EISSN: 1886-4171.

Museu das Bandeiras recebe mostra “Memória das Mulheres Coralinas” – Instituto Brasileiro de Museus – Ibram. Disponível em: <https://antigo.museus.gov.br/museu-das-bandeiras-recebe-mostra-memoria-das-mulheres-coralinas/> Acesso em 13 nov de 2023

OLIVEIRA, Carlos Alonso Barbosa de. **Processo de industrialização: do capitalismo originário ao atrasado**. Campinas: Editora Unesp, 2002.

OLIVEIRA, Milena Behling; RIBEIRO, Diego Lemos. **Lugares e memórias: patrimônios afetivos de Morro Redondo-RS**. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Morro Redondo, 2019.

OLIVEIRA. **Lugares e memórias: patrimônios afetivos de Morro Redondo- RS**. 2019. Orientador: Diego Lemos Ribeiro. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.

OS 20 TERMOS ESCOLHIDOS PELO ICOM BRASIL. ICOM: International Council of Museums Brasil, São Paulo, 2022. Disponível em: https://www.icom.org.br/?page_id=2249. Acesso em 10 set 2023.

PAIVA, Joana de Oliveira Ferreira. **ASCORALINAS: mulheres em movimentos**. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023.

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. O patrimônio cultural e a materialização das memórias individuais e coletivas. **Patrimônio e Memória**, v. 3, n. 1, p. 87-100, 2007.

PEZZI, Renan. A trajetória e utilização do conceito de patrimônio ao longo do tempo. **Semina-Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF**, Passo Fundo, v. 19, n. 1, p. 21-36, jan/abr. 2020.

POLETTI, Christiano Netto. **Construção do 'Estado Cultural' francês e comparação com a legislação de incentivo e proteção da cultura brasileira**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) - Centro de Ciências Jurídicas, Universidade Federal de Santa Clara, Florianópolis, 2018.

QUIJANO, Aníbal. En: **Cuestiones y horizontes : de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. Buenos Aires : CLACSO, 2014

RAMOS, Alyson Thiago Almeida. A Organização Feminina Em Empreendimentos Solidários: Uma Alternativa De Inclusão Ao Mercado De Trabalho. **Anais II Simpósio Gênero e Políticas Públicas** ISSN2177-8248ç. Universidade Estadual de Londrina, 18 e 19 de agosto de 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/alysson.pdf> . Acesso em: 06 nov 2023.

REIMER, I. R.; SIQUEIRA, E. L. VIDA E OBRA DE CORA CORALINA. Caminhos - **Revista de Ciências da Religião**, v. 18, p. 930–942, 22 dez. 2020.

RIBEIRO, G. et al. 2020: o ano para jamais esquecer. **Espaço e Economia**, n. 20, 26 nov. 2020.

RODRIGUES, Rafael. **Recria tua vida, sempre: associativismo das Mulheres Coralinas da Cidade de Goiás (2017-2021)**. 2022. 94 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, GO, 2022.

ROLLO, José Henrique. Mobilidade Social na Idade Média: um breve estudo sobre os ministeriales na Alemanha. **Revista de Ciências HUMANAS**, v. 47, n. 2, p. 289-305, out. 2013.

SANDEL, Michael J. **A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum?**. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

SANTOS, Lourival Santana; Araújo, Ruy Belém de. **Aula 3: A Revolução Industrial.**

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura Santos. Processo museológico e educação: construindo um museu didático-comunitário. **Lisboa: ISMAG/UHLT.** 317f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Bahia. 1996. Disponível em: <https://recil.ensinolusofona.pt/handle/10437/4474> Acesso em: 17 dez 2023.

SILVA, José Luís Alves da Silva; SILVA, Sandra Isabel Reis da. **A economia solidária como base do desenvolvimento local.** 2008, Disponível em: <http://journals.openedition.org/eces/1451>; DOI: <https://doi.org/10.4000/eces.1451> Acesso em: 20 out 2023.

SINGER, Paul. **Economia solidária versus economia capitalista.** 12 set de 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/Xy7BmyrV8tHfwKNVhmSXFyw/?lang=pt>. Acesso em: 02 nov 2023.

SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima (Organizadora). **Saberes das mãos e narrativas do afeto: cerâmica.** Cidade de Goiás, GO: Leodegária Publicações, 2022.

SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima (Organizadora). **Saberes das mãos e narrativas do afeto: gastronomia.** Cidade de Goiás, GO: Leodegária Publicações, 2020.

SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima; CAMARGO, Goiandira Ortiz de. **Mulheres Coralinas.** Goiânia: Cãnone Editorial, 2016.

SOARES, Sônia Helena Batista de Souza. **A produção artística das Mulheres Coralinas: uma identidade em cerâmica.** Orientadora: Renata Tavares de Brito Falleti. Cidade de Goiás, 2018. 45 p. Disponível em: https://repositorio.ifg.edu.br/bitstream/prefix/204/1/tcc_Sônia%20Helena%20Batista%20de%20Souza%20Soares%20.pdf Acesso em: 20 out 2023.

SOUZA, Luciana Cristina Romeu; TRINDADE, José Raimundo. **A inserção da mulher no mercado de trabalho brasileiro e paraense: avanços e vulnerabilidades em período recente.** Rio de Janeiro. ISSN: 2318-9517

STEIN, Stela Luciani; GODARTH, Kellerman Augusto Lemes; FERRAÇA, Amanda Cristina. A fake science das mulheres na história do cooperativismo. **Educação e Sustentabilidade**, Santa Maria, 8º fórum internacional ecoinovar, 2019.

TORRES, A.; DENISE, S.; PIMENTA, N. **COLEÇÃO HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE: VOLUME III A PANDEMIA DE COVID-19: INTERSEÇÕES E DESAFIOS PARA A HISTÓRIA DA SAÚDE E DO TEMPO PRESENTE**. [s.l.: s.n.].

Disponível em:

https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/a-pandemia-de-covid-19_intersecoes-e-desafios-para-a-historia-da-saude-e-do-tempo-presente.pdf. Acesso em: 10 nov. 2023.

VILAÇA DA SILVA, M. **TRANSFORMAÇÕES DO TRABALHO PRODUTIVO E REPRODUTIVO EM EXPERIÊNCIAS DE MULHERES DA ECONOMIA SOLIDÁRIA**. Disponível em:

http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499471850_ARQUIVO_MonicaVilaca-FazendoGenero-ST003.pdf. Acesso em: 25 nov 2023.

YOUNG, Michael. **The rise of the meritocracy: 1870–2033**. 1st ed. Melbourne: Penguin Books, 1958.

APÊNDICES

APÊNDICE A- CARTAS DE CESSÃO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE MUSEOLOGIA

CARTA DE CESSÃO DE IMAGENS E DEPOIMENTOS

Eu, Edina Maria Alves Azara, CPF 426.365.405-30 depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos da pesquisa, bem como de estar ciente do uso de minhas imagens e depoimentos, autorizo ATENEA GARCIA GOMEZ, Matrícula nº 180013718 e CPF nº 01006245103 graduanda em Museologia na Universidade de Brasília, a utilizar as informações por mim prestadas, sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes, para a elaboração de seu trabalho de conclusão de curso, que tem como título "REMOVENDO PEDRAS E PLANTANDO FLORES: Economia Solidária, Patrimônio afetivo, e Oficina do objeto na Associação Mulheres Coralinas, Cidade de Goiás-GO", orientada pelo Prof. Dr. Clovis Carvalho Britto. Autorizo, igualmente, que as informações prestadas por mim no âmbito da pesquisa, poderão ser divulgadas como produtos acadêmicos sob a forma de artigos científicos, livros e/ou comunicações orais em congressos científicos.

Goiás, __27__ de outubro de 2023.

Edina m^a A Azara
Assinatura da(o) entrevistada(o)

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE MUSEOLOGIA

CARTA DE CESSÃO DE IMAGENS E
DEPOIMENTOS

Eu, Ebe Maria de Lima Siqueira, CPF
401609711-87 depois de conhecer e entender os objetivos e
procedimentos da pesquisa, bem como de estar ciente do uso de minhas imagens e
depoimentos, autorizo ATENEA GARCIA GOMEZ, Matrícula nº 180013718 e CPF nº
01006245103 graduanda em Museologia na Universidade de Brasília, a utilizar as
informações por mim prestadas, sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes,
para a elaboração de seu trabalho de conclusão de curso, que tem como título
"REMOVENDO PEDRAS E PLANTANDO FLORES: Economia Solidária, Patrimônio
afetivo, e Oficina do objeto na Associação Mulheres Coralinas, Cidade de Goiás-GO",
orientada pelo Prof. Dr. Clovis Carvalho Britto. Autorizo, igualmente, que as informações
prestadas por mim no âmbito da pesquisa, poderão ser divulgadas como produtos
acadêmicos sob a forma de artigos científicos, livros e/ou comunicações orais em
congressos científicos.

Goiás, 27 de outubro de 2023.

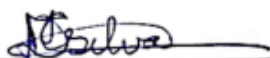
Ebe M^o de Lima Siqueira
Assinatura da(o) entrevistada(o)

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE MUSEOLOGIA

CARTA DE CESSÃO DE IMAGENS E
DEPOIMENTOS

Eu, Dinaira Francisca da Costa Silva, CPF 354598321-87 depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos da pesquisa, bem como de estar ciente do uso de minhas imagens e depoimentos, autorizo ATENEA GARCIA GOMEZ, Matrícula nº 180013718 e CPF nº 01006245103 graduanda em Museologia na Universidade de Brasília, a utilizar as informações por mim prestadas, sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes, para a elaboração de seu trabalho de conclusão de curso, que tem como título "REMOVENDO PEDRAS E PLANTANDO FLORES: Economia Solidária, Patrimônio afetivo, e Oficina do objeto na Associação Mulheres Coralinas, Cidade de Goiás-GO", orientada pelo Prof. Dr. Clovis Carvalho Britto. Autorizo, igualmente, que as informações prestadas por mim no âmbito da pesquisa, poderão ser divulgadas como produtos acadêmicos sob a forma de artigos científicos, livros e/ou comunicações orais em congressos científicos.

Goiás, 27 de outubro de 2023.



Assinatura da(o) entrevistada(o)

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE MUSEOLOGIA

CARTA DE CESSÃO DE IMAGENS E
DEPOIMENTOS

Eu, Cecilia Souza Santos Costa, CPF 426.365.405-30 depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos da pesquisa, bem como de estar ciente do uso de minhas imagens e depoimentos, autorizo ATENEA GARCIA GOMEZ, Matrícula nº 180013718 e CPF nº 01006245103 graduanda em Museologia na Universidade de Brasília, a utilizar as informações por mim prestadas, sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes, para a elaboração de seu trabalho de conclusão de curso, que tem como título "REMOVENDO PEDRAS E PLANTANDO FLORES: Economia Solidária, Patrimônio afetivo, e Oficina do objeto na Associação Mulheres Coralinas, Cidade de Goiás-GO", orientada pelo Prof. Dr. Clovis Carvalho Britto. Autorizo, igualmente, que as informações prestadas por mim no âmbito da pesquisa, poderão ser divulgadas como produtos acadêmicos sob a forma de artigos científicos, livros e/ou comunicações orais em congressos científicos.

Goiás, 27 de outubro de 2023.

Cecilia SS da Costa

Assinatura da(o) entrevistada(o)

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE MUSEOLOGIA

CARTA DE CESSÃO DE IMAGENS E
DEPOIMENTOS

Eu, Wanda Elizabeth Moiana, CPF 271.416.081-68 depois de conhecer e entender os objetivos e procedimentos da pesquisa, bem como de estar ciente do uso de minhas imagens e depoimentos, autorizo ATENEA GARCIA GOMEZ, Matrícula nº 180013718 e CPF nº **01006245103** graduanda em Museologia na Universidade de Brasília, a utilizar as informações por mim prestadas, sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes, para a elaboração de seu trabalho de conclusão de curso, que tem como título "REMOVENDO PEDRAS E PLANTANDO FLORES: Economia Solidária, Patrimônio afetivo, e Oficina do objeto na Associação Mulheres Coralinas, Cidade de Goiás-GO", orientada pelo Prof. Dr. Clovis Carvalho Britto. Autorizo, igualmente, que as informações prestadas por mim no âmbito da pesquisa, poderão ser divulgadas como produtos acadêmicos sob a forma de artigos científicos, livros e/ou comunicações orais em congressos científicos.

Goiás, __27__ de outubro de 2023.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE MUSEOLOGIA

CARTA DE CESSÃO DE IMAGENS E
DEPOIMENTOS

Eu, Josiane Silva Leite, CPF
003.864.001-56 depois de conhecer e entender os objetivos e
procedimentos da pesquisa, bem como de estar ciente do uso de minhas imagens e
depoimentos, autorizo ATENEA GARCIA GOMEZ, Matrícula nº 180013718 e CPF nº
01006245103 graduanda em Museologia na Universidade de Brasília, a utilizar as
informações por mim prestadas, sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes,
para a elaboração de seu trabalho de conclusão de curso, que tem como título
"REMOVENDO PEDRAS E PLANTANDO FLORES: Economia Solidária, Patrimônio
afetivo, e Oficina do objeto na Associação Mulheres Coralinas, Cidade de Goiás-GO",
orientada pelo Prof. Dr. Clovis Carvalho Britto. Autorizo, igualmente, que as informações
prestadas por mim no âmbito da pesquisa, poderão ser divulgadas como produtos
acadêmicos sob a forma de artigos científicos, livros e/ou comunicações orais em
congressos científicos.

Goiás, 27 de outubro de 2023.

Josiane Silva Leite
Assinatura da(o) entrevistada(o)